



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS



YEDA ANGELINA VIEIRA CANUTO

“PROJETO JOVEM LEITOR”: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO
NO ENSINO REMOTO

CAJAZEIRAS-PB

2021

YEDA ANGELINA VIEIRA CANUTO

“PROJETO JOVEM LEITOR”: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO
NO ENSINO REMOTO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração Linguagens e Letramentos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

CAJAZEIRAS-PB

2021

C235p Canuto, Yeda Angelina Vieira.
“Projeto Jovem Leitor”: uma proposta de letramento literário no ensino remoto / Yeda Angelina Vieira Canuto. - Cajazeiras, 2021.
117f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2021.

1. Leitura literária. 2. Letramento literário. 3. Projeto Jovem Leitor. 4. Estudos literários. 5. Escola. 6. Formação do leitor. 7. Escola. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

YEDA ANGELINA VIEIRA CANUTO

“PROJETO JOVEM LEITOR”: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO
NO ENSINO REMOTO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração Linguagens e Letramentos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

Aprovada em 27 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior – UFCG (Orientador)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Adriana Sidralle Rolim de Moura – UFCG

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira - PROFLETRAS/UFCG

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me guiado e fortalecido no decorrer dessa trajetória.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior, por ter me acolhido como orientanda, pela sensibilidade e humanidade com a qual conduziu a orientação e por ter sido luz em tantos momentos desse processo.

A meus pais, Maria Guilherme e João Canuto, pela força e pelo amor incondicional e aos meus irmãos e irmãs, por serem meu porto seguro.

Ao meu namorado, Talles Caio, pelo apoio e os momentos de escuta, os quais foram fundamentais.

Aos professores que estiveram na banca de qualificação, Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira e Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes, pela disponibilidade e pelas contribuições que foram bem significativas para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores do mestrado Profletras por ampliar e direcionar o meu conhecimento acadêmico.

A todos os colegas do professores do mestrado PROFLETRAS, 6ª turma do Campus de Cajazeiras, pelo companheirismo, pelas experiências compartilhadas e por terem sido fonte de inspiração.

Aos meus parentes e amigos, em geral, que me auxiliaram direta ou indiretamente.

Ao PROFLETRAS, por proporcionar uma grande oportunidade, que engrandeceu minha vida enquanto estudante e profissional.

Somos todos feitos do que outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito a possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.

Tzvetan Todorov

RESUMO

Este trabalho proporciona uma reflexão a respeito das práticas pedagógicas aplicadas aos estudos literários em sala de aula pelo professor. A escola é um dos principais ambientes detentores do contato dos estudantes com a cultura literária, por isso é importante trabalhar com práticas pedagógicas direcionadas à formação do leitor, que possam contribuir para o letramento literário. A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar o “Projeto Jovem Leitor”, implementado pelo Governo da Paraíba, no ano de 2017, para propor estratégias nas turmas do 9º ano que ampliem a competência literária dos alunos, mediante o letramento literário, bem como, auxiliar os professores a repensar sua prática. Para tanto, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa, relacionando os conteúdos das obras do programa “Projeto Jovem Leitor” a documentos oficiais da educação, como PCN’s (1998), BNCC (2017) e PCEP (2019), e levantou-se discussões sobre a contextualização da história da literatura na escola, ao passo que evidenciou-se a relevância do letramento literário na formação do leitor de literatura, com fundamento nos estudos de Cosson (2019 e 2020), Kleiman (2004), Candido (2004 e 2011), Street (1984), Zilberman (2012), Bordini e Aguiar (1988), Jouve (2012), Soares (2009), Paulino (2001), Abreu (2006), dentre outros. Nessa perspectiva, tendo como base os postulados de Cosson (2019), apresentou-se três sequências básicas, a partir do programa “Projeto Jovem Leitor” - 9º ano, que permite ao aluno experienciar, gradativamente, um conjunto de textos literários. Também é propósito deste trabalho lançar um olhar para a atual realidade da educação brasileira, já que a prática docente vivência um desafio, devido ao contexto da pandemia provocada pela COVID-19. Dessa forma, em meio a esse desafio do ensino remoto, as sequências estão adaptadas para serem aplicadas no ensino on-line. Diante disso, acredita-se que as práticas pedagógicas para o “Projeto Jovem Leitor”, mediadas por estratégias metodológicas do letramento literário, contribuem para o desenvolvimento do leitor de literatura.

Palavras-chave: Leitura literária. Letramento literário. “Projeto Jovem Leitor”.

ABSTRACT

This work provides a reflection on the pedagogical practices applied to literary studies in the classroom by the teacher. The school is one of the main holders of the contact of students with literary culture, so it is important to work with pedagogical practices directed to the reader's formation, which can contribute to literary literacy. This research has as its main objective to analyze the "Projeto Jovem Leitor", implemented by the Government of Paraíba, in the year 2017, to propose strategies in the 9th year classes that expand the literary competence of the students, through literary literacy, as well as, assist teachers to rethink their practice. To this end, bibliographic research with a qualitative approach was adopted as a methodology, relating the contents of the works of the "Projeto Jovem Leitor" program to official education documents, such as PCN's (1998), BNCC (2017) and PCEP (2019), and discussions were raised about the contextualization of the history of literature at school, while the relevance of literary literacy in the formation of literature readers was evidenced, based on the studies of Cosson (2019 and 2020), Kleiman (2004), Candido (2004 and 2011), Street (1984), Zilberman (2012), Bordini and Aguiar (1988), Jouve (2012), Soares (2009), Paulino (2001), Abreu (2006), among others. In this perspective, based on the postulates of Cosson (2019), three basic sequences were presented, from the program "Projeto Jovem Leitor" - 9th year, which allows the student to experience, gradually, a set of literary texts. It is also the purpose of this work to take a look at the current reality of Brazilian education, since teaching practice experiences a challenge, due to the context of the pandemic caused by COVID-19. Thus, in the midst of this challenge of remote education, the sequences are adapted to be applied in online education. Therefore, it is believed that the pedagogical practices for the "Projeto Jovem Leitor", mediated by methodological strategies of literary literacy, contribute to the development of the literature reader.

Keywords: Literary reading. Literary literacy. "Projeto Jovem Leitor".

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 LITERATURA E ENSINO	12
2.1 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO ENSINO DE LITERATURA	12
2.2 DO LETRAMENTO AO LETRAMENTO LITERÁRIO	20
2.3 “PROJETO JOVEM LEITOR”	28
3 PERCURSO METODOLÓGICO	38
4 O LETRAMENTO LITERÁRIO E O “PROJETO JOVEM LEITOR”	46
4.1 SELEÇÃO DAS OBRAS.....	47
4.2 SEQUÊNCIA BÁSICA	49
4.2.1 Motivação.....	50
4.2.2 Introdução.....	50
4.2.3 Leitura	51
4.2.4 Interpretação.....	51
4.3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O “PROJETO JOVEM LEITOR” EM AULAS REMOTAS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS	110

1 INTRODUÇÃO

O sistema educacional é alvo de muitas críticas, no qual um dos motivos é o grande número de alunos que se formam e não têm assegurados, no decorrer da educação básica, os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que determina o Plano Nacional de Educação (PNE). Assim mostram os exames nacionais de educação, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que foi implantado na esfera da política educacional para descrever certas informações da qualidade do ensino, com base em dois indicadores: aprendizagem e fluxo. No Ideb de 2019, todas as etapas de ensino no Brasil apresentaram avanço, no entanto, os anos finais do Ensino Fundamental ficou abaixo da meta estabelecida para a etapa, 5,2. A partir desses exames, elaboram-se políticas educacionais para sanar tais problemas e auxiliar na progressão de um ensino de qualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), documento que serve de apoio nas discussões e no desenvolvimento de programas empreendidos pelas autoridades governamentais para transformarem a realidade educacional, dentre as várias áreas do conhecimento, enfatiza o poder da literatura em suas várias dimensões, o qual pode render bons frutos no campo escolar.

Nessa perspectiva, o Governo do estado da Paraíba lançou, no ano de 2017, o programa “Projeto Jovem Leitor”, sendo um dos seus objetivos aproximar os alunos às obras literárias, possibilitando que esses textos sejam lidos e discutidos na escola. As instituições contempladas receberam uma maleta contendo 9 livros, de diversas obras, para cada estudante matriculado, na turma do Ensino Fundamental II.

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, das escolas públicas, é a falta de material didático-pedagógico para realizar um trabalho mais produtivo. À vista disso, é visível a relevância do “Projeto Jovem Leitor”, o qual surge como um suporte, para suprir um pouco da deficiência existente em várias escolas públicas da Paraíba.

Contudo, somente a posse de material não é garantia de resultados. Não é suficiente distribuir livros entre os alunos na sala de aula, como ocorre em muitas escolas, na qual são exigidas leituras, que acabam acontecendo de modo superficial, sem nenhum planejamento.

Diante disso, Bordini e Aguiar (1988) discorre ser um fato recorrente no trabalho educacional a repetição de atividade que não representa uma organicidade sistêmica,

posto que não há um projeto que as vincule entre si através de objetivos comuns. Ocorre a fragmentação dos conhecimentos, a redundância excessiva de tópicos e a dispersão do processo de aprendizagem num círculo vicioso, em que os mesmos conteúdos são continuamente ensinados e nunca aprendidos.

Essa descrição é o retrato de muitas escolas, que apresentam projetos, fazendo uso de obras literárias com objetivo de formar leitores, porém as práticas pedagógicas aplicadas pelos profissionais da educação apresentam, muitas vezes, um caráter mecanizado, descontextualizado, no intuito de obter apenas determinado conhecimento do livro. Com isso, perde desse modo, o caráter humanizador das obras literárias e seu potencial formativo de leitor proficiente.

Cabe destacar também que o texto literário em sala de aula não pode ser limitado para melhorar a ortografia ou a escrita, conforme explica Cosson (2019), o texto literário, tanto na escrita como na leitura, possibilita encontrarmos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos, porque, ao escolarizar a literatura, a escola não pode perder de foco a sua função na sociedade.

Dessa forma, a escola tem na literatura um dos mecanismos mais poderosos e indispensável para a formação de leitores críticos, sendo assim, é de suma importância o contato dos estudantes com o texto literário por meio de metodologias que auxiliem o professor a utilizarem os materiais de forma mais sistematizada para alcançarem tal objetivo.

Nessa perspectiva, diante do enorme prejuízo nas leituras descontextualizadas das obras literárias nas escolas, percebe-se a necessidade de se aplicar, no “Projeto Jovem Leitor”, estratégias sistematizadas para o ensino de literatura.

Visto a relevância de se trabalhar com práticas pedagógicas relacionadas à formação do leitor de literatura, este trabalho tem como objetivo geral analisar o “Projeto Jovem Leitor” – 9º ano, para propor estratégias que possam ampliar a competência literária dos estudantes, a partir do trabalho pedagógico com obras das maletas destinadas ao 9º ano do Ensino Fundamental II, tendo por referência uma sequência didática básica, organizada por Cosson (2019). Para tanto, os objetivos específicos estão delineados nos subtópicos do capítulo dois e contextualizam a história da literatura na escola, ao passo que evidenciam a relevância do letramento literário na formação do leitor de literatura e relacionam o conteúdo das obras do “Projeto Jovem Leitor” aos documentos oficiais da educação no Brasil.

A ideia de trabalhar com o “Projeto Jovem Leitor” percorreu dois momentos: o primeiro, a escassez de livro de literatura nas escolas, uma realidade constante na educação pública do Brasil. Depois, a forma como a leitura literária tem sido aplicada no ambiente escolar, a mediação no processo com as obras literárias tem formado leitores literários?

Assim, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, alinhando-se à criação de uma proposta metodológica que possa ser aplicada em sala de aula. Tal proposta, tem o intuito de auxiliar os professores no trabalho com o “Projeto Jovem Leitor”, para desenvolver um ensino de forma significativa de literatura na escola.

Perante esse panorama, levou-se em conta a relevância que o letramento literário apresenta no campo da literatura, devido suas contribuições para a formação de leitores de literatura, a qual inspirou nossa proposta. Dessa forma, optamos por estruturar o trabalho do seguinte modo:

O atual capítulo discorre sobre as considerações iniciais a respeito do tema deste trabalho, ou seja, apresenta a proposta de trabalho, delimitando o tema. Contém informações de como ele pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem de literatura na escola, no desenvolvimento do programa “Projeto Jovem Leitor”.

O capítulo dois, intitulado *Literatura e Ensino* traz uma perspectiva do ensino da literatura ao longo da história, apresentando alguns dos principais paradigmas do ensino de literatura na escola. Segue com um diálogo, em que se evidencia o lugar da literatura na escola e com sugestões para um ensino significativo de literatura, com pesquisadores da área do letramento e do letramento literário, tais como Cosson (2019 e 2020), Kleiman (2004), Candido (2004 e 2011), Street (1984), Zilberman (2012), Bordini e Aguiar (1988), Jouve (2012), Soares (2009), Paulino (2001), Abreu (2006), dentre outros. Além disso, também efetiva uma referência, ao passo que questionamos as práticas e o modo de implementação dos conteúdos das obras do “Projeto Jovem Leitor” - 9º ano, frente a documentos oficiais da educação no Brasil.

O capítulo seguinte, *Percurso Metodológico*, enquadra os objetivos, os métodos utilizados, a motivação e o caminho de escolha das obras selecionadas para as sequências. Tem, ainda, como objetivo delinear o caminho percorrido para a elaboração das sequências básicas, pautada na proposta de Cosson (2019), e o seu direcionamento para o ensino remoto.

No capítulo quatro, denominado de *O Letramento Literário e o Projeto Jovem leitor*, referenciamos o valor de se trabalhar com programas, como o em questão, nas

escolas, além de enfatizar a importância da seleção das obras no processo de ensino-aprendizagem da literatura. Ao passo que abordamos a necessidade de se fazer uso de metodologias que favoreçam a promoção do letramento literário, assim descrevemos, de modo sucinto, o passo a passo da sequência básica idealizada por Cosson (2019).

No intuito de lançar um olhar para a atual realidade da educação brasileira, a qual enfrenta várias dificuldades no momento, devido ao quadro da pandemia provocada pela COVID-19, as sequências estão adaptadas para serem aplicadas no ensino remoto. Em um momento posterior, de forma mais didática, apresentamos as três sequências, fruto das obras da maleta do 9º ano do programa “Projeto Jovem Leitor”, como uma proposta de intervenção para auxiliar o professor na formação de leitores de literatura em sala de aula.

Ao final, constamos a relevância deste trabalho ao apresentar uma proposta para o programa “Projeto Jovem Leitor”, na intenção de preencher uma lacuna exposta pelo sistema, apresentando discussões no campo da literatura e enfatizando os princípios do letramento literário. Ensejamos, assim, auxiliar no desenvolvimento do ensino de literatura na escola, ao possibilitar ao professor refletir, já que é o principal mediador desse processo, sabendo-se que não existe caminho único, cabe adequar o paradigma ou paradigmas que melhor servirão de base para o ensino de literatura significativo para o aluno.

2 LITERATURA E ENSINO

2.1 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO ENSINO DE LITERATURA

A literatura, quando surgiu na antiga Grécia, era intitulada de poesia; Zilberman (2008) relata que seu principal objetivo era entreter a nobreza. Alguns séculos foram necessários para a literatura apropriar-se de sua atual denominação.

Destaca-se que a poesia incorporou desde cedo um caráter educativo, o que justifica ao longo da história o seu uso pelo Estado para impor padrões almejados por este à comunidade. Corroborando com tal afirmação, a explanação da autora sobre os concursos de declamações das epopeias, organizados por Psístrato, tirano da antiga Atenas durante o século VI a.C., os quais ganhavam força no seu meio, ao possibilitar a criação de referências para os entes da comunidade, como possuidores de um passado comum, quanto o compromisso de um futuro, sem deixar de destacar os vários grupos étnicos, geográficos e linguísticos da Grécia que se integravam nessa história.

Já por volta do século V, os ideais democráticos, arquitetados pela *polis* ateniense, eram difundidos por meio da tragédia, gênero que teve origem nos festivais dedicados a Dioniso, as Panateneias. Há indícios da organização da escola na Grécia Antiga, por volta do século V a.C. Segundo Zilberman (2009), o seu funcionamento dependia da transformação da poesia em matéria de ensino. O método consistia, primeiramente, na aprendizagem da escrita e da leitura.

Já no século V ao III a.C., a escola vive uma expansão, e passa a ter formato característico, conteúdos disciplinares e metodologia compatível com o conhecimento, sobretudo da linguagem e da poesia, conforme descreve George Kennedy (1994 *apud* Zilberman, 2009, p. 10):

Na idade de seis ou sete anos, a criança podia entrar numa escola primária, ensinada por um *grammatistes*. O método de instrução era pura memorização das formas e nomes das letras, depois os sons das sílabas, e finalmente a pronúncia de palavras e sentenças. Trechos de poesia eram memorizados e recitados, e, ditados pelo professor, eram laboriosamente copiados e corrigidos. Treinamento da memória era um traço persistente de toda a educação antiga. Quando a criança podia ler e escrever, era tempo de se mudar para a escola de um *grammatiatinha* treinamento atlético, talvez lições de geometria, e seguidamente lições de música, mas nenhuma dessas era preocupação da própria escola, devotada exclusivamente aos estudos literários.

Um importante livro didático da Antiguidade, a *Ars grammatica*, de Dionísio Trácio, auxiliavam os professores e os estudantes em suas atividades diárias na escola (Cf. ZILBERMAN, 2009). Predispunha da seguinte metodologia:

[...] leitura em voz alta, incluindo compreensão da métrica usada nos versos; identificação dos tropos no texto; explanação do significado das palavras raras e das referências históricas; construção de etimologias, exercícios de declinação de nomes e de conjugação de verbos, e o que é chamado — julgamento dos poetas. O último (o chamado julgamento dos poetas) refere-se à crítica textual e literária conforme praticada pelos gramáticos profissionais, mas alguns professores provavelmente tentaram mostrar a seus estudantes o que eles viam como mérito especial dos textos estudados (Cf. ZILBERMAN, 2009, p. 10).

Dessa forma, Zilberman (2009) reflete existir na escola destaque nos estudos do texto literário, o qual servia de base para: leitura em voz alta, explicação da métrica e do vocabulário, até desembocar na compreensão do “mérito especial dos textos estudados”. A autora ainda enfatiza que o objetivo da escola não era formar leitores para a literatura, e que por muitos séculos o ensino, mesmo apropriando-se do texto literário, não teve tal intuito, um dos motivos do seu uso era por ser o gênero mais próximo da linguagem verbal.

A escola moderna, nascida também na Antiguidade greco-romana, não trouxe em seu currículo a literatura; essa apresentava-se inicialmente através do *Trivium*: a Gramática, a Lógica e a Retórica; posteriormente veio servir de espelho para o estudo das línguas grega e latina no período em que a Renascença favoreceu o ensino da cultura clássica.

Iremos ver a literatura adentrando nas escolas depois da Revolução de 1789, em que seu foco é a história literária, com o objetivo de difundir uma literatura nacional nas escolas; objetivo que irá se expandir posteriormente por toda a Europa, uma vez que:

Nada mais conveniente do que consagrar a língua dos poetas como a nacional, desprezando os fatores regionais e populares, e usar a escola como seu veículo de difusão, apostando no prestígio da literatura para validar as opções feitas. (ZILBERMAN, 2008, p. 20).

A autora aponta que a literatura, por fazer uso da língua, foi uma das modalidades de criação artísticas a entrar na escola, para servir ao estado burguês que se instituía. Destaca-se, que por essa época, já contava com sua denominação

consagrada e que a poesia era um gênero diferenciado, dividindo seu espaço com outras manifestações verbais como a eloquência, o drama e a epopeia.

Para fazer parte do projeto burguês que se organizava, a literatura necessitava ser homogênea e nacional, e assim poder ser inserida no currículo como uma disciplina. Porém evidenciou-se que:

Integrada ao currículo escolar, a literatura não podia perder sua força educativa; mas a natureza dessa foi alterada. O tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho linguístico. (ZILBERMAN, 2008, p. 20).

Dessa forma, a autora descreve a literatura como porta-voz de uma nacionalidade em construção, seguindo os moldes do Estado. Assim, deve proporcionar conhecimento linguístico de forma homogênea à nação, seguindo um eixo cronológico que coincide, pelo menos aos fatos que os grupos dominantes desejavam, com a história do país.

O modelo burguês perdeu sua eficácia pedagógica, e o ensino de literatura encontra-se sob fortes críticas, pois “Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor” (ZILBERMAN, 2008, p. 20).

O ensino da literatura passou por várias transformações no decorrer da história. No Brasil, segundo Cosson (2020), são perceptíveis seis paradigmas no ensino da literatura: dois paradigmas tradicionais – *moral-gramatical* e *histórico-nacional* –, que pertencem ao passado mais distante, e quatro paradigmas contemporâneos – *analítico-textual*, *social-identitário*, formação do leitor e letramento literário –, que emergem sucessivamente desde o final do século XX até nossos dias. A seguir, alguns aspectos dos paradigmas elencados por Cosson em sua obra “Paradigmas do Ensino da Literatura”.

O paradigma moral-gramatical começa com a chegada dos jesuítas no Brasil, durante o período de colonização do país pelos portugueses, marco de nossa história de educação formal. Educação que ficou marcada com a implementação do *Ratio Studiorum*, plano pedagógico que perpetuou por muitos séculos. Nesse contexto, os textos literários seguiam dois objetivos principais: auxiliar na aprendizagem da própria língua e proporcionar à formação moral dos alunos de acordo os ideais do catolicismo. Dado que, a princípio, os jesuítas “(...) se interessaram sobretudo pela catequese dos

indígenas. Seus produtos didáticos, portanto, dirigiam-se a essa categoria especial de público.” Zilberman (2010, p.170-171).

Cosson (2020) esclarece que a literatura neste paradigma é posta como legado do melhor da produção cultural da humanidade, embora posto como tradição, é caracterizado como atemporal e universal em suas qualidades textuais. Dessa forma, a escola possibilita aos alunos o contato com uma cultura elevada. Assim o autor descreve que:

[...] eles terão a possibilidade de aprender a falar e escrever corretamente, fruir de maneira adequada as qualidades estéticas dos textos literários e incorporar valores éticos que são parâmetros para o comportamento social das pessoas ‘educadas’. (COSSON, 2020, p. 25).

Logo, a literatura assume a função de engradecer o caráter e a linguística dos alunos, assim, os textos literários assumem prestígio pedagógico. Por conseguinte, os textos referenciados pelas escolas contêm normas de comportamentos a serem seguidos, bem como apresentam textos que sirvam de modelos para a escrita, escrita que siga o uso da norma culta.

Destaca-se que o latim era a disciplina dominante do currículo e que os autores clássicos que serviam de modelo, para que seus estilos literários fossem imitados, eram autores clássicos latinos renomados, como Cícero, Virgílio e Ovídio.

A metodologia aplicada no paradigma moral-gramatical é basicamente analítica, conforme Cosson (2020), realiza-se uma análise na intenção de descrever detalhadamente e explicar os termos que constituem o texto, mostrar sua grandeza linguística cultural e assegurar a compreensão da lição moral neles contidas.

Tais práticas, ainda se fazem presentes no ambiente escolar, principalmente, na utilização de obras literárias para destacar determinados comportamentos, aceitos ou não pela sociedade.

O paradigma histórico-nacional surge no final do século XIX e início do século XX, período em que o país ansiava por uma identidade nacional, motivado pela recente independência política. Como esclarece Alfredo Bosi, “(...) o assunto prioritário da geração de intelectuais ativos entre os anos da Independência e os meados do século XIX passava forçosamente pela construção da nova identidade nacional” (Bosi, 2000, p.14). Assim, o caráter de expressão singular da nação comede a preservação, a promoção e a divulgação da literatura nacional e passam a ser uma matéria de

interesse do Estado. Nesse contexto, a escola, a qual já se encontrava sob domínio do Estado, aparece como o meio ideal para divulgar o espírito nacionalista presente nas obras literárias, obras que permeassem o nacionalismo, o que leva a escolha de determinados autores para serem representantes do país. Contudo, não basta só representar a identidade cultural do país, é necessário seguir alguns critérios:

[...] tais como vernaculidade, posição social, étnica e genérica dos escritores, reconhecimento da crítica, elaboração estética etc. Esses diversos critérios, hierarquizados e aplicados conforme elementos intrínsecos e extrínsecos que vão das características temáticas e formais de cada texto ao momento histórico de sua produção e circulação, constituem um conjunto de obras que se identifica como o cânone literário brasileiro. (COSSON, 2020, p. 59).

Assim, moldava-se nossa historiografia literária com autores nacionais, dando vida aos nossos cânones, uma vez que, nossas referências com maior valor, até então, eram estrangeiras.

Coube ao professor, nesse processo, transmitir aos alunos seus conhecimentos sobre a cultura brasileira e suas principais expressões literárias. Corresponde a um modelo de ensino transmissivista que repercute atualmente, assim, fazia parte do nível secundário, e seguia basicamente o processo de repassar a história literária, a identificação de autores, obras mais representativas e estilos de época, a sua marca de distinção intelectual.

A literatura era matéria e disciplina focada no conteúdo para memorização. Já para o nível primário, não havia exatamente ensino de literatura, os textos literários auxiliavam como modelos de escrita e correção no ensino da leitura dentro da disciplina de Português.

O paradigma analítico-textual destaca-se no cenário educacional, segundo Cosson (2020), quando a estilística, o *new criticism*, o formalismo russo e o estruturalismo são divulgados nos cursos de pós-graduação e graduação na área de Letras, a partir da década de 70.

Nesse cenário, o objetivo principal pautava-se no desenvolvimento da consciência estética do aluno, que deveria estudar e apreciar decentemente as obras literárias referenciadas. Assim, a metodologia da análise, ponto forte desse paradigma, passa a incorporar inúmeras críticas, como o apego excessivo ao texto, uma vez que se enfatiza a forma em detrimento de sua interpretação.

Conforme apresenta Cosson (2020), esse paradigma tem como orientação e base de sustentação: o multiculturalismo, os estudos de gênero, os estudos pós-coloniais, o desconstrucionismo, o pós-estruturalismo, os estudos culturais e a teoria Queer, a Lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade no ensino básico do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, e da Lei nº 11.645/08, que altera a anterior para incluir os povos indígenas, PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao abrir espaço como tema transversal à pluralidade cultural.

O valor da literatura nesse contexto "(...) vale pelo espaço de representação social que oferece tanto ao autor quanto ao leitor." (Cosson, 2020, p.114). Dessa forma, há o objetivo de desenvolver a consciência crítica do aluno, para que ele possa se posicionar de maneira política e crítica na sociedade.

O ensino da literatura, nesse novo paradigma, não tem mostrado resultados satisfatórios na escola, em virtude da ênfase dada a representação social dos textos literários, sobressai à formação do leitor literário.

O paradigma da formação do leitor começa se desenvolver nos anos 1980, e surge, como promessa de salvação, em meio ao cenário de crise em que se encontrava o ensino da leitura. Para tanto, alguns elementos o legitimaram como os Parâmetros Curriculares Nacionais, os programas de formação docente, os cursos de extensão e formação de mediadores e animadores da leitura, promovidos pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Cultura.

Em relação ao suporte teórico e metodológico desse paradigma, existe uma fonte bastante diversificada, algumas relacionadas à sociologia da leitura, à história da leitura e à estética da recepção, às teorias pedagógicas inspiradas em Vygotsky e seus divulgadores e nos pensamentos de Paulo Freire, dentre outras. A partir dessas fontes:

[...] é possível dizer que o maior mérito desse paradigma é o reconhecimento do leitor como sujeito da leitura, cujas características, traduzidas em gosto e trajetória escolar, precisam ser levadas em conta no seu processo de formação. (COSSON, 2020, p. 188).

O leitor, então, ganha um papel importante na leitura, tem espaço a sua recepção e o sentido dado ao texto. O que configurou com a adoção, segundo o autor, da leitura literária como princípio básico do ensino de literatura, assim como fez com que a leitura integral do texto passasse a ser indispensável para a formação do leitor.

Importante posicionamento, já que por muito tempo prevaleceu uma literatura miniaturizada na escola, através de recortes apresentados pelo livro didático que conduzia a uma:

A formação literária não leva ao mundo dos livros, e sim a simulacros que, se pertencem ao campo conceitual das letras, representam-nos apenas parcialmente. O conceito de literatura aí proposto isola uma parte – o texto – do todo, o livro, produto material que congrega autor e obra, sociedade e mundo representado, cultura e economia. (ZILBERMAN, 2010, p.186).

Para a autora, a literatura fica fora da escola, não há como realizar uma formação literária a partir de fragmentos, sem considerar o todo que uma obra abrange. Esta ainda é uma realidade recorrente de muitas escolas, apesar dos novos caminhos propostos para educação.

Ao passo que abarca grandes conquistas no ensino da literatura infantil, visto que era usada como instrumento pedagógico, relata Cosson (2020), que agora tem seu espaço reconhecido, juntamente com a incorporação das preferências de leitura do aluno ao processo escolar de formação do leitor. Contudo, prevalece no ensino médio o paradigma histórico-nacional, assim há uma limitação desse paradigma que não alcança o leitor dessa modalidade.

Por último, o paradigma do letramento literário que se alinha aos demais paradigmas contemporâneos, ao se apresentar como uma prática a ser ensinada. O aparecimento da expressão letramento literário, cunhada por Graça Paulino no final da década de 1990, para fazer referência de um tipo singular de letramento e sua introdução no campo educacional. Assim definido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Paulino e Cosson, 2009, p. 67).

Merece ressaltar que, o letramento literário tem grande respaldo no atual cenário acadêmico de literatura no Brasil. Apareceu com o objetivo de defender a leitura literária na escola, contudo reconhece que o letramento literário não começa, nem termina na escola, e sim, que esta deve ampliar e aprimorar a formação do leitor de literatura.

Contrariando alguns aspectos dos demais paradigmas, no tocante ao limitar o uso das obras literárias na escola, assim não segue o:

paradigma analítico-textual, que localiza a obra literária a partir de seus elementos internos; nem o paradigma social-identitário, que aborda a obra

pelo que diz sobre o mundo que representa; nem o paradigma da formação do leitor, que renuncia a ensinar a leitura literária como um modo próprio de ler. (COSSON, 2020, p. 208).

De acordo com o autor, a leitura literária precisa ser ensinada na escola, a partir de um conjunto de textos e práticas de ler e produzir obras literárias, que percorram fundamentalmente texto, intertexto e contexto.

Considerações como essa, sobre o processo de leitura, são levantadas por Koch e Elias (2006) ao apontar que a prática de leitura requer situações que vão além do texto, pois necessitam dos conhecimentos do leitor, nos quais envolvem o intertexto e o contexto. Assim ao definir “O contexto (...) um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto” (Koch e Elias 2006, p.64). Fica claro, a importância do papel do professor como mediador e de sua percepção na seleção dos textos a serem trabalhados, para que não ocorra o erro do aluno, pode-se dizer assim, não ser capaz de contextualizá-lo, mesmo que por mediação.

Dessa forma, é necessário selecionar textos que sejam significativos para a experiência literária do estudante, bem como avançar gradativamente o nível desse letramento. No que tange, o conjunto dos conhecimentos constitutivos do contexto, destaca o conhecimento de outros textos, a intertextualidade. Na qual as autoras definem que:

A intertextualidade é o elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH e ELIAS, 2006, p.86).

No contexto, do letramento literário “(...) a intertextualidade só tem relevância enquanto uma operação do leitor e do autor para aprofundar e enriquecer a tessitura de sentidos da obra.” (COSSON, 2020, p. 209). O autor esclarece que não é pretensão dessa prática buscar um quantitativo de obras lidas pelo aluno, mas usar a intertextualidade como meio para ampliar progressivamente o seu desempenho na leitura.

A partir dos aspectos que foram apresentados neste trabalho, depreende-se que o ensino da literatura na escola é capaz de proporcionar inúmeros benefícios na formação dos estudantes, porém, encontra-se sob críticas as práticas pedagógicas

utilizadas no ensino de literatura. Assim, é preciso repensar práticas utilizadas pelo professor, já que é o principal mediador do processo, uma vez que não existe caminho único. Cabe adequar o paradigma ou paradigmas que melhor servirão de base para o ensino de literatura.

2.2 DO LETRAMENTO AO LETRAMENTO LITERÁRIO

De acordo com Soares (1998), o termo letramento surgiu no Brasil em meados da década de 80, frente à necessidade de designar um novo fenômeno que vinha sendo estudado pelos pesquisadores da época, na ocasião, mudanças estavam sendo consideradas em relação às práticas sociais da leitura e da escrita. Não se tratava da habilidade de saber ler e escrever, o que vem a caracterizar o processo de alfabetização, mas saber fazer uso do ler e do escrever.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Kleiman (2005, p. 21) afirma que o termo apareceu para representar “[...] um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém.”

Do mesmo modo, ela esclarece que a escola não é única no processo de letramento já que:

A complexidade da sociedade moderna exige conceitos também complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes. E o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares. (KLEIMAN, 2005, p. 6).

Diante disso, constatamos que o uso da escrita se encontra em todo lugar, permeando basicamente todo o cotidiano da vida da maioria das pessoas, seja em casa, na rua, no lazer. Assim se evidencia nos rótulos dos alimentos, receituário médico, avisos no parque, contratos de compra e venda, no uso do celular (com suas inúmeras linguagens), constante progressivamente na vida das pessoas. Dessa forma, é cada vez mais necessário seu domínio para se interagir de forma mais eficiente.

Soares (2009) afirma que definir letramento é um trabalho complicado, tendo duas dimensões principais: a dimensão individual e a dimensão social, pois há uma tendência nas definições atuais priorizarem uma ou outra. Dando enfoque às

habilidades individuais de ler e escrever ou nos usos, funções e objetivos da língua escrita. Ela esclarece que:

[...] dificuldade e impossibilidade devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição. (SOARES, 2009, p. 65).

Dessa forma, ao se pensar em uma definição, a qual é necessária para o estudo do fenômeno letramento, a pesquisadora coloca que deve ser considerado as habilidades e conhecimento individuais às práticas sociais, competências funcionais, bem como valores ideológicos e práticas políticas.

Em vista disso, é comum associarem alfabetização ao letramento, porém são processos distintos. A alfabetização denota, segundo Kleiman (2005, p. 13), “conjunto de saberes sobre o código escrito da sua língua, que é mobilizado pelo indivíduo para participar das práticas letradas em outras esferas de atividade, não necessariamente escolares”. Já no caso da alfabetização apresenta um caráter mecanizado ao uso e funcionamento do código alfabético, podendo ser incluindo ao letramento, mas não necessariamente sendo indispensável, uma vez que um analfabeto pode ter graus de letramento.

A alfabetização apresenta um papel fundamental para que o sujeito possa desenvolver com proficiência as práticas de letramento impostas pela sociedade. Já que a escola é apenas uma dentre as várias outras agências de letramento de nossa sociedade: trabalho, comércio, família etc. Quanto mais complexa uma sociedade, mais práticas de letramento vão surgindo. Um exemplo é o uso das novas tecnologias que são cada vez mais cobradas no ambiente escolar, para acompanhar uma tendência crescente, necessária, no perfil da comunidade.

Dessa forma, pontua Kleiman (2005, p. 16) “O letramento não é uma habilidade, embora envolva um conjunto de habilidades (rotinas de como fazer) e de competências (capacidades concretas para fazer algo)”. Então, é possível participar de eventos de letramento sem necessariamente ter ido à escola. Em relação às habilidades que se espera da escola, a autora esclarece que:

Na escola, é possível: ensinar as habilidades e competências necessárias para participar de eventos de letramento relevantes para a inserção e participação social; ensinar como se age nos eventos de instituições cujas

práticas de letramento vale a pena conhecer; criar e recriar situações que permitam aos alunos participar efetivamente de práticas letradas. (KLEIMAN, 2005, p. 18).

Diante disso, o dever da escola é desenvolver um conjunto de competências, o letramento, para que o sujeito escolarizado desenvolva capacidades para usá-las. Entretanto, para o desenvolvimento dessas competências, é preciso observar certos mecanismos, visto que não somos sujeitos homogêneos. Assim, é preciso observar o contexto social em que vivemos.

Nessa perspectiva, Street (2014) observou que nos últimos anos, as pesquisas acadêmicas sobre letramento têm se voltado em grande parte numa perspectiva teórica e transcultural. Em seu livro, *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* (2014), defende a natureza social do letramento e o caráter múltiplo das práticas sociais. Destacando que:

[...] uma mudança importante foi a rejeição por vários autores da visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra”, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos [...] (STREET 2014, p. 17).

Assim, o teórico propõe um modelo ideológico de letramento, compreendendo-o como prática concreta e social, contrapondo-se ao letramento único e neutro. Dessa forma, as práticas letradas seriam produtos da cultura, da história e dos discursos, existindo nelas relações de poder, hierarquia, controle e autoridade.

À vista disso, compreende-se que existem inúmeros tipos de letramento que permeiam as sociedades, dentre os quais o letramento literário, que para Cosson (2019, p.12), possui uma configuração especial, devido a própria natureza da escrita literária no qual “(...) o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio.”

O autor pontua a importância do letramento literário, o qual pode ocorrer na sociedade, e como prática social é de responsabilidade da escola. Porém, tal incumbência tem se mostrado, muitas vezes, ineficiente. A esse respeito, Zilberman (2012, p. 9) explana:

A escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler. Se esses objetivos não concretizam, ocorrem dificuldades que rapidamente se refletem na área cultural, mas que precisam ser sanados com a ajuda da educação.

Zilberman (2012), explica que a escola não é a detentora exclusiva da propagação da leitura e do consumo da literatura, ela possui uma importância cultural, que sistematicamente, só é notada quando ela fracassa. Ainda, enfatiza que a crise de leitura, que já rendeu diversos debates, costuma se remeter aos professores, entretanto tem uma origem antiga e envolvem diferentes seguimentos da sociedade.

Nessa perspectiva, Candido (2011) afirma que a literatura em nossa sociedade tem sido um instrumento valioso de instrução e educação, pois ela é capaz de disseminar os valores almejados pela sociedade, recurso que foi muito usado ao longo do ensino e que ainda é recorrente no ambiente educacional. Nesse sentido, ao usar um conceito amplo, ele a apresenta a seguinte definição de literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Como o próprio autor esclarece, a literatura é vista como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos; dessa forma, é só observar o ambiente que nos cerca para nos depararmos com as marcas do mundo de fabulação, que se encontra presente em cada ser humano, analfabeto ou erudito. Posta como necessidade universal, seja de expressão ou apreensão, e constitui-se em um direito de todas as pessoas. Assim, dentre as várias formas de conceber o que é literatura, Jouve (2012) nos enriquece:

A literatura, pela liberdade que se funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros. Em cada época, textos estranhos e atípicos nos mostram (ou nos lembram), que o ser humano continua sendo um universo com a vasta extensão a explorar. (JOUVE, 2012, p. 165).

Da mesma forma, Vicente Jouve (2012) defende a força da literatura, ao proporcionar a formação do espírito crítico, seja pela liberdade de juízo, que vem da

leitura feita pelo leitor, a qual requer sua análise e reflexão, uma vez que o autor detém de uma certa liberdade em relação aos sentidos da obra.

Posto dessa forma, a literatura constitui um direito, como coloca Candido (2011), ao enfatizar o caráter humanizador da literatura que, ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, liberta-nos do caos e, portanto, é uma necessidade universal que precisa ser satisfeita. O autor esclarece:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, os afinamentos das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolver em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182).

Compactuando com as convicções mencionadas, Cosson (2019) acredita que precisa haver uma escolarização da literatura para que ela concretize a sua função humanizadora. Tais afirmações abrem discussões no campo da literatura de modo recorrente, nas quais as práticas de leitura realizadas nas escolas têm sido constantemente criticadas pelos estudiosos.

Segundo Cosson (2019), os textos literários são usados como pretextos para o ensino de gramática no ensino fundamental, e ainda observa-se ocorrer a leitura pela leitura, sem nenhuma orientação ou objetivo. Nos anos iniciais do ensino fundamental, nota-se a leitura sendo praticada por apenas fruição, sem nenhum objetivo educativo. Já no ensino fundamental II, a utilização das obras literárias tem tido como foco a competência da leitura e da escrita, a qual se evidencia no preenchimento das fichas de leitura e na compreensão do livro didático.

No ensino médio, mesmo tendo um espaço reservado como disciplina, Cosson (2019) destaca que o ensino da literatura é falho. O que ocorre é o ensino da história da literatura, prevalecendo as características, listas de autores, biografias e fragmentos. A esse respeito, afere Cosson (*apud* PAULINO, 2010, p. 161): “os modos escolares de ler literatura nada têm a haver com a experiência artística, mas com objetivos, práticos, que passam da morfologia ortografia sem qualquer mal-estar”.

Uma outra questão bastante criticada pelos pesquisadores da área é a fragmentação das obras literárias, costumeiramente presentes nos livros didáticos. Referente a isso, Zilberman (2012) evidencia que:

Um projeto educacional destinado a preparar os indivíduos para o exercício competente da cidadania não supõe, acredita-se, a exclusão. Se a leitura deve contribuir para a efetivação dessa meta, ela suportará a experiência total do produto - não o fragmento sacralizado todo, mas a totalidade dessacralizada, material do livro impresso. (ZILBERMAN 2012, p. 195-196).

Para autora, ao se excluir a completude dos livros, ocorre a exclusão da natureza material da literatura no ensino, a qual tem como sua representação o livro. Dessa forma, a literatura se perde no campo de visão dos estudantes, ao se configurar nos livros didáticos de forma retalhada, e surge como um conceito vago de texto ou linguagem.

Zilberman (2012) ressalta ainda, que as escolas não produzem um modelo próprio e diferenciado de literatura, muitas acabam guiando-se cegamente pelo livro didático. Ele tem seu uso, muitas vezes, como uma receita pronta, na qual deve ser seguido fielmente, ao invés de ser apenas um material de apoio. O modelo de ensino, assim praticado, seria uma espécie de fôrma, na qual todos devem se encaixar.

Nessa perspectiva, discorre Abreu (2006, p.19) “A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.”. Assim, esse tipo de ensino pode acarretar consequências que não vão de encontro com a formação de um leitor crítico, e sim mecanizado.

Cabe destacar que tal situação é frequente em muitos exames de seleção, para adentrar em uma faculdade ou curso, na qual várias exigem a leitura prévia de determinadas obras. Contudo, como aponta Bordini e Aguiar, (1988, p. 15) “(...) a formação do leitor da literatura não pode ser idêntica à do leitor genérico ou pragmático”. Dessa forma, não se deve banalizar o uso das obras literárias, uma vez que a formação do leitor de literatura difere dos demais tipos de leitura, não deve ser mecânica, como já dito.

Diante disso, Bordini e Aguiar (op. cit.) evidenciam o quão é fundamental o papel do professor, pois por mais sofisticado que sejam os recursos metodológicos, a experiência de leitura do professor e o senso crítico são fundamentais para desenvolver um aprendizado de qualidade.

Assim, é preciso montar estratégias no manuseio com o livro literário, como as pesquisadoras indicam, em que um dos passos para desenvolver a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem

questões significativas para ele, ao trabalhar textos com os quais os alunos se identifiquem com a linguagem, ambiente, características das personagens, problemas colocados, etc. Logo, haverá uma identificação com as obras, na qual produzirá um interesse para sua leitura.

Outro ponto levantado por Bordini e Aguiar (1988, p. 25), é o perfil do professor leitor, mais uma vez fica evidente como é crucial a atuação do professor no desenvolvimento dos estudos literários que se realiza na escola. Uma vez que é o professor quem será o responsável para realizar tal diagnóstico. Assim descreve que a partir das “(..) experiências anteriores de leitura do sujeito. Pode-se chegar, então ao conhecimento dos códigos estéticos e ideológicos de que o mesmo se vale no ato de leitura.”

Consoante ao exposto, é de suma importância, no trabalho com o texto literário, o método de aplicação das atividades na escola, assim enfatizam autoras citadas, que uma estratégia eficiente é partir de textos conhecidos, para mais complexos/desconhecidos que vão ampliar o universo cultural do estudante, usando novas abordagens que rompam a acomodação, favorecendo a criação de um espírito crítico, pois as obras literárias permitem uma livre movimentação do leitor, diferente das não literárias, já que tem mecanismos mais ligados ao contexto de produção, o que deixa o texto mais rígido e restrito.

Seguindo essa linha, a pesquisadora Magda Soares (1995) explica que o estudo que se realiza sobre o texto literário na escola, tem que ser diferente dos demais textos, assim pontua que:

Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto-de-vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o “estudo” daquilo que é textual e daquilo que é literário. (SOARES, 1995, p. 43-44).

À vista disso, Vicent Jouve (2012, p.137) faz alguns levantamentos, que nos remete a refletir, posto que ao se trabalhar uma obra de arte, não se deve perguntar o que é uma obra de arte, assim, deve-se prosseguir em relação ao tato no ensino do texto literário, é preciso analisar quais os aspectos devem merecer ser considerados no currículo de ensino. De forma que cabe ao professor conduzir “(..) identificar-nos

planos cultural e antropológico- o que a obra exprime sobre o humano, assinalando o que era esperado na época, inédito à época e novo ainda hoje.”

Nessa perspectiva, evidencia-se o valor do cânone, que por muitas vezes perde o seu valor frente às novas formas de expressão, que aparecem com seus repletos de marketing para atrair o leitor, entretanto, o professor não deve desprezar os cânones, pois ele está carregado da herança cultural.

Sobre o prazer estético no ensino, Vicent Jouve (2012, p.133) diz ser um erro querer ensinar normativamente o prazer estético, pois “(...) comporta um duplo risco: afastar-se de uma obra interessante pelo fato de sua sedução se ter atenuado; fazer estudar um texto banal pelo mero motivo de ele agradar por questões conjunturais (...)”. Logo, o professor precisa romper os desafios do ensino de literatura, de um lado proporcionar mecanismos que facilitem informações sobre os textos que já não possuem o brilho de outrora, e conciliar com os textos atuais, queridos pelos jovens e muitas vezes desprezados pela elite intelectual.

Já Abreu (2006, p. 112) denota que a apreciação estética não é única, podendo haver significados distintos por diferentes grupos sociais. Assim, defende o uso dos livros preferidos dos estudantes, para serem trabalhados nas escolas. Em razão de que “Não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas - e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política.”. Para a autora, o mais importante é saber trabalhar as obras, seja ao fazer uma comparação com os textos eruditos, ou analisar como os diferentes grupos culturais lidaram e lidam com situações equivalentes.

Diante do exposto, nota-se que para desenvolver o letramento literário, de forma eficiente, a escola precisa analisar vários fatores, como fazer escolhas significativas das obras a serem trabalhadas e analisar o contexto cultural do estudante, o qual poderá servir de ponto de partida para o estudo de outras obras e possibilitar a ampliação de sua visão de mundo. Como propõe Cosson (2019, p.30):

Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Nesse caso, é importante ressaltar que tanto a seleção das obras quanto as práticas de sala de aula devem acompanhar esse movimento.

Além disso, para acompanhar esse movimento, dentre outros elementos, é essencial o papel do professor, uma vez que é o principal mediador do estudante com a literatura na escola. Ele é o responsável pelo diagnóstico, fundamental no processo para se observar o nível do estudante, para assim desenvolver um trabalho adequado à sua necessidade, bem como partir, para o que se pode melhorar. Por razões como essas, o sistema educacional precisa fornecer meios para o professor desenvolver o seu trabalho. Um dos modos apresentados são os projetos, no próximo subtópico, assim apresentamos uma discussão sobre o programa em estudo.

2.3 “PROJETO JOVEM LEITOR”

Diversas políticas educacionais são realizadas no Brasil, para desenvolver uma educação de qualidade. Elas são promovidas, a partir das necessidades da sociedade, apoiam-se nas legislações vigentes e ocorrem nas esferas federal, estadual e municipal.

Os programas implementados pelo governo nem sempre obtém os resultados almejados. Nesse sentido, Zilberman (2012, p.90) cita o programa Mobral, nos anos 70, um programa de escala nacional, que tinha como objetivo erradicar o analfabetismo no Brasil em dez anos. O programa é considerado, por muitos, como um dos maiores fracassos educacionais da história do Brasil, “com resultados, infelizmente, que não tiveram à altura dos objetivos e disponibilidades financeiras do projeto”.

Os atuais programas, também, são alvos de críticas, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), responsável por avaliar e conceder obras didáticas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática pedagógica da educação básica em escolas públicas de forma sistemática, regular e gratuita.

Recentemente, em 2017, foi lançado o Decreto nº 9.099, que unificou a aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contemplados pelo Projeto Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Projeto Nacional Biblioteca Escolar (PNBE). O Projeto Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) passou a ter nova nomenclatura e seu escopo também foi ampliado, podendo incluir, além das obras didáticas e literárias, outros materiais de apoio à prática educacional. À vista disso, encontra-se em constante modificação, como mencionado, para tentar atender às demandas da sociedade.

Nesse contexto, Zilberman (2012) destaca a presença recorrente do Estado como o cliente preferencial, dentre as várias características de ação do programa PNLD, ela cita:

O estado, em qualquer de seus níveis (federal, estadual ou municipal) e operando de modo direto por intermédio de suas instituições (agências de fomento, universidades públicas, fundações culturais) ou indireto, graças à legislação relativa à renúncia fiscal e de incentivo, intervém no preço de capa do livro, barateando seu custo ao cofinanciar a impressão de obras. (ZILBERMAN, 2012, p.90).

O Governo Federal da Paraíba, nesse enquadramento, por meio da Secretaria de Estado da Educação, conforme o extrato de contrato, disposto no Diário Oficial de 30 de dezembro de 2017, contratou a Mundial Edições e Representações Eireli pelo valor de R\$ 7.999.911,40. Na ocasião, adquiriu o material pedagógico “Projeto Jovem Leitor”, para os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, da rede pública do estado da Paraíba, composto por uma caixa contendo 08 livros paradidáticos e 01 atlas geográfico.

Como já mencionado, as políticas educacionais orientam todo o processo de ensino para as escolas. Diante disso, convém perpassar, ao passo que se esmiuça o “Projeto Jovem Leitor”, os principais documentos que conduzem a educação nas escolas paraibanas.

A principal lei do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), apresenta, em seu artigo 32, como um dos objetivos da educação no ensino fundamental “I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;” (BRASIL, 1996).

Com relação ao pleno domínio da leitura, presente no artigo em questão, há inúmeras críticas, devido ao grande número de estudantes que se formam e não alcançam a proficiência esperada na leitura. Dessa forma, com o intuito de superar esse déficit, um dos meios utilizados pelos responsáveis da área, para auxiliar na obtenção de tal propósito, é a elaboração de projetos.

Em função disso, o Governo do estado da Paraíba lançou, no ano de 2017, o “Projeto Jovem Leitor”. As escolas contempladas com o programa receberam o material pedagógico: uma maleta para cada ano do Ensino Fundamental II, contendo 9 livros cada.

Os livros das maletas são em sua maioria literários; dos nove livros, sete são obras literárias, e cabe ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o qual tem como

função servir de suporte para auxiliar no desenvolvimento de projetos escolares, reflete sobre a prática pedagógica, bem como na análise de seleção de materiais. Para tanto, contém um tópico nomeado *A especificidade do texto literário*, o qual apresenta:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26).

O documento destaca o texto literário entre os demais textos, descreve a sua propriedade enriquecedora e o seu diferencial ao tratar dos muitos sentidos atribuídos ao uso da linguagem e da língua. À vista disso, um projeto partindo de obras literárias, é um cenário rico para a produção de muitas possibilidades que o caráter singular da literatura pode proporcionar. Nesse sentido, cabe destacar o disposto nos PCN's:

O terceiro e quarto ciclos têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior. Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 1998, p. 70).

É descrita, pelo documento oficial, uma encruzilhada, na qual encontra-se a formação de leitores. De um lado, temos um leitor que conseguiu desenvolver a competência leitora, e estará apto para os desafios que virão, do outro, será necessário a escola fazer uso de mecanismos, caso queira que o estudante não desista de ler, por não estar acompanhando as demandas colocadas pela instituição.

Dessa forma, a escola é posta como tendo um papel fundamental, a qual deve implementar projetos que possibilitem formar leitores ideais. Conforme supracitado, é na fase final do ensino fundamental que há uma grande chance do estudante deixar a leitura literária. Assim, perde-se a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, no caminho para textos originais e integrais.

Uma vez que, a maioria dos alunos, ao longo dos estudos na educação básica, tem contato apenas com fragmentos de textos literários, presentes nos livros didáticos. Posto que,

o ideal é esse contato, de textos integrais, ocorrer em todas as modalidades do ensino, mesmo que de forma gradativa, de uma obra mais simples para uma mais complexa.

A Base Nacional Comum Curricular (2017), documento que norteia os conhecimentos, competências e habilidades que o aluno deve ser capaz de desenvolver em toda a etapa da escolaridade básica, enfatiza a importância da literatura no processo de formação do leitor, no campo artístico-literário, na apresentação das práticas de linguagem do Ensino Fundamental nos Anos Finais, assim discorre:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p.139).

É caracterizado pela Base, o feitiço humanizador da literatura, e fica evidente do quão é necessário a prática do letramento literário na escola. Porém, para que ocorra tal propósito, é necessário um suporte, como uma biblioteca bem equipada na área literária, conduzidas por bibliotecários e professores leitores que tenham engajamento para promover as obras literárias. Para isso, faz-se necessário uma boa fundamentação teórica e metodológica, que possa se aplicar em um plano de ensino da leitura de textos literários, que possibilitem uma interação democrática entre professores e alunos. Esses são caminhos para que a escola exerça com eficácia a promoção do letramento literário.

Nessa perspectiva, é compreensivo o desânimo e o despreparo de muitos profissionais da educação, sobretudo pela falta de material didático-pedagógico. Diante disso, é notável a relevância do programa “Projeto Jovem Leitor”, o qual surge como um suporte para suprir, um pouco, a deficiência existente em várias escolas.

A maleta literária foi organizada pela Mundial Editora, existente há mais de 10 anos no mercado, a qual trabalha com diversos produtos nas áreas da saúde, educação, beleza, concurso, pesquisa e religião.

O programa “Projeto Jovem Leitor” engloba 4 maletas, com nove livros, sendo predominante os literários. As obras literárias são diversificadas, de diferentes autores e estilos, as quais são destinadas para os quatro Anos Finais do Ensino Fundamental.

Será dada ênfase a descrição apenas das obras literárias, pertinente ao conteúdo do presente trabalho.

A maleta do 6º ano apresenta as seguintes obras literárias: *Sonho De uma Noite de Verão*, *Muito barulho por nada*, *Robin Hood*, *Cem Grilos e Outras Histórias*, *Os Trabalhos de Hércules*, *Ideias de Canário*, *Patativa do Assaré – Cordel na Escola* e *Uma Voz do Nordeste*.

Figura 1 – Imagem da Maleta do 6º ano, do “Projeto Jovem Leitor”



Fonte: Mundial Edições

A maleta do 7º ano apresenta as seguintes obras literárias: *Natan*, *O Sábio*, *Romeu e Julieta*, *Guilherme Tel*, *Encontros de Histórias: Do Arco Iris à Lua do Brasil à África*, *Leonardo Da Vinci – Homem da Renascença*, *O Homem da Cabeça de Papelão*, *Livro dos Dragões*, *João Martins de Athayde*, *Tipógrafo, Editor e Poeta – Cordel na Escola*.

Figura 2 – Imagem da Maleta do 7º ano, do “Projeto Jovem Leitor”



Fonte: Mundial Edições

A maleta do 8º ano apresenta as seguintes obras literárias: *Fausto*, *O Alienista*, *Castro Alves: O poeta da abolição*, *A Metamorfose*, *Contos de Piratas*, *Vocação de Cantador – Cordel na Escola e Ispinho e fulô*.

Figura 3 – Imagem da Maleta do 8º ano, do “Projeto Jovem Leitor”



Fonte: Mundial Edições

E a do 9º ano apresenta as seguintes obras literárias: *O Médico e o Monstro*, *Eu, O Gato Preto e outros contos*, *Mensagem*, *A cor que caiu do espaço*, *Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos* e *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*.

Figura 4 – Imagem da Maleta do 9º ano, do “Projeto Jovem Leitor”



Fonte: Mundial Edições

Muitos dos livros existentes nas maletas são adaptações de obras consagradas da literatura internacional, como *O Fausto*, *Romeu e Julieta*, *O Médico e o Monstro*, *Robin Hood* e *A Metamorfose*. Com efeito, Cosson (2019, p. 34) enfatiza que “O

letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”. Dessa forma, são realizadas adaptações dos textos clássicos, numa tentativa de torná-los mais atrativos. Ainda assim, o autor coloca a importância em não se menosprezar o cânone, pois é engrandecido da herança cultural de uma comunidade. Logo, é uma das responsabilidades do professor realizar um trabalho progressivo de textos mais simples para os mais complexos. Ainda sobre a seleção dos textos, Cosson (2019, p. 32) expõe:

Na escola, outros fatores são acrescentados à seleção da literatura. O primeiro diz respeito aos ditames dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com os fins educacionais, que podem ser tanto simples fluência da leitura, como acontece em geral nas séries iniciais, quanto a ratificação de determinados valores, incluindo-se aqui, obviamente, a cultura nacional, já no ensino médio. O segundo traz a questão da legibilidade dos textos, que, separando os leitores segundo a faixa etária ou série escolar, determina um tipo diferente de linguagem para os grupos formados com base na correlação das duas variáveis. O terceiro está relacionado às condições oferecidas para a leitura literária na escola.

De fato, o “Projeto Jovem Leitor” segue os critérios apontados pelo autor, pois reforçando o que já foi dito, em relação aos clássicos, as obras renomadas da literatura nacional são também contempladas no projeto, detendo de títulos como “Eu” de Augusto dos Anjos, “Cordel na Escola, Uma Voz do Nordeste” de Patativa do Assaré e “O Alienista” de Machado de Assis.

A Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019) parte da base comum curricular dando ênfase às características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos paraibanos. Ela apresenta como um de seus objetivos “Ler, compreender, interpretar textos literários de autores paraibanos.” (PCEP, 2019, p.100).

Seguindo esse escopo, a maleta do 9º ano, por exemplo, reúne obras referentes ao universo paraibano. Ela contém o livro intitulado “Eu” do autor paraibano Augusto dos Anjos; a biografia em quadrinhos da escritora paraibana, que nasceu em João Pessoa, Anayde Beiriz, escrita por Luyse Costa, também paraibana e um quadrinho sobre Lampião, uma das figuras mais emblemáticas da cultura nordestina, produzida por Klévisson Viana.

Dando continuidade com a maleta do 9º ano, foco desta pesquisa, ela porta nove livros, sendo sete desses, obras literárias. Quatro obras pertencem a literatura internacional: *A cor que caiu do espaço*, *Mensagem*, *O Médico e o Monstro* e *O Gato*

Preto e Outros Contos. E as demais, como já foi supracitado, são nacionais: *Eu, Uma Biografia em Quadrinhos e Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*.

Considerando o que a BNCC (2017) espera a ser alcançada nos estudos literários na escola, o material presente na maleta do 9º gera possibilidades viáveis para o professor. No campo artístico-literário, é proposto pelo documento o contato com as manifestações artísticas em geral, contudo a arte literária apresenta proeminência:

Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética. (BRASIL, 2017, p.138).

Segundo a BNCC (2017), a formação literária compreende um conhecimento de gênero narrativo e poético. Nesse âmbito, as obras presentes na maleta do 9º ano mostram diferentes estilos e tempos, presentes em seus conteúdos. Uma vez que abarca obras da literatura clássica e obras regionais, com temas que se aproximam, terror (*O Médico e Monstro, O Gato Preto e Outros Contos e A cor que Caiu do Espaço*). Sendo abordados de formas diversas: contos, novela e ilustrações. Apresenta, ainda, gêneros iguais, dois livros de poesias, porém com autores e estilos diferentes. Dessa forma, as obras, que fazem parte da maleta do 9º ano, são um meio para propiciar o fortalecimento de uma formação literária.

Evidencia-se uma atenção aos textos literários nos documentos oficiais, por tudo que a literatura pode proporcionar no desenvolvimento dos estudantes, assim como explicita a Base Nacional Comum Curricular (2017, p.156):

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores fruidores.

Para promover a formação do leitor, como o próprio documento cita, faz-se necessário que o professor esteja hábil para tal tarefa. Pois nota-se, segundo Bordini e Aguiar (1998, p.15) “O esvaziamento do ensino de literatura (...) Não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase.” Nesse sentido, justifica-se o notável apego do professor com o livro didático e a falta de preocupação de estudar a teoria literária dos exercícios e dos procedimentos didáticos. Assim:

Verificam-se, portanto, de um lado, professores maciçamente acomodados ante o problema da leitura, refazendo práticas consagradas pela tradição cultural (a leitura gramatical do texto, a explicação do texto pelo modelo francês, que se limita a redizer o que a obra já diz; o ensino pela informação sobre e não pela experiência de), enquanto uma minoria dá impulso a posturas mais abertas, buscando restituir ao aluno as possibilidades de que ele estabeleça o seu próprio vínculo com a matéria ficcional, pesquisando, sobretudo na prática, soluções para vencer problemas já crônicos como a indiferença, o desânimo e a falta de familiaridade com a cultura letrada.(BORDINI E AGUIAR 1988, p. 50).

Dessa forma, é incontestável a necessidade de aprimorar e incentivar a formação do professor. Seguindo essa perspectiva, de acordo com os dados fornecidos pela redação do PBAGORA (2017), a Secretaria de Estado da Educação (SEE), mediante a Gerência Executiva de Educação Infantil e Ensino Fundamental (GEEIEF), realizou, no ano de 2017, a formação do “Projeto Jovem Leitor”. A capacitação foi destinada a 1.028 professores de Língua Portuguesa, que lecionava aulas do 6º ao 9º no Ensino Fundamental da Rede estadual de Ensino da Paraíba.

Segundo a redação do site PBAGORA (2017), o treinamento ocorreu a partir de Oficinas de Mediação de Leitura para a Formação de Jovens Leitores, com duração de 3h30min, em um dia. As Oficinas de Mediação de Leitura ocorreram nas 14 regionais de ensino do estado Paraíba, foram ministradas por professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Serviu, desse modo, como apoio para o professor aplicar o programa “Projeto Jovem Leitor” na escola. Porém, é nítida as lacunas deixadas no sistema.

Conforme descrito, a formação deu-se apenas uma vez, então, esse programa duraria apenas um ano, ou nos anos seguintes não se faz necessário aplicar uma nova formação. Mesmo que uma única formação fosse suficiente, as escolas mudam de professores e professores podem mudar de turma. Diante disso, fica evidente uma

situação injusta: programou-se o projeto para apenas um ano, sabendo-se da carência de material literário nas escolas públicas.

Cabe destacar que no site oficial do governo, *Paraíba faz Educação*, encontra-se apenas a descrição do projeto: “Incentivar a leitura de textos literários visando estimular a formação do aluno como leitor por meio do contato entre o indivíduo e o texto. Além disso, consiste em apresentar a importância da leitura de textos literários para a contribuição do ensino da Língua Portuguesa. Em processo, atende a 86.725 estudantes.”



Fonte: Disponível em: <<https://paraibafazeducao.com.br/projetos/projeto-jovem-leitor/>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Diante disso, este trabalho tem o intuito de auxiliar o professor a preencher a lacuna deixada pelo sistema, mostrando possibilidades de rever e aplicar a prática do letramento literário, bem como apresentar sequências, a partir das obras literárias presentes na maleta do 9º ano, para suplementar os meios aplicados na sala de aula, que venham a garantir a formação do leitor literário.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho segue o processo de pesquisa bibliográfica, alinhando-se a criação de uma proposta metodológica que possa ser aplicada em sala de aula. Tal proposta tem o intuito de auxiliar os professores no trabalho com o “Projeto Jovem Leitor”, para desenvolver um letramento literário de forma significativa na escola.

Em relação à abordagem, segue uma linha qualitativa, pois “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Dessa forma, o desenvolvimento da pesquisa qualitativa tem como requisitos indispensáveis a análise dos eventos ao passo em que se tem a tarefa de atribuir os seus significados, assim o processo não requer de técnicas estatísticas, pois tem a fonte dos dados no ambiente. Segundo Prodanov e Freitas, uma pesquisa é bibliográfica (2003, p. 54):

quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

O levantamento bibliográfico é de suma importância, sendo necessário o seu uso nas demais pesquisas. Para amparar o presente estudo, foi realizado no primeiro capítulo, um levantamento baseado nos estudos de Cosson (2019 e 2020), Kleiman (2004), Candido (2004 e 2011), Street (1984), Zilberman (2012), Bordini-Aguiar (1988), Jouve (2012), Soares (2009), Paulino (2001), Abreu (2006), dentre outros. Com bases nesses estudiosos, foi possível repensar as práticas e os desafios, bem como possibilidades que podem proporcionar o letramento literário na escola.

Diante disso, coloca Gil (2014, p.50) que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. À vista disso, a pesquisa bibliográfica permite fazer um apanhado de vários fenômenos, em muitos ângulos, que possa vir de encontro com o problema em estudo. Dessa forma, permite inúmeras possibilidades de sondagens.

Na descrição do “Projeto jovem Leitor”, o tópico 2.3 deste trabalho, são tecidas considerações relativas ao campo literário e o que se espera das escolas paraibanas, tendo como aporte os documentos oficiais da educação: LDB (1996), PCN’s (1998), BNCC (2017) e a Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019).

A ideia de trabalhar com o programa “Projeto Jovem Leitor” percorreu dois momentos: o primeiro, a escassez de livro de literatura nas escolas, uma realidade constante na educação pública do Brasil. Depois, a forma como a leitura literária tem sido aplicada no ambiente escolar. Diante do que foi apresentado, constatou-se que a simples leitura do texto literário não é suficiente para a promoção da escolarização da literatura.

Assim, o presente trabalho propõe uma intervenção pedagógica com base no modelo de sequência criada por Cosson (2019). No livro “Letramento Literário teoria e prática”, Cosson (2019) propõe duas sequências, uma básica e uma expandida, para o ensino de literatura na escola. A sequência proposta é básica, a partir da maleta do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, do programa “Projeto Jovem Leitor”, que pode servir de suporte para o desenvolvimento de sequências para as outras maletas.

O material pedagógico “Projeto Jovem Leitor”, um dos programas instituído pelo governo da Paraíba, tem um grande valor, pois cria a oportunidade de acesso a livros variados de literatura, de diversos gêneros e temas, para os alunos de escolas públicas.

Dessa forma, surge para amenizar um dos problemas que as escolas públicas enfrentam. Contudo, cabe ressaltar a observação de Zilberman (2012, p. 94) sobre o assunto:

Embora tenham em vista o benefício da escola e do estudante, quem parece levar mais vantagens é o capital privado, pois as editoras recebem ajuda financeira antes ou depois de editarem os livros. E, enquanto os destinatários finais – professores e alunos – pouco podem opinar sobre o material que lhes foi generosamente doado (e é por essa razão que não o fazem), os beneficiários iniciais podem usar de seu poder para tentar influir na decisão sobre a aquisição dos títulos a editar ou adquirir.

Sob essa conjectura, a única escolha, no momento, foi em relação à aplicação desse material, então, qual metodologia usar para desenvolver a competência literária do aluno? Assim, optou-se por seguir os princípios do letramento literário, uma vez que os estudos recentes desse campo têm apresentado grande êxito.

Nessa perspectiva, os textos selecionados foram aqueles, que julgou-se, capaz de proporcionar experiências significativas para os alunos, tendo como

referência, além dos teóricos supracitados no desenvolvimento das atividades, o paradigma do letramento literário, apontado por Cosson (2020) em seu livro *Paradigmas do ensino da literatura*. Neste, o autor discute sobre as questões do paradigma ao evidenciar: concepção de literatura, o valor da literatura, o objetivo do ensino de literatura, conteúdo ou o que se ensina quando se ensina literatura, a metodologia, o papel do professor, o papel do aluno, o papel da escola, o lugar disciplinar da literatura, a seleção de textos, o material de ensino, as atividades de aula, avaliação e crítica.

Levando-se em consideração as especificidades do aluno, 9º ano do Ensino Fundamental II, para qual direcionou-se a proposta, os livros escolhidos foram: *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, de Klévisson Viana, *Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos*, de Luyse Costa e *Eu*, de Augusto dos Anjos.

Nas sequências, foram analisadas a pluralidade e a construção dos textos. As duas primeiras obras escolhidas pertencem ao gênero história em quadrinhos, as quais são livros contemporâneos destinados ao público infantojuvenil. Cosson (2020) chama a atenção ao uso desse gênero, muitas vezes usados na escola como um suporte para auxiliar no código escrito, perdendo o valor literário do gênero em seus aspectos multissemióticos.

Assim, é indispensável apreciar tanto o valor literário da escrita nesse formato, como a leitura da imagem. A terceira escolha é uma obra renomada da literatura brasileira, o livro *Eu*, do escritor Augusto dos Anjos. Dessarte, o objetivo da proposta é propiciar um letramento literário gradativo com os textos. Como enfoca Fidelis (2019, p.186):

não se trata, apenas, de conceber essa literatura como uma “porta de passagem” para a dita literatura “séria”, como apregoa uma parte da crítica literária, mas, principalmente, de possibilitar ao leitor diversas experiências de leitura. Por um lado, a literatura como polissistema permite ao leitor colocar a literatura (o cânone) ao lado da literatura (os demais sistemas do polissistema –literatura de massa, entre eles), sem juízos de valor que hierarquizam de forma estanque as obras.

Dessa forma, faz-se necessário considerar as várias formas literárias de criação, de troca de experiências, de interpretação, e assim compartilhar diferentes meios de leitura, ao considerar o campo literário do jovem, partir do conhecido e fortalecer a comunidade leitora do aluno.

Convém destacar “que o grau de complexidade da obra é determinado não apenas pela sua constituição textual, mas também pela forma como é manuseada” pontua Cosson (2020, p. 225). Portanto, o que determina o sucesso do letramento literário não é a leitura de uma obra que detenha uma qualidade inquestionável, mas, o manuseio, os caminhos que se traçam no processo de trabalho com o texto literário.

Assim, buscou-se explorar, de forma significativa, os textos selecionados para a sequência. Um dos mecanismos usados foi estabelecer um diálogo sucessivo entre as obras, tanto no viés temático, como na composição dos textos, passando pela leitura da obra literária como texto, intertexto e contexto, como já descrito neste trabalho. Uma vez que as obras se interligam em diversos pontos, ainda permite, de forma sistematizada a ampliar a visão do aluno quanto a interpretação, compreensão, contextualização e compartilhamento dos conteúdos abordados.

A sequência didática proposta tem a leitura literária como eixo norteador de toda atividade de ensino-aprendizagem, assim, parte-se das obras supracitadas e proporciona-se uma vinculação, durante o processo, com objetos textuais variados, como música, tirinha, notícia de jornal, filmes, dentre outros. Busca-se por favorecer composições comunicativas atuais que entrelaçam o cotidiano dos alunos, como uma forma de garantir a formação crítica e autônoma por meio de diferentes práticas sociais de linguagem.

Em face das novas demandas do ensino, surge mais um desafio; primeiro, cabe salientar que este trabalho iria ser uma pesquisa-ação, a qual teria como finalidade analisar as propostas pedagógicas em uso pelos professores, durante as aulas, para contribuir com o letramento literário dos alunos, bem como, a partir de tais observações repensar novas práticas. Contudo, foi necessário repensar a pesquisa, devido a pandemia da COVID -19, que se alastrou no ano de 2020, a qual mudou o cotidiano das escolas brasileiras, e que ainda perdura durante o ano de 2021.

Diante disso, novos meios de ensino foram postos às pressas, metodologias que antes eram restritas a um grupo seletivo, tornou-se uma das poucas opções para o momento. Entretanto, cabe ressaltar que a cultura digital era uma forma já evidenciada pela BNCC (2017), que reconhece o seu caráter fundamental para o desenvolvimento do aluno. Assim ela esclarece:

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise

aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes. (BRASIL, 2017, p.61).

Dentre os vários desafios que o documento aponta, é evidente que o acesso e o uso limitado das tecnologias aumentam a desigualdade, porém cabe, também, a escola o desafio de propiciar meios que proporcionem a formação das novas gerações. Nesse sentido, as sequências foram adaptadas para as aulas remotas, para serem trabalhadas por meio de recursos digitais, na intenção de traçar possibilidades para um ensino significativo de letramento literário.

No tópico, 4.2 *Sequência Básica*, mostra de forma sucinta as etapas da sequência básica proposta por Cosson (2019), apresentando, assim, o processo sistemático da estratégia. As sequências propostas, neste trabalho, estão dispostas no tópico 4.3 *Uma Proposta de Intervenção para o “Projeto Jovem Leitor” em Aulas Remotas*; neste tópico todas as etapas e atividades estão descritas de forma didática. No entanto, na intenção de oferecer uma apresentação inicial das sequências, um quadro-resumo das atividades. Segue os quadros:

QUADRO 1 - Sequência 1: “Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”

ETAPA	OBJETIVO	MATERIAL	RECURSOS DIGITAIS
Motivação	Motivar os alunos para a recepção do texto.	Imagem de uma mulher que virou HQ por salvar um motorista. Disponível em: https://catracalivre.com.br/dimenstein/imagem-da-mulher-salvando-motorista-vira-hq-e-bomba-na-internet/ . Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, WhatsApp e Jamboard.</i>
Introdução	Perceber o livro de modo positivo.	Livro “Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”, de Klévsson Viana (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) e biografia e obra do autor do livro. Disponível em: (JAHN, Lívia Petry. Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010. p. 113). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>

Leitura	Ler o texto principal.	Livro “Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”, de Klévsson Viana (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet.</i>
Intervalo 1	Apreender o sentido global do texto a partir de interpretações compartilhadas orais e escritas.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Intervalo 2	Estabelecer uma comparação do livro com a cena do filme para aprofundar a interpretação inicial.	Vídeo “O Auto da Compadecida: O cangaceiro Severino é engabelado”. Disponível em: http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/o-auto-da-compadecida-o-cangaceiro-severino-e-engabelado-por-joao-grilo/2628227/ . Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Interpretação	Realizar um Júri simulado.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, WhatsApp e Microsoft PowerPoint.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 2 - Sequência 2: “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”

ETAPA	OBJETIVO	MATERIAL	RECURSOS DIGITAIS
Motivação	Sensibilizar os alunos para a recepção do texto.	Imagem da página 32, do livro “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Ana Luyse Costa (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, WhatsApp e Jamboard.</i>
Introdução	Perceber o livro de modo positivo.	Livro “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Ana Luyse Costa. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) e biografia e obra da autora do livro. Disponível em: (JAHN, Lívia Petry. Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010. p. 113). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Leitura	Ler o texto principal.	Livro “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Ana Luyse Costa. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet.</i>

Intervalo 1	Apreender o sentido global do texto a partir de interpretações compartilhadas orais e escritas.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Intervalo 2	Relacionar a temática abordada no texto principal a outras linguagens e textos atuais.	Notícia “DF: Vizinhas mandam e-mail pedindo para moradora não usar ‘shortinhos’ no condomínio e a música “Triste, Louca Ou Má”, de Francisco, El Hombre. Disponível em: https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/ . Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Intervalo 3	Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quanto às ideias e à forma.	Livro “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Ana Luyse Costa. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) e o livro “Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”, de Klévsson Viana (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”). Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Interpretação	Produzir um comentário de leitor.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, WhatsApp e Microsoft PowerPoint.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 3 - Sequência 3: “Eu – Augustos dos Anjos”

ETAPA	OBJETIVO	MATERIAL	RECURSOS DIGITAIS
Motivação	Preparar os alunos para a recepção do texto.	Tirinha “Augusto e Eu”, de Val Fonseca. Disponível em: http://gibiarte.blogspot.com/2014/07/augusto-eu-tiras-09-12.html Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, WhatsApp e Microsoft PowerPoint.</i>
Introdução	Perceber o livro de modo positivo.	Livro “Eu – Augusto dos Anjos”, organizado por Fabiano Calixto. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) e biografia e obra do autor do livro. Disponível em: https://www.infoescola.com/escritores/augusto-dos-anjos/ Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Leitura	Realizar a leitura do poema.	Poema “Psicologia de um Vencido” de Augusto dos Anjos, disposto no livro “Eu – Augusto dos Anjos”, organizado por Fabiano Calixto. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) Vídeio de declamação do poema “Psicologia de um Vencido”. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/60822_psicologia-de-um-vencido.html Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet.</i>

Intervalo 1	Apreender o sentido global do texto a partir de interpretações compartilhadas orais, pesquisas e escritas.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Intervalo 2	Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quantos às ideias e à forma.	Poema “Psicologia de um Vencido” de Augusto dos Anjos, disposto no livro “Eu – Augusto dos Anjos”, organizado por Fabiano Calixto. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) e o livro “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Ana Luyse Costa. (a obra faz parte do programa “Projeto Jovem Leitor”) Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, Microsoft PowerPoint e WhatsApp.</i>
Intervalo 3	Relacionar a temática abordada no texto principal a outras linguagens e textos atuais.	Música “Saia de Mim”, de Arnaldo Antunes. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/titas/saia-de-mim.html e a tirinha Dona Anésia, de Will Leite. Disponível: http://www.willtirando.com.br/category/anesia/ Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet e WhatsApp.</i>
Interpretação	Produzir um sarau poético on-line.	Computador com acesso à internet.	<i>Google Meet, Microsoft PowerPoint, WhatsApp e YouTuber.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Por fim, a intenção é conduzir o professor pesquisador a utilizar o material, aqui proposto, como um suporte para desenvolver a competência leitora dos alunos mediante estratégias específicas para o ensino de literatura. Desse modo, baseando-se no caderno das sequências do 9º ano, e partindo dos estudos levantados no presente trabalho, espera-se por motivar e fornecer alternativas para o desenvolvimento de sequências para as demais maletas literárias.

4 O LETRAMENTO LITERÁRIO E O “PROJETO JOVEM LEITOR”

A literatura sempre foi recorrente no ambiente escolar, porém seu uso, de forma constante, veio carregado de pretextos. O ensino da literatura na sala de aula deve favorecer a formação do leitor de literatura, é o proposto neste trabalho, por meio do letramento literário, a partir do uso do programa “Projeto Jovem Leitor”. Nesse sentido, os PCN’s:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p.27).

O documento aponta uma série de equívocos, que ocorrem na escola, no manuseio do texto literário. Um problema recorrente, em muitas salas de aula, é o apego excessivo ao livro didático, o qual gera situações em que o aluno pensa existir apenas uma resposta correta, a do livro didático. Dessa forma, pode ocorrer situações em que ele ache que seu esforço não vale a pena, tente adivinhar a resposta do livro didático ou ainda priorizá-la.

Situações, como a descrita, não favorecem o desenvolvimento crítico do aluno. Sendo que ele deve sentir que há uma liberdade, dentro do contexto, no estudo da obra literária, própria das construções literárias

No entanto, muitos alunos só têm acesso aos materiais de literatura na escola, através do livro didático, o que torna mais relevante as estratégias metodológicas que se adequem à realidade sociocultural dos leitores. Cabe destacar que os livros didáticos não são os únicos recursos. Nesse sentido, pontua os PCN’s (1998, p.39) a tarefa do professor e da escola na articulação das tarefas, que não devem ser “apenas no sentido de planejar situações didáticas de aprendizagem, mas organizar a sequenciação dos conteúdos que for, de um lado, possível a seus alunos e, de outro, necessária, em função do projeto educativo escolar.”

À vista disso, o aluno precisa exercer o seu papel na escola, de construtor de conhecimento, agente modificador da sociedade. Contudo, ele só terá essa visão se a escola dispuser dos meios e procedimento que o façam perceber essa realidade.

Contudo, é preciso uma proposta sistematizada e maleável para alcançar determinado objetivo. Assim, o letramento literário é o mecanismo de didatização legítimo da literatura escolar, que abarca um público não homogêneo, respeita sua identidade e possibilita inúmeras interpretações que a literatura pode ensejar.

4.1 SELEÇÃO DAS OBRAS

A escolha do livro, a ser trabalhada na escola, deve seguir alguns critérios para propiciar a formação do leitor de literatura. Cosson (2020, p.222-223) coloca que o critério “(...) maior para seleção dos textos é que sejam significativos para a experiência literária tanto do aluno, em termos individuais, quanto da turma, constituindo no diálogo entre um nível e outro a comunidade de leitores.”

A adaptação dos clássicos tende a facilitar a leitura em sala de aula, por ser mais atrativa, apresentar uma linguagem mais atual, ou ainda, um formato mais aceito pelo público juvenil, a exemplo dos quadrinhos. Contudo, ao selecionar uma obra adaptada, Cosson (2020) pondera que o professor precisa verificar a sua qualidade literária e a relação que ela estabelece com a obra original, pois muitas acabam por apresentar grandes distorções do texto original.

Dessa forma, a escolha do livro requer uma atenção especial, pois não adianta fazer uso de atividades pedagógicas, compreendendo obras consagradas historicamente, detentoras de um valor estético indiscutível, que não apresentem significados para aquela comunidade de leitores. Não se deve impor a leitura de uma obra canônica, para cumprir um currículo, fato recorrente em muitas escolas, e que dá margem para o surgimento de um leitor que não se reconhece nesse processo.

Apesar das fortes críticas em relação ao uso das obras adaptadas, pode o professor fazer uso delas como um meio para instigar os alunos a chegar aos estudos das obras clássicas, e assim, despertar o interesse dos leitores, ao passo que os preparam para apreender a riqueza que um cânone pode proporcionar a sua formação, pois, como já mencionado, é preciso ponderar o seu uso.

À vista disso, a escola tem o papel de sobressair a simples satisfação vazia de leitura, usando metodologias para proporcionar o valor da obra literária consagrada que carregam em si uma cultura, um pensamento e uma relação com o mundo. De encontro com o exposto Cosson (2019, pp. 35-36) sugere:

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. [...] É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares. (2019, pp. 35-36).

Nesse seguimento, Jouve (2012) reflete sobre a relevância dos clássicos, os quais podem recair a inevitável fadiga, porém o seu valor encontra-se em sua função de transcender, então por aquilo que ele representa e significa, merece que se mantenha o interesse por eles.

Contudo, como esclarece o autor sobre a relevância dos clássicos, não se deve menosprezar as formas de literatura contemporânea. Nessa perspectiva, aponta Fidelis (2019, p.186), “a literatura como polissistema permite ao leitor colocar a literatura (o cânone) ao lado da literatura (os demais sistemas do polissistema – literatura de massa, entre eles), sem juízos de valor que hierarquizam de forma estanque as obras.”

Dessa forma, é preciso considerar todo esse campo de linguagem que permeia os alunos, não desconsiderar esse tipo de literatura, mas analisar como ela pode contribuir para a formação literária e como pode ser trabalhada na escola para fortalecer a construção do leitor.

Bordini e Aguiar (1988) explicitam que a seleção dos textos devem seguir um panorama que possam fazer jus às necessidades dos alunos e do projeto de educação pelo qual o professor optou, uma vez que as teorias literárias proporcionam diversas direções, a respeito da literatura, o objeto do ensino do professor. Assim, Bordini e Aguiar (1988, p.28) expõem:

Alguns princípios básicos norteiam o ensino de literatura: o atendimento aos interesses do leitor, a provocação de novos interesses que lhe agucem o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário. Levando em conta esses aspectos, o professor está recuperando para o aluno as funções básicas de toda a arte: captar o real e repassá-lo criticamente, sintetizando-o de modo inovador, através das infinitas possibilidades de arranjo dos signos.

Evidencia-se que, para que a seleção das obras tenha sucesso, é de fundamental importância o domínio do conteúdo pelo professor, já que é o principal mediador do processo de aprendizagem. Como coloca Bordini e Aguiar (1988, p.28) “Quando se trata de literatura, a experiência de leitura e o senso crítico do professor não podem ser substituídos pelo aparato metodológico, por mais aperfeiçoado e

atualizado que este seja.” Por isso, o professor necessita realizar uma leitura antecipada dos textos, bem como da metodologia a ser aplicada, e assim fazer uso da que melhor sirva para o objetivo que deseja alcançar.

Nesse viés, uma obra “simples” pode se sobressair em relação ao uso de uma obra consagrada da literatura em seu manuseio na escola, em razão de, por exemplo, atender aos interesses do leitor e favorecer o seu espírito crítico.

Assim, os textos selecionados precisam ser significativos para os alunos, e para isso se faz necessário entender o grau de letramento literário que estes sujeitos detêm. Dessa forma, é possível propor um aprofundamento de suas leituras de forma gradativa.

Seguindo essa lógica, foi desenvolvida a proposta de intervenção - três sequências básicas, a partir das obras literárias presentes na maleta do 9º ano do programa “Projeto Jovem Leitor” - na intenção de contribuir com a formação literária dos alunos e auxiliar na prática pedagógica do professor.

Levando-se em conta a relevância, bem como as demais discussões apresentadas no decorrer deste trabalho e as especificidades do aluno, 9º ano do Ensino Fundamental II, os três textos selecionados para serem manuseados no trabalho com as sequências foram: *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, de Klévisson Viana, *Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos*, de Luyse Costa e *Eu*, de Augusto dos Anjos.

4.2 SEQUÊNCIA BÁSICA

O uso do texto literário em sala de aula tem que ir além da simples leitura das obras ou de seus fragmentos, como já foi discutido neste trabalho. Todavia, é indiscutível o valor da leitura integral da obra, bem como da crítica literária, dentre outras, as análises que envolvem o texto, o aluno e a sociedade. Estas práticas não são raras no ambiente escolar, entretanto, é preciso que se estabeleça uma sistematização que abarque o potencial educativo que a literatura é capaz de proporcionar.

Nesse sentido, a proposta de intervenção, deste trabalho, para a promoção do letramento literário em turmas do 9º ano a partir do “Projeto Jovem Leitor”, tem como modelo a sequência básica apresentada por Cosson (2019) em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*.

A sequência básica de Cosson (2019) para o letramento literário na escola é composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A seguir, de forma sucinta, será descrita cada uma delas.

4.2.1 Motivação

A motivação, a primeira parte da sequência básica do letramento literário, segundo é descrita por Cosson (2019), é a preparação do aluno para entrar no texto literário. Assim, o professor, como agente mediador dessa prática, tem que fazer uso de mecanismos que estimulem o aluno, para favorecer o processo da leitura como um todo. O autor evidenciou que:

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária. (COSSON, 2014, p. 53-54).

Desse modo, o elemento lúdico é um forte aliado neste primeiro passo, bem como práticas de motivação que interliguem ao texto a ser trabalhado. Essas práticas podem ocorrer por meio da leitura, escrita e oralidade, de forma conjunta ou não.

Portanto, uma boa motivação garante o sucesso inicial do leitor com a obra, porém cabe ao professor, ao executar ou planejar a motivação, não fazer uso dela, caso acredite estar prejudicando o processo do letramento literário.

4.2.2 Introdução

A introdução, segundo passo da sequência, é momento de apresentação do texto e do autor aos leitores; neste momento, é suficiente mencionar informações básicas sobre o autor, de preferência que estejam ligadas ao texto que será lido. Outro passo importante é justificar a escolha da obra.

É primordial que se apresente a obra física aos alunos, bem como fazer uma leitura coletiva do livro, dando ênfase a capa, a contracapa, a orelha, a ilustração, ao prefácio, dentre outros elementos que introduzem uma obra, pois esses elementos muitas vezes propiciam referências importantes para a interpretação.

Dito isso, a introdução não deve ser longa, cabe ao professor fazer uma escolha criteriosa dos recursos que serão usados, pois sua função é apresentar a obra ao leitor de um modo positivo.

4.2.3 Leitura

O passo seguinte, a leitura, consiste no acompanhamento da leitura, na qual deve ser feita fora da sala de aula, caso o texto seja extenso. Ao designar a leitura de uma obra, é sugerido que o professor negocie o tempo necessário para a sua leitura completa, o qual não deve ser longo, para que não perca o foco da atividade. O autor pontua que:

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2014, p. 62).

O professor pode verificar o desenvolvimento da leitura, no que o autor chama de intervalo, por meio de atividades específicas, como conversas sobre o andamento da história ou leitura de textos menores que tenha conexão com o texto maior, ademais, as atividades podem ser de natureza variada, desde que pertinentes com a leitura efetiva realizada pela maioria dos alunos.

Os intervalos possibilitam que se detectem dificuldades enfrentadas pelos leitores, que podem ser desde a interação insatisfatória com o texto, ritmo de leitura, decifração no processo de leitura, problemas relacionados ao vocabulário e a estrutura composicional do texto. É preciso ter atenção ao número de intervalos, pois a necessidade de intervalos maiores que 3, pode demonstrar que o processo de letramento da turma necessita de outros meios.

4.2.4 Interpretação

A interpretação, última etapa da sequência básica, passa por dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a construção do sentido do texto pelo encontro pessoal do leitor com a obra, assim, Cosson (2019, p.65) explana que “(...) acompanha a decifração palavra por palavra, página por página,

capítulo por capítulo, e tem em seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura”.

O momento externo, segundo Cosson (2019, p.65) corresponde “(...) a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade.” Diante disso, é preciso incentivar o aluno a expor sua interpretação, para ampliar a visão construída de forma particular, fortalecer os vínculos, para construir uma comunidade de leitores que compartilham suas interpretações.

Para finalizar esta etapa, o autor aponta a importância de realizar o registro da interpretação em um outro texto; Cosson (2019, p.68) evidencia que “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.”

Diante do exposto, a sequência básica proposta por Cosson (2019) determina a importância do professor nesse processo, e da necessidade de realização do planejamento para que seja oferecido ao aluno um letramento literário coerente.

YEDA ANGELINA VIEIRA CANUTO

Jovem Leitor



Das maletas para a tela

UMA PROPOSTA PARA AULAS REMOTAS

2021



Ficha Técnica



PROFLETRAS

Elaboração

Yeda Angelina Vieira Canuto

Orientação

Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

Banca de Avaliação

Profa. Dra. Adriana Sidralle Rolim de Moura

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira

Suplente: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS

Design e Diagramação

Daniel Soares Dantas

Instagram: @danieldantas.com.br

Sumário

Sequência Didática 1: "Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida" - **08**

Sequência Didática 2: "Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos" - **22**

Sequência Didática 3: "Augusto dos Anjos - Eu" - **37**

A autora - **50**

Apresentação

Propomos aqui três sequências básicas para trabalhar o “Projeto Jovem Leitor” – 9º ano, com fundamento nos estudos de Cosson (2019), no intuito de auxiliar na formação de leitores literários. Assim, seguindo tal propósito, nosso foco é a leitura literária, na qual optamos por enfatizar o tema, alguns aspectos de construção da obra e traçar um diálogo entre os textos principais, de forma sucessiva, no decorrer das atividades.

Também é propósito deste trabalho lançar um olhar para a atual realidade da educação brasileira. A prática docente está passando por um desafio, devido ao contexto da pandemia provocada pela COVID-19. É sabido que a cultura digital já era uma preocupação dos educadores, como demonstra a BNCC (2017), que orienta e expõe a importância da implementação do letramento digital nas escolas. Porém, convém ressaltar que ao passo que temos contato com inúmeros gêneros digitais em circulação, a realidade é que muitos alunos e professores não possuem grande familiaridade com o mundo digital, e nossa atual situação fez com que o processo de aprendizagem digital fosse posto de forma acelerada, para suprir as necessidades do momento.

Dessa forma, em meio a esse desafio do ensino remoto, as sequências estão adaptadas para serem aplicadas no ensino on-line. Aqui, buscamos apresentar os subsídios necessários para o desenvolvimento das atividades propostas nas sequências. Sugerimos, para auxiliar no processo, o uso das seguintes ferramentas digitais:

- aulas síncronas - *Google Meet*;
- discussões – escrita (chat) e oral (microfone no *Google Meet*);
- compartilhar atividades e informações - *WhatsApp*;
- recurso para auxiliar nas aulas e atividades - *Jamboard*.

Essas ferramentas digitais servem de apoio para organizar e criar aulas on-line. Além de serem gratuitas, podem ser facilmente encontradas na internet com instruções de uso. É preferível que o professor opte por recurso digitais que já fazem parte do dia a dia do aluno, como o *Instagram*, *Tik Tok*, *Facebook* e *WhatsApp* - os novos suportes digitais devem ser incrementados aos poucos às aulas.

Para a divulgação dos trabalhos literários, indicamos a criação de um *blog* com a turma, que pode ser criado de forma gratuita pelo site: <https://www.blogger.com/about/>. O *blog* pode ser muito útil no desenvolvimento das sequências, uma vez que o professor pode orientar os alunos sobre as atividades que foram ou estão sendo trabalhadas. Ele pode ser utilizado, também, como recurso de aprendizagem para os alunos publicarem suas produções, podendo ser apresentado à comunidade escolar na finalização dos trabalhos. Caso considere oportuno, o professor pode selecionar um ou dois alunos para ajudar a gerenciar o *blog* da turma. A seguir, algumas informações sobre os recursos digitais que recomendamos:

BLOG

O blog é um espaço para registros - em forma de textos, fotos, vídeos, links, ilustrações, animações e áudios - em que é possível interagir com os leitores por meio dos comentários. Os posts (tudo que é publicado) entram em ordem cronológica (do mais recente ao mais antigo) e podem ser categorizados por assunto.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1960/use-e-abuse-dos-blogs>> Acesso em: 01 abr. 2021.

GOOGLE MEET (ADAPTADO)

O Google Meet é um serviço de comunicação em vídeo oficial do Google, grátis e disponível no Android, iOS e navegadores web. Ele também pode servir para quem quer dar aulas on-line, integrado ao Google Classroom.

Hoje o Meet funciona de forma plena e tem função para chat em texto. Em sua versão grátis, o Google Meet suporta até 100 membros em uma mesma chamada – com a possibilidade de expandir para 150 e 250, em planos pagos do G Suite.

Disponível em: <<https://tecnoblog.net/352901/como-usar-o-google-meet-para-dar-aulas-escola-online/>> Acesso em: 01 abr. 2021.

JAMBOARD

É um recurso disponibilizado na plataforma Google Educativo, veio para aproximar as aulas on-line da rotina exercida no ensino presencial. Funcionando em tempo real, todos os alunos têm acesso a uma lousa digital disponibilizada pelo professor em que podem resolver diferentes exercícios e tecer comentários a respeito, garantindo a participação e a interação entre os estudantes, de maneira similar ao que fazíamos no modo de ensino presencial.

Disponível em: <https://www.riobranco.org.br/destaques/jambord-nova-ferramenta-google-auxilia-as-aulas-de-matematica-do-ef-8/> Acesso em: 01 abr. 2021.

WHATSAPP (ADAPTADO)

O aplicativo oferece recursos que permitem interagir com alunos e responsáveis, enviar as atividades e tirar dúvidas durante o ensino remoto.

A comunicação entre escola e família é fundamental para que o aluno tenha uma boa experiência escolar, principalmente no contexto de ensino remoto ou ensino híbrido. As atividades e tarefas, que antes eram orientadas de perto pelos docentes, agora são feitas sob olhar e acompanhamento dos responsáveis. Por esse motivo, ferramentas como o WhatsApp ganham ainda mais força como canal de integração e apoio, além de ajudarem a levar a escola para dentro de casa.

DICAS PARA APROVEITAR AO MÁXIMO A FERRAMENTA

- Crie regras em conjuntos com os estudantes e familiares para garantir um bom uso da ferramenta.
- Estabeleça horários para o envio das atividades e para a interação no grupo
- Mantenha um contato próximo e claro com familiares
- Zele para que as imagens, links, arquivos e áudios compartilhados nos grupos sejam simples e de fácil compreensão
- Evite enviar arquivos pesados que podem sobrecarregar a memória dos dispositivos - ou demandar muitos dados para poder baixar.
- Utilize vídeos e áudios nas conversas com as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para manter o vínculo com elas
- Crie um grupo onde só o professor envia as mensagens, e outro como canal aberto para receber as dúvidas dos alunos e interagir com a turma - seguindo uma restrição de horários em que os educadores estarão disponíveis para responder.
- Priorize as listas de transmissão para o envio de mensagens pontuais.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19780/como-usar-o-whatsapp-para-fortalecer-a-parceria-entre-escola-e-familias>> Acesso em: 01 abr. 2021.



SEQUÊNCIA 1

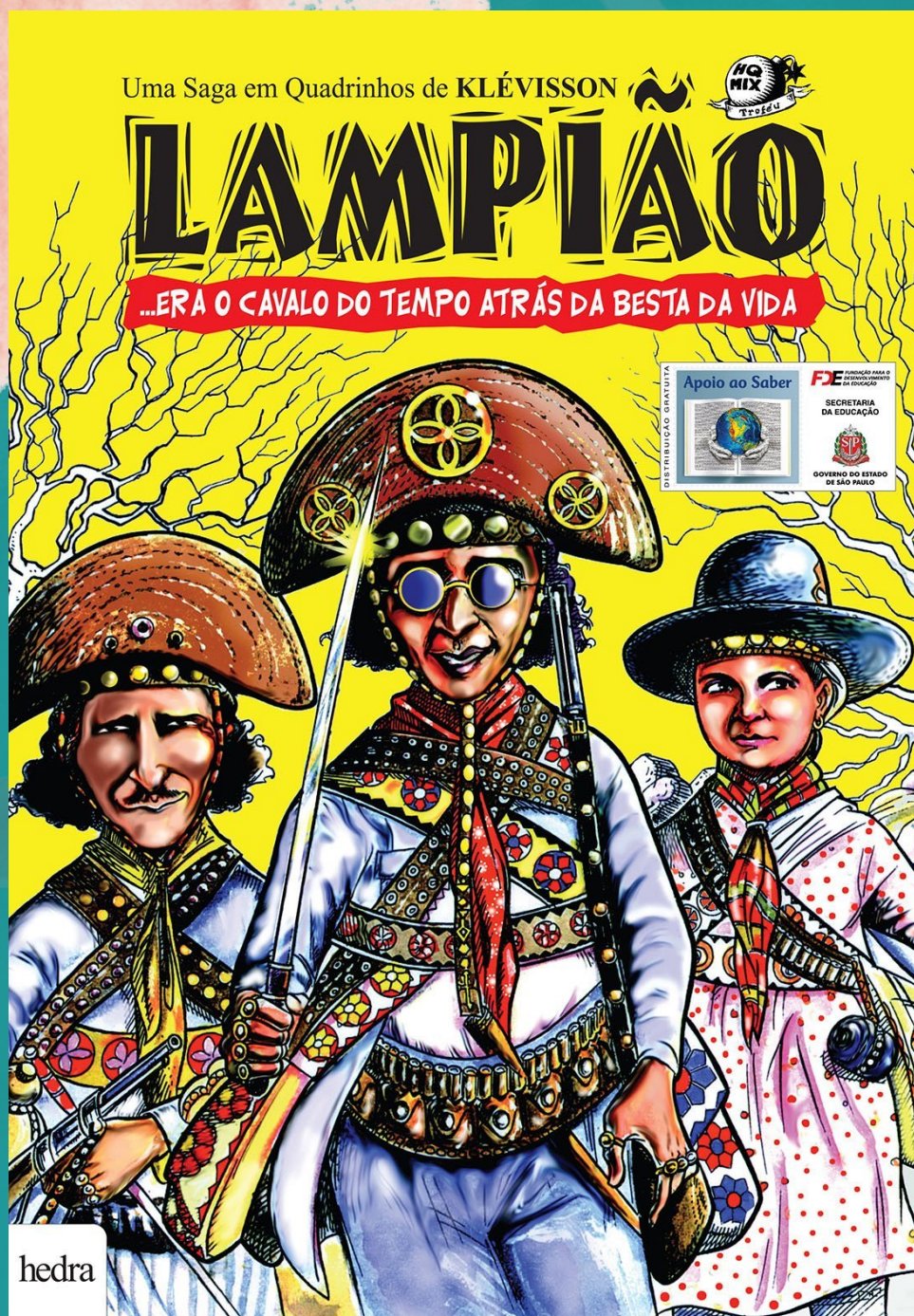


Imagem: <https://www.amazon.com.br/>

SOBRE A OBRA

A obra "*Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*", do escritor Klévisson Viana, deu origem a esta primeira sequência. A leitura prévia do livro pelo professor, antes de fazer uso das sequências, é fundamental, como pontua Bordini e Aguiar (1988, p.28):

Uma aula de literatura bem planejada parte não das metodização das atividades, mas do próprio conteúdo dos textos a serem estudados. Assim sendo, o professor precisa ter uma leitura prévia e compreensiva dos mesmos. se deseja proporcionar a seus alunos vias eficazes de fruição e conhecimento das obras e da história Literária.

De antemão, para favorecer uma melhor visão da proposta, iremos apresentar alguns elementos do livro, os quais julgamos necessários para o desenvolvimento da atividade.

RESUMO

Uma saga em quadrinhos de Klévisson: este premiado livro narra os últimos dias da vida de Virgulino Ferreira, o Lampião. O homem foi o rei do Cangaço, um fenômeno social que se deu em quase dois séculos no nordeste brasileiro, e é ainda protagonista de boa parte das histórias de cordel. Pelos traços do renomado cartunista, Lampião vira a personagem de uma história cheia de ação, que transportará os leitores para o mundo da cultura e do modo de vida das populações sertanejas. O álbum 'Lampião', vencedor do prêmio HQMix de melhor graphic novel nacional de 1998, criado pelo quadrinista cearense Klévisson, vem provar que, na era da computação gráfica, expressividade e originalidade ainda fazem a diferença. Sendo uma das mais surpreendentes publicações dos últimos tempos, 'Lampião' impressiona pela pesquisa histórica e fidelidade cultural. Com domínio técnico e criatividade, ele fez ainda mais: possivelmente um marco nos quadrinhos brasileiros.

Disponível em: <<https://livraria.rodrigogurgel.com.br/lampiao-era-o-cavalo-do-tempo>>. Acesso em 25 abril de 2021.

1º passo: Motivação

Nesta etapa, o professor deve estimular os alunos a criarem uma ligação com o livro que será lido. A obra, "*Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*", tem como protagonista Lampião, uma figurada lendária, reconhecida por muitos como uma versão nordestina de Hobbin Wood e por outros como um criminoso cruel. Apoiando-se nessa perspectiva, o professor em um primeiro momento, para proporcionar uma reflexão sobre a temática que será abordada pelo livro, apresentará a imagem abaixo para os alunos e discutir sobre o fato que deu origem a imagem, da qual talvez eles se recordem do ocorrido.

Em um momento posterior, fazer questionamentos para estimular a participação dos alunos:

- Quais as características de um herói?
- Quais as características de um vilão?

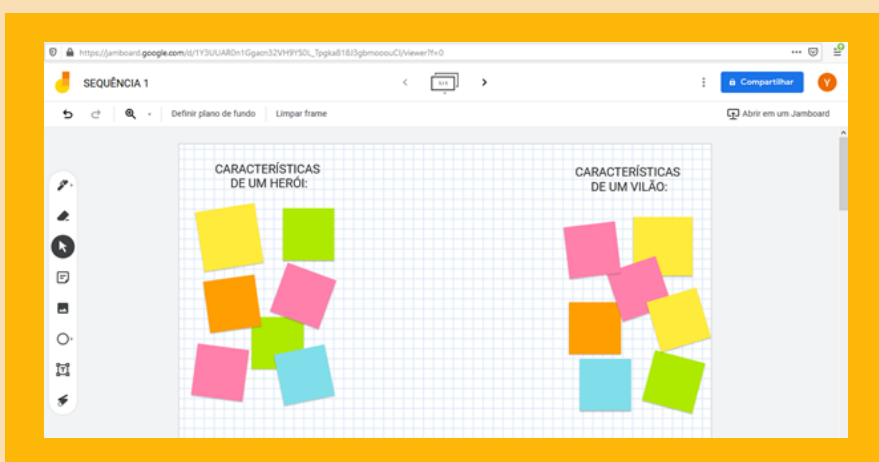


Imagem da mulher salvando motorista vira HQ

Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/dimenstein/imagem-da-mulher-salvando-motorista-vira-hq-e-bomba-na-internet/>>. Acesso em: 25 mar. de 2021.

A **MOTIVAÇÃO**, a primeira parte da sequência básica do letramento literário, segundo é descrita por Cosson (2019), é a preparação do aluno para entrar no texto literário. Assim, o professor, como agente mediador dessa prática, tem que fazer uso de mecanismos que estimulem o aluno, para favorecer o processo da leitura como um todo.

Sugerimos, para esse momento, o uso do recurso digital *Jamboard* pela facilidade de manusear e por deixar a atividade mais atrativa. Os alunos responderão de forma compartilhada. Para isso, deve ser montada duas colunas (vilão/herói). A partir das respostas, o professor deve iniciar uma discussão, indagando o porquê de tais escolhas; sugerimos para as respostas dos alunos o uso do recurso chat, disponível no *Google Meet*. Ao final, caso não tenha surgido durante a discussão, é importante questionar se um herói não pode ter “características de vilão” e vice e versa. Esse momento inicial, dessa forma, visa estimular os alunos a se posicionarem criticamente e a projetar a temática abordada no livro.



Plataforma Google
Jamboard
(Classroom)

Disponível em:
<https://jamboard.google.com/>

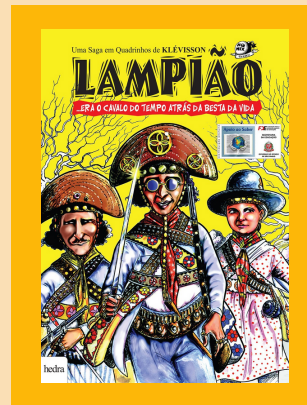


2º passo: Introdução

Finalizada a motivação, agora é o momento de apresentar a obra aos alunos. É oportuno deixar um aviso no *WhatsApp* da turma (separar o livro para a aula). O professor deve fazer um breve relato da força da figura de Lampião; subsequente, convidar os alunos a explorarem os elementos paratextuais, que trazem fatos e fotos históricas da época, com personagens que entrelaçam a obra a ser lida, bem como algumas informações sobre o autor da obra. Os elementos paratextuais da obra apresentam grande riqueza em informações, por isso recomendamos destacá-los, a seguir:

Elementos paratextuais:

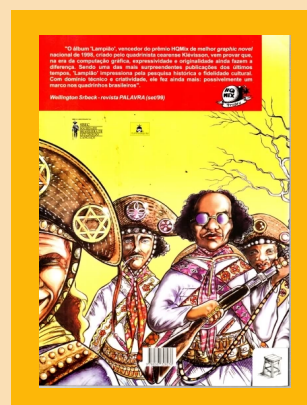
- Capa: autor - título da obra – editora – ilustração



Professor, apresente a imagem em tamanho grande.

Disponível em: <https://www.livriariadagente.com.br/produto/64215/lampiao-era-o-cavalo-do-tempo-atras-da-besta-da-vida>

- Contracapa



Professor, apresente a imagem em tamanho grande.

Disponível em: <https://www.livriariadagente.com.br/produto/64215/lampiao-era-o-cavalo-do-tempo-atras-da-besta-da-vida>

A **INTRODUÇÃO**, segundo passo da sequência, é momento de apresentação do texto e do autor aos leitores; neste momento, é suficiente mencionar informações básicas sobre o autor, de preferência que estejam ligadas ao texto que será lido. Outro passo importante é justificar a escolha da obra.

- Prefácio

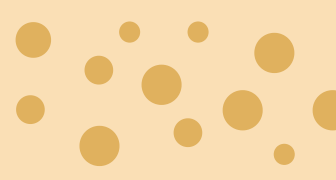
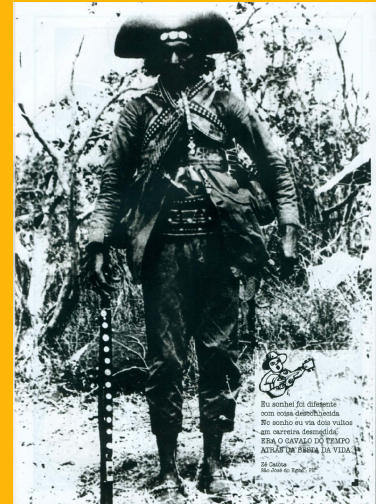


CANGAÇO: Heróis e bandidos do nordeste brasileiro

Segundo o historiador norte-americano Billy Jayner Chandler, no primeiro capítulo de seu livro "Lampião — O Rei dos Cangaceiros", o banditismo sempre captou o interesse e a fantasia do povo, nas sociedades rurais subdesenvolvidas. "Deste modo, os ingleses vibram com os feitos de Robin Hood e seu alegre bando; os americanos contam as aventuras de Jesse James; os mexicanos, as façanhas de Pancho Villa; e os brasileiros, as de Lampião."

Há que se considerar, entretanto, que Lampião é o ícone-mor de um fenômeno social de grande amplitude — o Cangaço —, registrado em quase dois séculos no Nordeste Brasileiro, desde Cabeleira (o primeiro cangaceiro a aparecer na literatura, conhecido em Pernambuco na segunda metade do século XVIII) até Corisco (a última estrela do Cangaço, morto em 1940). Tivesse o Brasil um polo cinematográfico à altura de Hollywood, e seriam Lampião, Cabeleira, Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Corisco os fora-da-lei mais famosos do planeta, dada a dimensão de seus feitos, a maioria fartamente documentados pela imprensa de todo o país.

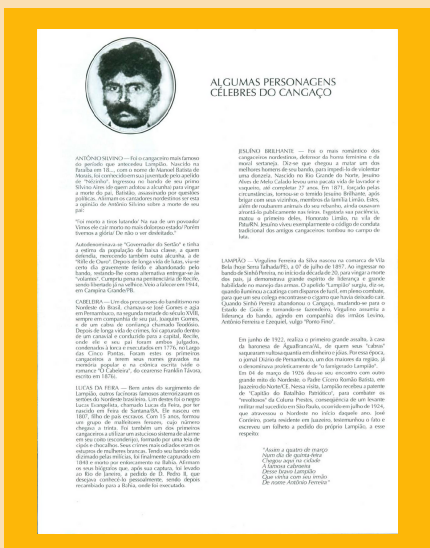
É também digno de menção o inestimável legado do árabe Benjamim Abraão, radicado em Juazeiro do Norte/CE, que filmou e fotografou o bando de Lampião, fornecendo farto referencial para escritores, cineastas e desenhistas. Enquanto as aventuras de Robin Hood são ficcionais, as façanhas de Lampião e dos cangaceiros que palmilharam os sertões brasileiros possuem inegável autenticidade histórica. Como tal, justificam o grande interesse popular pelo assunto: Lampião é ainda, sem dúvida, o personagem mais frequente do cordel, fenômeno literário cujo desenvolvimento ocorreu de maneira singular nesta região do Brasil.



- Biografia do Autor

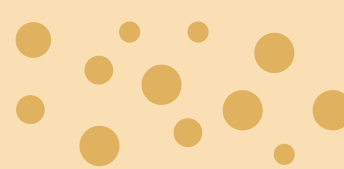
Antônio Klévisson Viana Lima nasceu a 3 de novembro de 1972, em Quixeramobim, sertão do Ceará, na Fazenda Ouro Preto. Foi alfabetizado, como muitas crianças do meio rural, através da Carta do ABC. Quando Klévisson contava oito anos de idade, sua família mudou-se para Canindé, cidade de peregrinação do interior do Ceará. Nesta cidade, Klévisson trabalhou como vendedor ambulante de artigos religiosos, velas e bombons, na feira que havia no pátio da Basílica. Aos 14 anos, Klévisson iniciou sua carreira precoce como ilustrador e cartunista de um jornal de Canindé, A voz do Povo. Participou da coordenação do Salão de Humor Canindeense, com seu irmão, Arievaldo Viana e o professor Laurismundo Marreiro. Aos 18 anos, mudou-se para Fortaleza, capital do Ceará, onde iniciou sua carreira como desenhista e chargista de vários jornais. Entre eles, o jornal O Povo, onde trabalhou de 1990 a 1995, e a Tribuna do Ceará, onde foi editor da página Muro Baixo, com charges, cartuns, caricaturas e piadas em texto. Mais tarde, vendo seu irmão produzir cenas de quadrinhos, descobriu que também tinha talento para ser quadrinista. Criou, assim, através de longa pesquisa, seu maior sucesso nos quadrinhos: “Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”, graphic novel que ganhou o prêmio nacional HQMix e foi indicado como material paradidático pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de São Paulo. Com a publicação desta saga em quadrinhos, Klévisson também montou sua editora, a Tupynanquim Editora, de Fortaleza, voltada para a publicação de cordéis e histórias em quadrinhos. Atualmente, Klévisson publica mais de 50 autores de cordel, além das suas próprias histórias de cordel que giram ao redor de mais de uma centena.

Fonte: (JAHN, Livia Petry. Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010. p. 113)

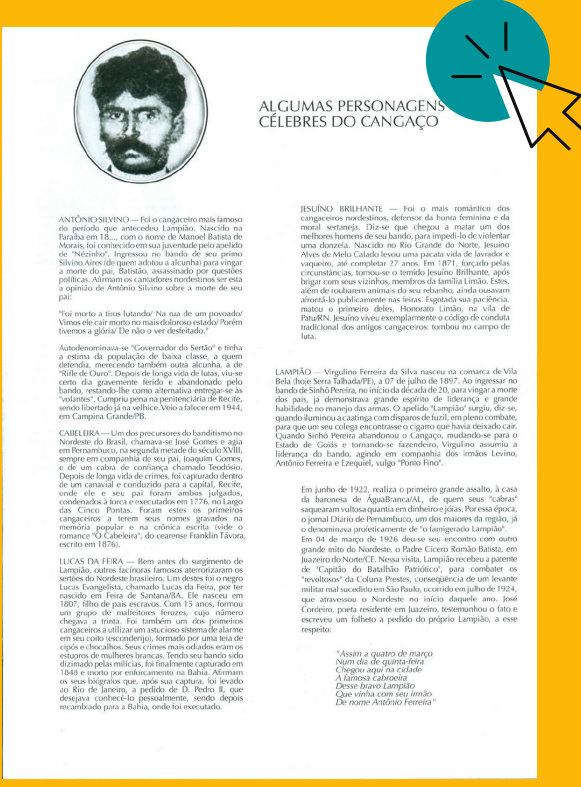


Página do livro

Disponível em:
<https://www.livriariadagente.com.br/produto/64215/lampiao-era-o-cavalo-do-tempo-atras-da-besta-da-vida>



Em um segundo momento, o professor deve destacar “Alguns personagens célebres do cangaço”; encontra-se nos elementos paratextuais do livro. Como um meio de situar o acompanhamento dos alunos, recomenda-se o uso da Microsoft PowerPoint para a apresentação do conteúdo.



ALGUMAS PERSONAGENS CÉLEBRES DO CANGAÇO

ANTÔNIO SILVINO — Foi o cangaceiro mais famoso do período que antecedeu Lampião. Nasceu na Paraíba em 18... com o nome de Manoel Batista de Moraes, foi conhecido em sua juventude pelo apelido de “Nêzindo”. Ingressou no bando de seu primo Silvano Alves da quem adotou o apelido para vingar a morte do pai. Batizado, assassinado por questões políticas, afirmou os cantadores nordestinos ser essa a opinião de Antônio Silvano sobre a morte de seu pai:

“foi morto à três latada! Na na de um povoado! Vimos ele cair morto no mais doloroso estado! Porém tivemos a glória! De não o ver desfilado!”

Autodenominava-se “Governador do sertão” e tinha a estima da população de baixa classe, a quem defendia, investindo também muita dinheiro, a de “Sítio do Ouro”. Depois de longa vida de lutas, viu certo dia gravemente ferido e abandonado pelo bando, retirando-se como alternativa entregando-se “voluntário” Cumpriu pena na penitenciária de Recife, sendo libertado já no velhice. Vio a data em 1944, em Campina Grande/PB.

CABELIBA — Um dos precusores do banditismo no Nordeste do Brasil. Chamava-se José Gomes e agiu em Pernambuco, na segunda metade do século XVIII, sempre em companhia do pai, Joaquim Gomes, e de um cabalo de corciana chamado Teodoro. Depois de longa vida de crimes, foi capturado dentro de um curral e confinado para a capital. Recusou onde ele e seu pai foram ambos julgados, condenado à morte e executado em 1776, no Largo das Cinco Pontas. Foram estes os primeiros cangaceiros a terem seus nomes gravados na memória popular e na crônica escrita (vide o romance “O Cabelino”, do cearense Franklin Távora, escrito em 1876).

LUCAS DA FERRA — Bem antes do surgimento de Lampião, outros facinorosos famosos aberturaram os sertões do Nordeste brasileiro. Um deles foi o negro Lucas Evangelista, chamado Lucas da Ferra, por ter nascido em Ferra de Santarém. De nascido em 1807, filho de pais escravos. Com 15 anos, formou um grupo de mulattoes bravos, cujo número chegou a trinta. Foi também um dos primeiros cangaceiros a utilizar um sistema de alarme em seu coto (escandeiros), formado por uma teia de cipó e de cabelos. Seus crimes mais notórios eram os estupros de mulheres brancas. Tendo seu bando sido eliminado pelas milícias, foi finalmente capturado em 1848 e morto por enforcamento na Bahia. Afirmação em sua biografia que, após sua captura, foi levado ao Rio de Janeiro, a pedido de D. Pedro II, que abrigava carência pessoalmente, sendo depois recambiado para a Bahia, onde foi executado.


JESUÍNO BRILHANTE — Foi o mais romântico dos cangaceiros nordestinos, detentor da honra feminina e da moral superior. Diz-se que chegou a matar um dos melhores homens de seu bando, para impedi-lo de violentar uma doente. Nasceu no Rio Grande do Norte, Jesuino Alves de Melo Calado levou uma pacata vida de lavrador e sapateiro, até completar 37 anos. Em 1871, forçado pelas circunstâncias, tornou-se o temido Jesuino Brilhante, após brigar com seus vizinhos, membros da família Lima. Esdes, além de rodarem animais do seu rancho, ainda ocupavam a zona de publicação nas veias. Esgratiza sua pacífica, matou o primeiro diabo, Honorato Lima, na vila de Palmar. Jesuino viveu exemplarmente o código de conduta tradicional dos antigos cangaceiros; também no campo de luta.

LAMPÃO — Virgílio Ferreira da Silva nasceu na comarca de Vila Bela (hoje Serra Talhada/PE), a 07 de julho de 1897. Ao ingressar no bando de Sirtão Prestes, no início da década de 20, para vingar a morte dos pais, já demonstrava grande espírito de liderança e grande habilidade no manejo das armas. O apelido “Lampião” surgiu, diz-se, quando iluminou a caatinga com disparos de luzil, em pleno combate, para que um seu colega encontrasse o cigano que havia deixado cair. Quando Sirtão Prestes abandonou o Cangaço, mudando-se para o Estado de Goiás e tornando-se fazendeiro, Virgílio assumiu a liderança do bando, agindo em companhia dos irmãos Luciano, Antônio Ferreira e Ezequiel, vulgo “Ponto Firme”.

Em junho de 1922, realizou o primeiro grande assalto, à casa da baronesa de Aguiar/BA/AL, de quem seus “cabras” saquearam valiosa quantidade em dinheiro e jóias. Por essa época, o jornal Diário de Pernambuco, um dos maiores da região, já o denominava protetor arreente de “o famigerado Lampião”.

Em 01 de março de 1926, desce seu encontro com outro grande chefe do Nordeste, o Padre Cícero Romão Batista, em fazenda do Nordeste. Nessa visita, Lampião recebeu a patente de “Capitão do Batalhão Patibório”, para combater os “revolucionários” da Coluna Prestes, consequência de um levante militar mal sucedido em São Paulo, ocorrido em julho de 1924, que atravessou o Nordeste no início daquele ano. José Cordeiro, poeta residente em sua fazenda, testemunhou o fato e escreveu um folheto a pedido do próprio Lampião, a esse respeito:


“Assim a quatro de março
Neste dia de quarta-feira
Chegou aqui no cedão
A famosa Colônia
Desse bravo Lampião
Que virou com seu amigo
De nome Antônio Ferreira”




CORSICO, O DIABO LOURO — Corsico e Corsico foi chefe do bando de Lampião. Com sua morte definitivamente trucidado de Campina Grande/PB. Foi um trecho do cordelista Manoel de Barros o seu nascimento:

“Foi nascido a dez de agosto/ No Estado pernambuco/ Em Matinha de Aguiar Branco/ Visto por muitas pessoas/ Em momentos e sete/ A data que se repete/ Sem lhe trazer coisas boas.”


Corsico e Dadi (Sergio Ribeiro da Silva) formaram um dos casos mais famosos do cangaço. Legitimamente casados, desaram descendentes como o Dr. Silvio Bulhões, que foi criado por um padre amigo deles e reside em Salvador/BA. O “Diabo Louro” foi associado pelo tenente José Rufino, um dos maiores matadores de cangaceiros, segundo alguns estudiosos, por meca ginecóloga, já que Corsico conduzia, na ocasião, vendadora fortuna em ouro e dinheiro e não tinha condições de reagir, devido a um grave ferimento no braço direito. Corsico é considerado o vingador de Lampião.



1. Grupo de Lampião quando do ataque à cidade de Mossoró à noite. Anos depois, o grupo de Lampião em São Paulo, com o capitão de Lampião, filho de Antônio Ferreira e a esposa.




2. Virgílio Ferreira da Silva, chefe do 2º Bando de Lampião, em São Paulo.




3. Manoel de Barros.

“VOLANTES” OU “MACACOS” — Foram as forças “legais” do Governo, formadas, em sua maioria, por sertanejos recrutados em todos os quadrantes onde agiam os cangaceiros. Sua ação no combate ao banditismo foi, segundo a opinião da maioria dos historiadores, tão malféica quanto a dos próprios cangaceiros. São numerosos os episódios onde os volantes apacem matando, torturando, estuprando, roubando e perseguindo pessoas comuns, com brutalidade comparável à dos bandoleiros. Seus integrantes foram apelidados pelos cangaceiros de “macacos”, segundo Franklin Távora, devido ao uniforme que usavam, de cor cinza.

CORTIHO — Indivíduo que dá conto ao sítio a cangaceiros, ou os protege.



4. Cortinho.



5. Cortinho.

Para ver as páginas em tamanho maior, clique sobre cada uma delas ou use o próprio livro.
<https://fdocuments.tips/document/lampiao-era-o-cavalo-do-tempo.html>

Após a leitura, pergunte aos alunos o que essas histórias têm em comum. Estabeleça um tempo para refletirem, no qual todos alcancem a oportunidade de chegarem a uma conclusão. Abra uma discussão com a turma para apresentarem suas conclusões. O ponto alto da atividade é levar os alunos a perceberem o fator da injustiça, presentes nas histórias.

Uma outra sugestão, é realizar essa atividade pelo *WhatsApp*: as questões podem ser feitas, com as devidas orientações, diretamente pelo aplicativo, assim como as respostas. Essa metodologia beneficia o compartilhamento de ideias e favorece a formação crítica.

3º passo: Leitura

A primeira leitura da história deve ser feita de forma individual, em seguida, pelo professor, em voz alta, para os alunos. Uma aula é suficiente, pois o texto é curto. Nesse momento, o professor pode realizar uma leitura de qualidade, pelo fato de conhecer bem o texto e fazer uso da expressividade.

Indica-se o uso de dois intervalos, no desenvolvimento da Introdução, para que as dificuldades sejam sanadas, conforme surjam, pela mediação do professor. Nesse processo, é importante considerar o ritmo da turma.

4º passo: Leitura - Intervalo 1

É oportuno usar o primeiro intervalo para resgatar o conhecimento prévio dos alunos, a respeito do gênero textual história em quadrinhos. A partir disso, destacar a construção desse gênero, enfatizando, no livro em questão, a sua linguagem dinâmica que perpassa a paisagem, moradia, utensílios, permitindo-nos, dessa forma, um roteiro visual e verbal do homem nordestino.

Diante disso, o professor pedirá aos alunos que cada um comente uma página da obra, destacando os elementos que a compõem, mediante seu auxílio.

A **LEITURA** consiste no acompanhamento da leitura, na qual deve ser feita fora da sala de aula, caso o texto seja extenso. Ao designar a leitura de uma obra, é sugerido que o professor negocie o tempo necessário para a sua leitura completa, o qual não deve ser longo, para que não perca o foco da atividade.

5º passo: Leitura - Intervalo 2

Após as ações supracitas, passe o vídeo com uma cena do filme "O Auto da Compadecida: O cangaceiro Severino é engambelado por João Grilo."

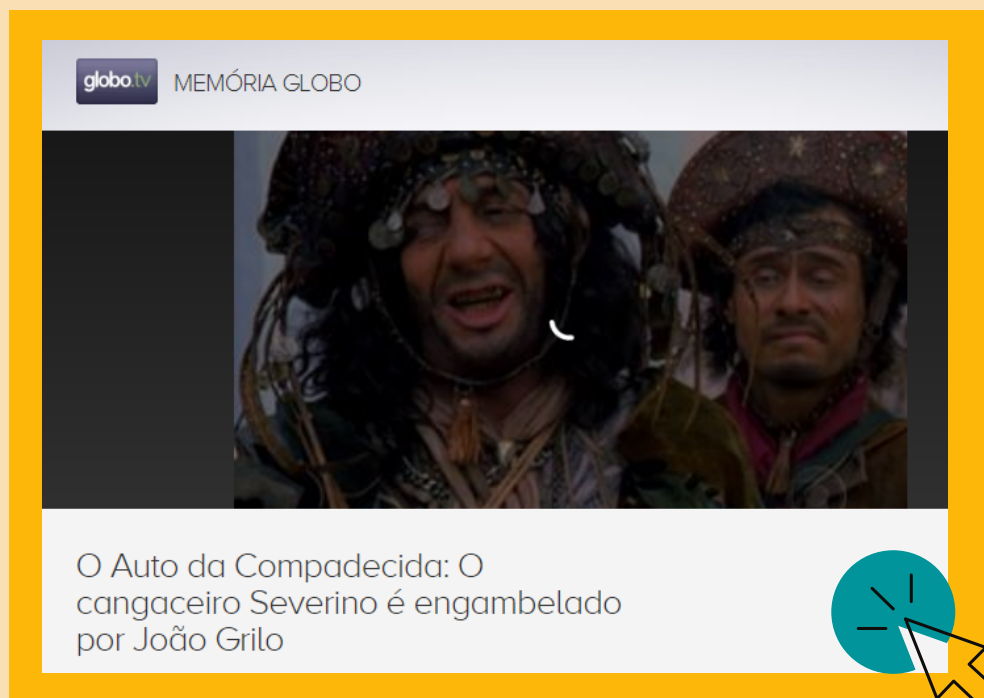


Imagem do personagem em Auto da Compadecida

<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/o-auto-da-compadecida-o-cangaceiro-severino-e-engambelado-por-joao-grilo/2628227/>

Clique na imagem e veja o vídeo on-line.

Após assistir ao vídeo, solicite aos alunos que estabeleçam comparações entre a obra lida e o vídeo passado. Nessa comparação, dois pontos não podem deixar de serem destacados: a religiosidade e as vestimentas dos cangaceiros. Logo após, evidencie outras questões da leitura, como:



- 1.o cenário;
- 2.a linguagem;
- 3.significado das palavras;
- 4.o conflito principal da história;
- 5.o conteúdo temático;
- 6.a cronologia da história;
- 7.personagens;
- 8.motivo de as cabeças serem expostas em praça pública;
- 9.escolha de inverter a ordem cronológica dos fatos;
- 10.sentimentos que despertam no leitor;
11. estereótipos;
12. honra;
- 13.o porquê de Lampião ser tido como herói por muitos.



As sugestões apresentadas podem ser incrementadas por outras, uma vez que, o texto literário faculta espaço para muitas leituras. A obra em questão, por exemplo, abre espaço para reavivar a memória popular e os valores de nossa cultura, assim, mostra-se rica para uma análise tanto da forma como do conteúdo. Desse modo, temos discussões que proporcionam várias interpretações e reflexões do texto literário, a qual contribuem para a formação do leitor.

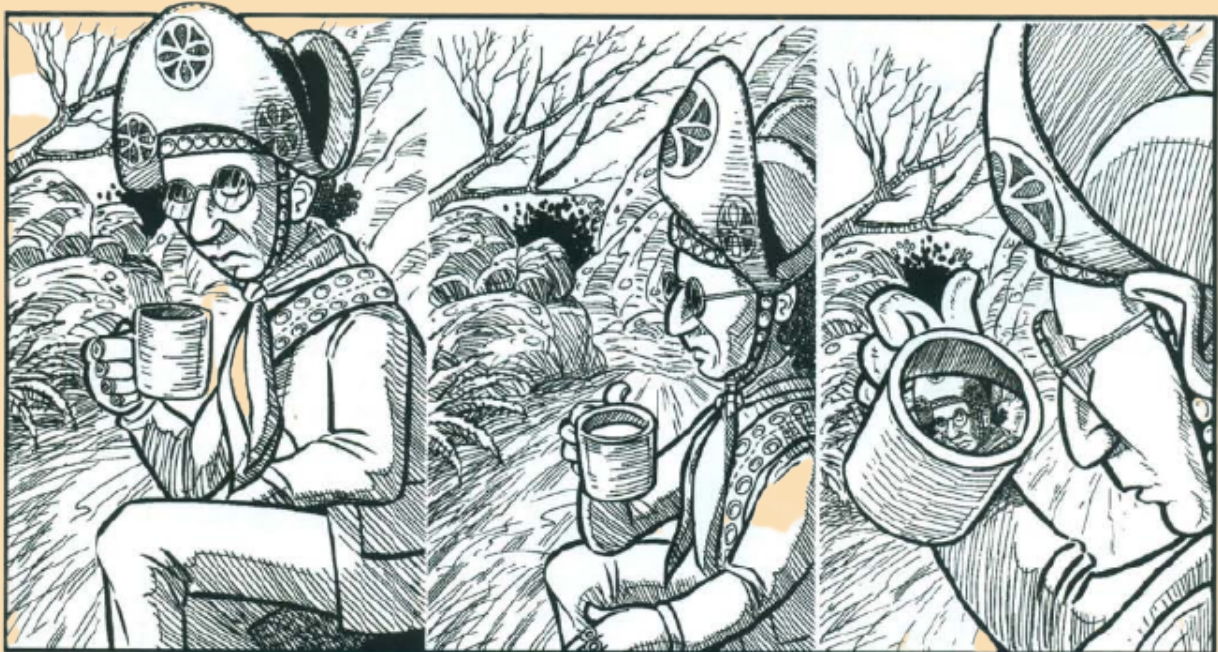
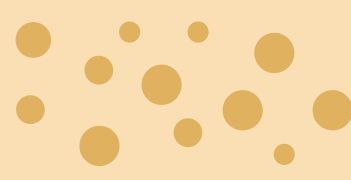


Imagem: Digitalizada pela autora a partir da obra.



6º passo: Interpretação

Nesta etapa final, retornaremos as indagações feitas na motivação, e para isso, os alunos devem rever a seguinte parte do texto, encontrada no fim da história:



Imagem de um dos trechos do texto trabalhado na sequência.

Fonte: Arquivo digitalizado pela autora

A partir do texto da figura apresentada, abra um espaço para um debate com a turma, questionando: herói/bandido e céu/inferno. O *chat* do *Google Meet* pode ser utilizado, para os alunos exporem suas observações (esse momento deve ser breve).

O professor deve explicar que existem argumentos a favor e contra Lampião, igual acontece em um júri. Assim, pedir para os alunos para pensarem na seguinte situação: na história, Lampião é morto pelos volantes, mas imaginemos que ele foi capturado. Levando-se em conta essa situação, a turma realizará o seu julgamento.


A **INTERPRETAÇÃO**, última etapa da sequência básica, passa por dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a construção do sentido do texto pelo encontro pessoal do leitor com a obra, assim, Cosson (2019, p.65) explana que "(...) acompanha a decifração palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem em seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura".


Prosseguir explicando a eles que um júri simulado é um jogo em que há uma discussão sobre determinado certame, nas quais são separados grupos a favor, contra e um juiz, que deve agir de forma neutra e julgar a melhor defesa ou ataque, no caso os argumentos.


A turma precisa ser dividida em dois grupos, o que pode ser feito por sorteio; o professor pode assumir o papel de juiz ou orientar um aluno para isso. Cada equipe cria um grupo de *WhatsApp* para formular suas estratégias de argumentação. É importante estabelecer um cronograma de forma clara e precisa, o que depende das aulas do professor com a turma. Não se deve estender muito o prazo entre as atividades, para evitar perder o foco e o interesse dos estudantes. Dessa forma, deve ser marcado o dia do júri, e assim, delimitado o tempo para preparação e a realização das pesquisas. O professor deve sugerir sites para as pesquisas e materiais nos quais podem se apoiar em suas argumentações, como cordéis, música, reportagens etc. Segue alguns:




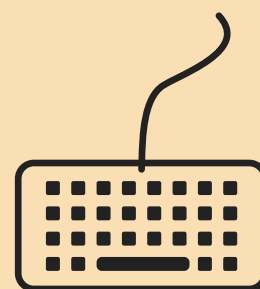
SUGESTÕES PARA OS ALUNOS DE FONTES DE PESQUISA:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34> 

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/cangaco-banditismo-no-sertao-nordestino.htm> 

<http://www.vagalume.com.br/ze-tapera-e-teodoro/o-rei-docangaco.html#ixzz25M6QTPEV> 

Lampião Falou - Luiz Gonzaga - LETRAS.MUS.BR
<http://www.ablc.com.br/?s=lampiao> 



O Júri pode ocorrer por meio de uma videoconferência do *Google Meet*, e para manter uma organização, o professor deve enviar com antecedência o cronograma do evento: momento de fala de cada integrante, estipulação de tempo etc.

Para facilitar a visualização e o entendimento do evento, defesa e acusação podem ser apresentados de forma sintetizada; os argumentos durante a explanação por meio do *Microsoft PowerPoint* ou ferramenta similar.

A atividade propicia ampliar habilidades de participação em discussões orais, de pesquisas, organização textual, bem como aprofundar o conhecimento a respeito do tema abordado na obra. Sendo assim, possível fortalecer a visão crítica sobre o contexto social e histórico apresentado na leitura do texto literário.

Por fim, para o registro e acompanhamento das atividades, seria interessante o professor criar um *blog*, como já foi mencionado na presente proposta. A seguir, um site gratuito de plataforma para criação de *Blogger*.

Disponível em: <https://www.blogger.com/about/>. Acesso em: 03 abr. 2021.



Imagem: Digitalizada pela autora a partir da obra.



SEQUÊNCIA 2

Luise Costa

Anayde Beiriz

uma biografia em quadrinhos



Imagem: <https://www.comichouse.com.br/produtos/anayde-beiriz-de-luise-costa/>

SOBRE A OBRA

A segunda sequência, proposta para trabalhar o “Projeto Jovem Leitor”, é baseada na obra de “Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos”, de Luyse Costa. Destaca-se que esta, surge como uma continuidade da primeira, portanto, deve ser seguida da primeira sequência.

RESUMO

No seu projeto de conclusão de curso, Luyse Costa decidiu pesquisar sobre a figura feminina no século XX. Sendo este um tema abrangente, optou por focar numa única mulher, Anayde Beiriz. Segundo a autora, a escolha se deu porque Anayde era paraibana como ela e porque havia muitas lacunas e deturpações em seus registros históricos, além de conotação pejorativa. Até hoje, Anayde é conhecida vulgarmente como “a amante de João Dantas, o assassino de João Pessoa”.

Luyse elegeu seu tema de pesquisa pela curiosidade em desvendar a história dessa mulher, tanto o passado, que não se sabia com precisão, quanto o futuro pós-incidente do sinistro. Com a ajuda de outros historiadores e de Ialmita Beiriz, sobrinha de Anayde, que guardou seus objetos pessoais, Luyse debruçou-se sobre os registros que haviam de Anayde. E conheceu uma mulher ousada e à frente do seu tempo. A pesquisa, além da monografia, resultou numa história em quadrinhos, publicada em maio de 2013.

Fonte: <https://silo.tips/download/luyse-costa-e-o-resgate-da-historia-atraves-dos-quadrinhos>. Acesso em 02 abr. 2021.

1º passo: Motivação

Para a motivação, desta sequência, o professor apresentará uma imagem, a qual encontra-se disposta no fim da obra, no intuito de provocar uma sensibilização da temática. Dessa forma, os alunos irão experimentar o primeiro contato com a obra, como mostra a figura abaixo:

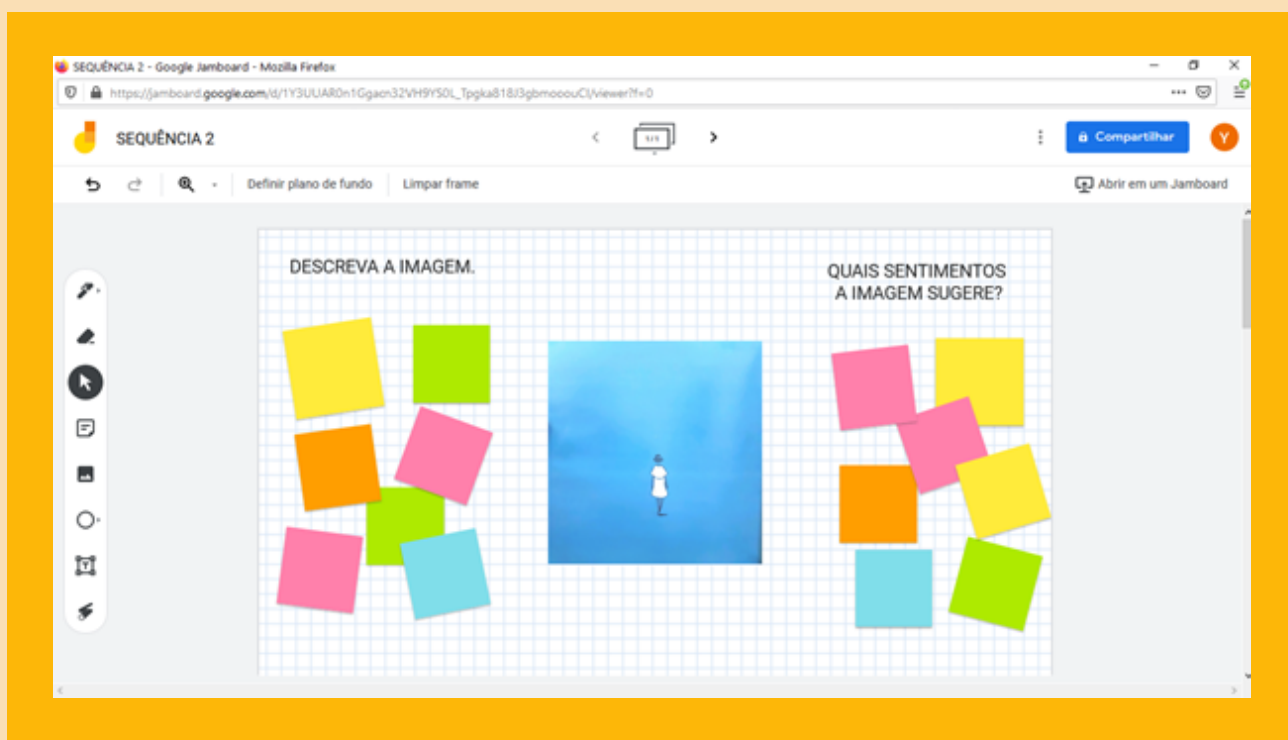


Imagem de um dos trechos do texto trabalhado na sequência

Fonte: Arquivo digitalizado pela autora.

Depois de apresentada a ilustração, os alunos serão sondados de suas impressões. Nesse momento, o professor deve fazer questionamentos a respeito da imagem, mas sem dar sua opinião. É preciso organizar a fala dos alunos, e para tal propósito sugerimos o uso da ferramenta *Jamboard*, como mostra a figura acima.

A **MOTIVAÇÃO**, a primeira parte da sequência básica do letramento literário, segundo é descrita por Cosson (2019), é a preparação do aluno para entrar no texto literário. Assim, o professor, como agente mediador dessa prática, tem que fazer uso de mecanismos que estimulem o aluno, para favorecer o processo da leitura como um todo.



Plataforma Google Jamboard (Classroom) - Fonte: Arquivo digitalizado pela autora.

A partir disso, espera-se criar uma ligação do aluno com a obra a ser explorada, gerando uma expectativa para a leitura. Desse modo, espera-se, também, criar uma primeira interpretação da obra; a respeito, Cosson (2019, p.72):

[...] dentro dos objetivos do letramento literário da escola, é possível misturar (...) a leitura com interpretação, a motivação com a introdução, sempre de acordo com as necessidades e características dos alunos, do professor e da escola.

O autor determina que deve haver uma estruturação ao se trabalhar o texto literário na escola, porém essa estrutura precisa ser maleável. Dessa forma, pode ser modificada para cumprir o seu objetivo da melhor forma possível. Uma vez que, somos sujeitos mutáveis, com necessidades distintas, então, não se pode esperar uma sistematização intocável no processo do letramento literário.

2º passo: Introdução

Os alunos devem estar com os livros em mãos; será exposto pelo professor um breve relato da autora e da obra. Ao falar sobre a autora, caso seja oportuno, mostre o *Facebook* da obra e o *blog* da autora, ambos criados por Luyse Costa, a autora do livro, um meio de tornar a aula mais atrativa.

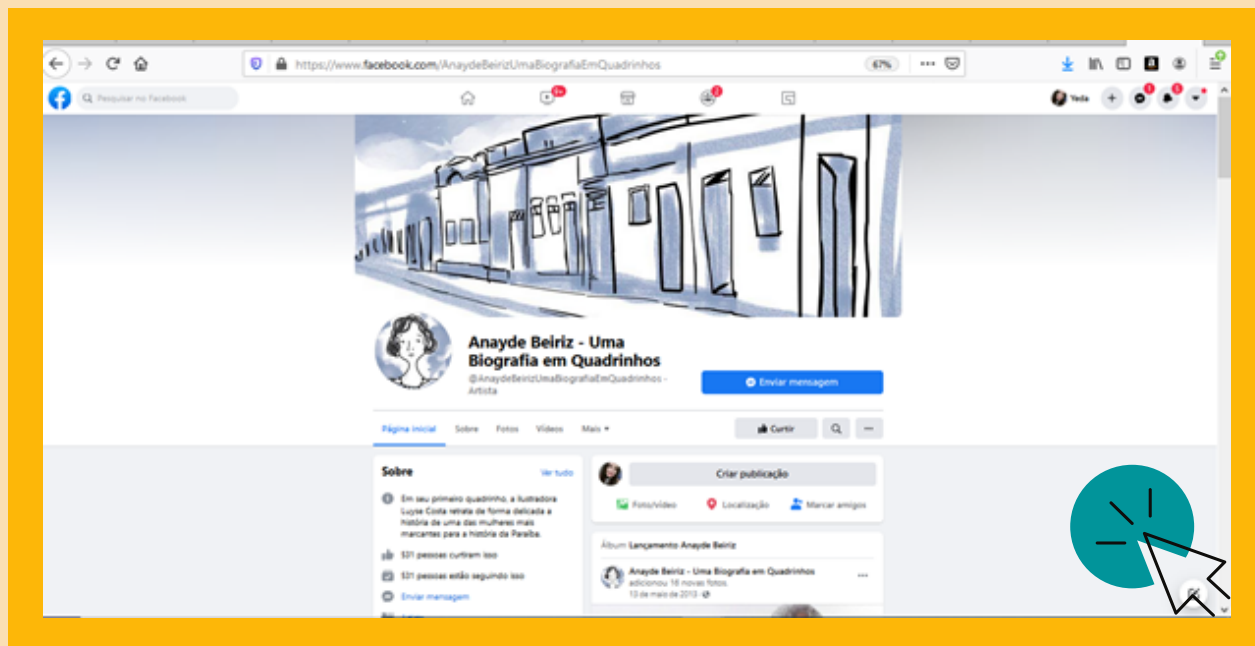


Imagem da Rede Social Facebook, na qual há uma página referente ao livro trabalhado nesta sequência.
Fonte: Facebook Disponível em: <<https://www.facebook.com/AnaydeBeirizUmaBiografiaEmQuadrinhos>>.
Acesso em: 26 mar. 2021.

A **INTRODUÇÃO**, segundo passo da sequência, é momento de apresentação do texto e do autor aos leitores; neste momento, é suficiente mencionar informações básicas sobre o autor, de preferência que estejam ligadas ao texto que será lido. Outro passo importante é justificar a escolha da obra.

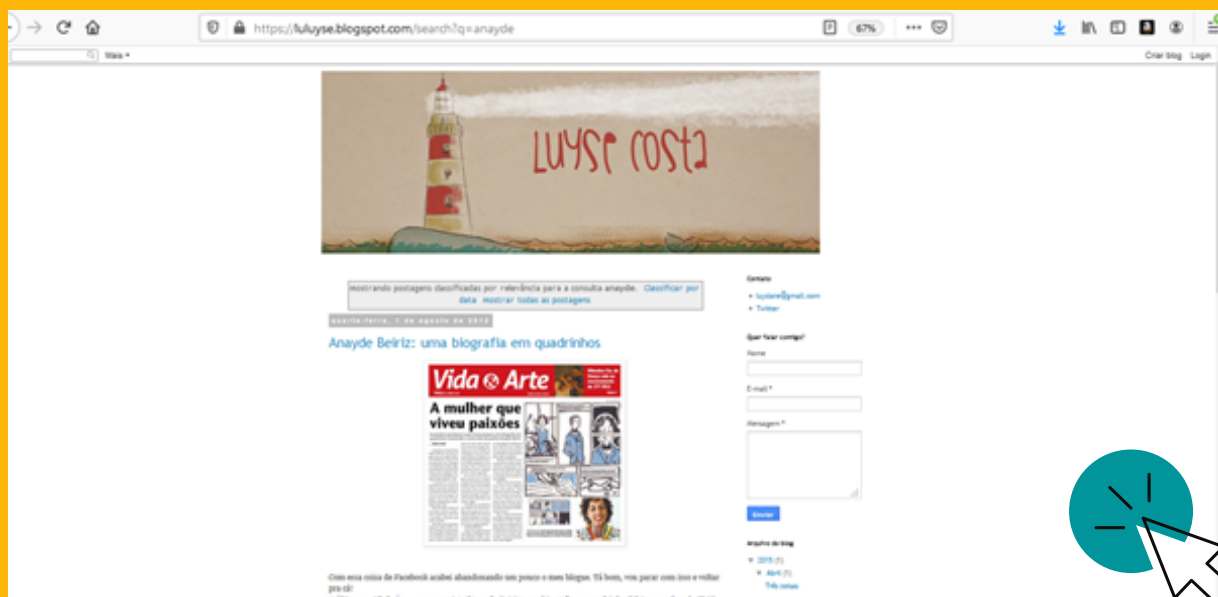


Imagem da página que hospeda o blog, referente ao livro trabalhado nesta sequência

Fonte: Disponível em: <<http://lulyse.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA

Luyisiane Costa, que prefere ser chamada de Luyse, nasceu em João Pessoa e atualmente reside na capital paulistana. É formada em História pela UFPB, mas vive mesmo como ilustradora. Incentivada pelos amigos a desenhar, em julho de 2008 Luyse criou um blog na plataforma Blogspot, onde a princípio inseria seus desenhos. Geralmente são ilustrações, algumas charges e tiras, desenhos com canetas nanquins, aquarelas e lápis de cor. Nesse período, Luyse cursava História na UFPB.

Em dezembro do mesmo ano, Luyse, por meio do seu blog, comunicou com alegria que um dos seus desenhos estava no site do Brazil Cartoon, site brasileiro especializado em cartuns, charges e caricaturas. Segundo os cartunistas, aparecer por lá é melhor do que ganhar um salão do humor. E assim, sentiu-se estimulada a continuar a produzir suas ilustrações (...).

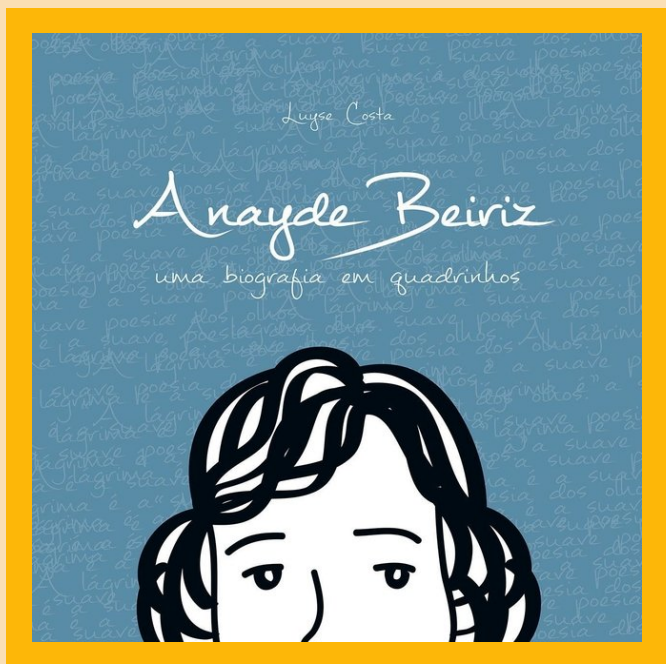
Na ordem cronológica de sua produção em quadrinhos biográficos, Luyse fez Anayde Beiriz: uma biografia em quadrinhos, depois produziu Anchieta: a Capela de São Miguel, e está em produção um quadrinho sobre o escritor paraibano Augusto dos Anjos. Porém, a história em quadrinhos sobre Anayde Beiriz veio a público após a publicação de Anchieta.



Disponível em: <<https://silo.tips/download/luyse-costa-e-o-resgate-da-historia-atraves-dos-quadrinhos>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

O professor precisa pesquisar, antes da aula, sobre o livro e sobre a vida de Anayde Beiriz, já que é a razão da existência do livro, para assim, compreender o valor da obra, e explicar aos alunos a escolha do texto a ser lido. Existem diversas pesquisas acadêmicas, *blogs* e *sites* que falam sobre Anayde Beiriz, e podem auxiliar na consulta, a exemplo do site: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/anayde-beiriz/>.

Após a discussão sobre a obra e a autora, prossegue-se para a leitura dos elementos paratextuais, na qual deve ser realizada de forma coletiva, momento em que serão levantadas hipóteses sobre a história. O professor deve perguntar o que os alunos esperam da obra a partir do título; este é um dos elementos paratextuais de maior valor, ou de maior valor. Deduz-se que os alunos irão perceber a presença de dois gêneros elencados no título da obra (biografia e quadrinhos); é conveniente o professor resgatar o conhecimento prévio dos alunos sobre os gêneros citados, lembrando suas características.



Capa do livro

Destaca-se que, segundo a BNCC (2017), um aluno de 9º ano seja capaz de reconhecer o gênero história em quadrinho e biografia, em virtude de ser uma das habilidades perpassadas em seu histórico escolar. Ainda sobre os elementos paratextuais, continuar com a leitura e a discussão, destacando a ilustração da capa do livro: cores, letras, formatos etc. Uma vez que os elementos visuais são de suma importância na construção de sentido desse tipo de texto, em especial da obra em questão.

3º passo: Leitura

A leitura acontecerá, diretamente do livro, de forma silenciosa pelo aluno e, por último, pelo professor, que lerá em voz alta, preferível ocorrer durante a aula, uma vez que o texto é curto. Em seguida, abrir uma discussão sobre as impressões que a obra provocou nos alunos.

4º passo: Leitura - Intervalo 1

Em um primeiro intervalo, enfatizar aspectos de construção do quadrinho: o cenário, objetos antigos, as roupas, as cores, a letra. Pedir que relacionem os elementos às situações apresentadas: aliança/noivado, pássaro/liberdade, remoinho/confusão mental, coração partido/rompimento.

A história é composta por três cores: azul, preta e branco. O azul, a cor que predomina no quadrinho, carrega um teor altamente simbólico para o contexto da vida da personagem principal. Segundo Paula Diniz:

A cor azul tem no seu simbolismo de conotação positiva os significados de inteligência, comunicação, serenidade, confiança, entre outros. Estes quatro significados em particular citados são características da personalidade de Anayde Beiriz, que são abordadas na narrativa gráfica de Luyse Costa. Em contrapartida, a cor azul, na sua conotação negativa, traz no seu simbolismo o significado de frieza, falta de emoção, antipatia, altivez e estas sensações e emoções que foram experimentados por Anayde Beiriz em vida. (DINIZ, 2014, pp.21-22).

A **LEITURA** consiste no acompanhamento da leitura, na qual deve ser feita fora da sala de aula, caso o texto seja extenso. Ao designar a leitura de uma obra, é sugerido que o professor negocie o tempo necessário para a sua leitura completa, o qual não deve ser longo, para que não perca o foco da atividade.

A autora relata, ainda, que se trata de um azul com tendência ao cinza, dando margem para uma conotação negativa, o que nos remete aos sentimentos experimentados por Anayde Beiriz: desânimo, depressão, hibernação, falta de confiança.

À vista disso, por perceber um significado nas escolhas das cores pela autora, sugerimos explorar a conotação da cor preta na obra. Solicitar aos alunos para encontrarem no texto os momentos em que ela aparece, e, a partir disso, levantar hipóteses do motivo que levou a autora a escolher fazer o uso da cor em algumas situações. A título de exemplo, na página 23 da obra, João Dantas aparece com o terno azul e João Pessoa com o terno preto. Este é um paralelo interessante para indagar os alunos.

Destaca-se que o professor precisa ter um conhecimento prévio sobre a história de João Pessoa, para uma posterior contextualização da obra. Uma outra forma de ampliar o conhecimento dos alunos sobre o assunto é pedir que a turma pesquise a biografia de João Pessoa. Na atividade proposta, o aluno poderá compreender que João Pessoa pode ser o mocinho da história da Paraíba, afinal deu nome à capital paraibana, mas na história de Anayde Beiriz, ele é o vilão, e, portanto, o preto do paletó.



Anayde Beiriz: uma biografia em quadrinhos (p. 23)

5º passo: Leitura - Intervalo 2

No segundo intervalo, aborde a temática da liberdade feminina, assunto em destaque na obra e na vida de Anayde Beiriz. Vista como uma mulher à frente do seu tempo, rompeu barreiras e sofreu com a discriminação da sociedade da época por tentar ser “livre”.

Pedir aos alunos que apontem no texto, os elementos que remetem, ou garante a liberdade de Anayde e os que remetem a prisão. O livro evidencia a coragem e a independência financeira como elementos de liberdade e o tradicionalismo como uma prisão que a envolve.

Prosseguir com a temática em questão, solicitar aos alunos suas perspectivas, a partir da leitura da obra e de seus conhecimentos de mundo, de como é vista a mulher pela sociedade na década de 20 e como ela é vista hoje, a exemplo, questionar se eles consideram as mulheres de hoje livres. Prosseguir, indagando se a situação mudou. A notícia completa encontra-se em: <https://istoe.com.br/df-vizinhas-mandam-mensagem-pedindo-para-moradora-nao-usar-shortinhos-no-condominio/>



Imagem da página que hospeda o site, referente à matéria da revista ISTOÉ, trabalhada nesta sequência

Fonte: ISTOÉ.
Disponível em:
<<https://istoe.com.br/df-vizinhas-mandam-mensagem-pedindo-para-moradora-nao-usar-shortinhos-no-condominio/>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

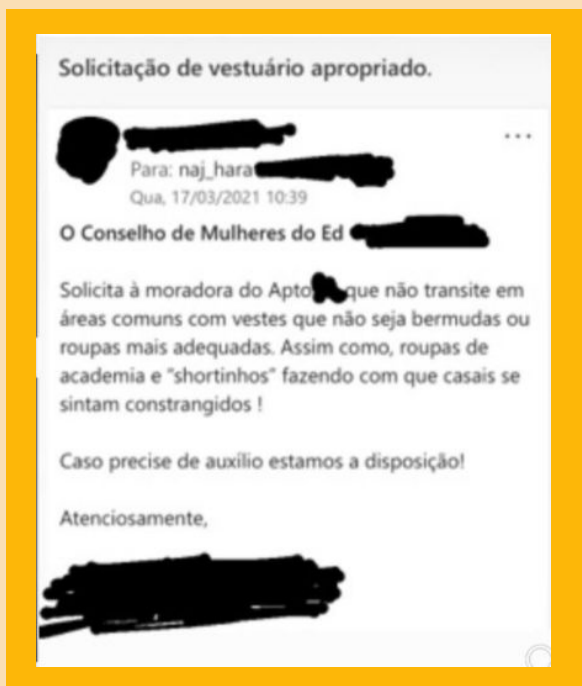


Imagem (2) da página que hospeda o site, referente à matéria da revista ISTOÉ, trabalhada nesta sequência

Fonte: ISTOÉ.
Disponível em: <https://istoe.com.br/df-vizinhas-mandam-mensagem-pedindo-para-moradora-nao-usar-shortinhos-no-condominio/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

A partir da notícia atual, confronte os alunos a refletirem e proponha a repensarem suas opiniões sobre a questão anterior “liberdade da mulher na sociedade”. Reforce com o comentário de Najhara Noronha, a técnica de laboratório que recebeu o e-mail:

“A questão de um grupo de mulheres, ou apenas uma mulher, se achar no direito de definir o que eu posso vestir ou não, não há nada que justifique um comportamento desses”

Fonte: ISTOÉ. Disponível em: <https://istoe.com.br/df-vizinhas-mandam-mensagem-pedindo-para-moradora-nao-usar-shortinhos-no-condominio/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

Escute com os alunos a música "Triste, Louca Ou Má", da banda Francisco, El Hombre, e, em seguida, debata com eles a semelhança que pode ser estabelecida entre a letra da canção, e a notícia “DF: Vizinhas mandam e-mail pedindo para moradora não usar ‘shortinhos’ no condomínio” e o livro "Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos".

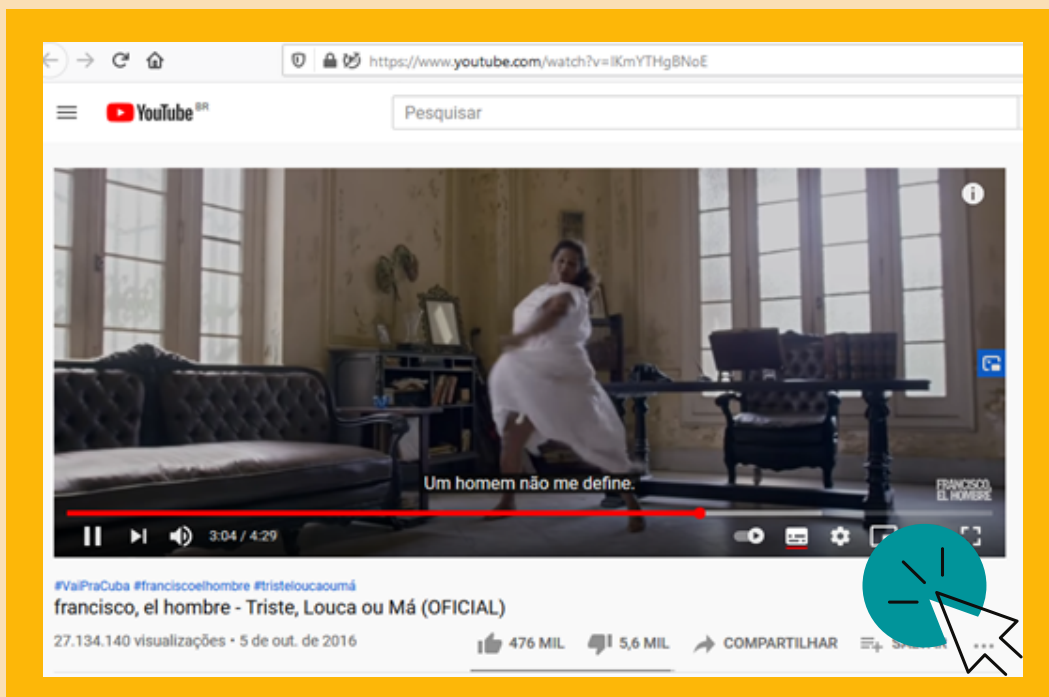


Imagem da página que hospeda o site YouTube, com material trabalhado nesta sequência.

Fonte: YouTube, duração 4'29. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>> acesso em: 27 mar. 2021.

Triste, Louca Ou Má - *Francisco El Hombre*

Triste, louca ou má
Será qualificada ela
Quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem, não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou (e um homem não me define)
Desatou nós (minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou (e um homem não me define)
Desatou nós (minha casa não me define)
Vai viver (minha carne não me define)
Eu sou meu próprio lar

Disponível em: <<https://www.let-ras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>>. Acesso em: 27 mar. 2021

6º passo: Leitura - Intervalo 3

Os três textos apresentam a temática do tradicionalismo, e dentre outros assuntos semelhantes, os três reforçam uma repressão ao corpo da mulher. Podemos notar nas seguintes passagens: Livro - “Não só a liberdade de corpo (...)”, notícia - “(...) não transite em áreas comuns com vestes que não seja bermudas (...)” e letra da canção - “Vai viver (só minha carne não me define)”.

Um terceiro intervalo é recomendado para esta sequência, como uma forma para promover a progressão literária do aluno. Diante disso, sugerimos uma comparação em que se apontem as diferenças entre as duas histórias em quadrinhos: "Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida" e "Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos". O professor deve mediar essa comparação, para tal fim, propomos os seguintes tópicos:



1. cenário;
2. linguagem;
3. recursos gráficos;
4. cores;
5. importância histórica;
6. sentimentos que despertam.

O livro Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida apresenta em todos os seus quadrinhos as cores preto e branco, com exceção da capa, na qual destaca-se um amarelo forte que lembra o sol quente do sertão. O quadrinho é repleto de elementos da cultura do sertão nordestino: objetos, linguagem, flora, fauna, vestimentas etc. Já a história, escrita por Luyse Costa, tem como cenário um ambiente totalmente urbano. Contudo, podemos notar algumas semelhanças: ambas histórias têm em comum: pertencerem ao nordeste, o gênero quadrinho, serem textos baseados em histórias reais e serem duas figuras que representam coragem.




7º passo: Interpretação

Na interpretação, a princípio, o professor solicitará aos alunos para reverem o que expressaram na motivação. Através de um pequeno texto, o professor pedirá que escrevam sua visão sobre a obra após a leitura integral.

Em um segundo momento, o professor encaminhará os alunos ao texto "Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida" e fará a leitura da penúltima página do livro; a página apresenta pessoas, revista e jornais sugerindo a leitura do livro.

LAMPIÃO CORRE O BRASIL



Na 1.ª fila, a segunda da esquerda para a direita é Luiz Pedro, em seguida vêm Lampião, Maria Bonita, Manoel de Jaria e Anailza.

"Os desenhos a bico de pena elevam o epílogo da saga de Lampião ao que de melhor tem sido feito, no formato, nos últimos tempos. O livro de Klévisson vai correr mundo, como um corisco, como a luz de um lampião."
Elvada de Carvalho — jornal O POVO (Fortaleza/CE — jul/98)

"O 'Lampião' de Klévisson fala a língua do Cangaço. O autor pesquisou expressões e costumes do bando, que reproduz com fidelidade nos balões, criando um texto engraçado e ao mesmo tempo curioso."
Patrícia Villalba — jornal O ESTADO DE S. PAULO (out/98)

"'Lampião... Era o Cavalo do Tempo Atrás da Besta da Vida' é muito legal. Acreditamos que os leitores que gostaram da reportagem sobre Lampião também gostariam de conhecer este trabalho, que traz mais detalhes sobre a morte de Lampião e sobre os traços culturais do povo que vive no sertão nordestino."
Mônica Krausz — revista ZÁ n.º 33 (julho/99)

"A história em quadrinhos 'Lampião... Era o Cavalo do Tempo Atrás da Besta da Vida' reúne em suas páginas o talento do cartunista e a dedicação do pesquisador Klévisson. Assim, ele consegue aglutinar a imaginação lírica do desenhista com o rigor da pesquisa. ... Klévisson realiza um trabalho competente que é uma justa homenagem à memória do capitão Virgulino, o Lampião. Uma história capaz de agradar a gregos, troianos, cangaceiros e macacos."
Emmanuel Nogueira — jornal DIÁRIO DO NORDESTE (Fortaleza/CE — jul/98)

"Uma das maiores preocupações do artista ao contar a história em forma de quadrinhos é com os detalhes. De acordo com ele, o Nordeste precisa ser melhor retratado. Por isso, no final de Lampião... Klévisson oferece ao leitor um acervo de imagens das coisas do sertão nordestino."
Patrícia Cunejundes e Benedito Teixeira — jornal GAZETA MERCANTIL (mar/99)

"...O roteiro tem pesquisado, o tratamento dado à arte-final e ao acabamento de luxo, além da paixão que o quadrinista tem pelo tema, elevam a saga de Lampião ao que de melhor tem sido produzido em matéria de quadrinhos nos últimos tempos."
Bárcio Raposo — jornal TRIBUNA DO NORTE (Natal/RN — jul/98)

"...Klévisson baseou-se em intensa pesquisa sobre Lampião para montar uma história recheada do linguajar característico da região. Nada que se pareça com o falso sotaque comumente disseminado pelas telenovelas, mas uma variação de palavras e frases que leva o leitor a se sentir um perfeito cabra da peste".
Malu Longo — jornal O POPULAR (Goiânia/GO — fev/99)

"...Klévisson é realmente um jovem artista de grande talento e, também do ponto de vista gráfico, seu trabalho é primoroso. (...) Assim, quando surge um trabalho como o seu, além de surpresa fico envaidecido. Que coisa fantástica! É surgido no Nordeste, em Fortaleza-Ceará. A região mais brasileira do Brasil. Aceite meus mais sinceros e comovidos parabéns. (...) Klévisson necessita de todo aplauso e de todo o estímulo. Sucesso, companheiro! Abraço!"
Hávio Collin, quadrinista e artista gráfico (Teresópolis/RJ — jun/99)

"Li o livro 'Lampião' e gostei muito. Principalmente por causa da linguagem autêntica, dos pitos dos pais nos meninos, esses interferindo na história pra dar o chamado distanciamento brechtiano, ou, aliás, principalmente por que está tudo bom e não tem esse negócio de principalmente. Klévisson é um artista extraordinário e uma pessoa digna de estar sempre com a gente, trocando idéias, criando e nos impressionando."
Sylvio Abreu, jornalista e colaborador da revista BUNDAS (Caratinga/MG — nov/98)

"Achei duacete o 'Lampião'. Excelente aproveitamento ficcional de uma história real, calcada em elaborado trabalho de pesquisa. A cultura nordestina, a despeito da miséria que impera no sertão, é muito vasta e trabalhos como o seu são importante contribuição para a sua preservação e valorização. Personagens como Lampião, Padim Ciço, Antônio Conselheiro, Zumbi dos Palmares, precisam ter suas histórias contadas e recontadas, para que consigam seu devido lugar na história e na cultura nacionais. Trabalhos como o seu têm a dimensão da obra de um Catulo da Patativa, de um Patativa do Assaré, de um Gilberto Freyre, na medida em que, usando a linguagem contemporânea das HQs, faz um registro pictórico inédito do Cangaço e, por extensão, do povo nordestino. Aqui ao Oeste, no cerrado, Guimarães Rosa foi buscar inspiração para suas fantásticas histórias e deu uma incomparável contribuição à cultura brasileira, ao registrar para sempre o linguajar quase incompreensível do matuto das Gerais. Mas não sei ainda de algum quadrinista que tenha feito um trabalho sobre a cultura mineira com a seriedade e o apuro de 'Lampião...'.
Aragão, poeta e cartunista (Ipatinga/MG — set/98)

"Prezado Senhor: atendendo ao Requerimento n.º 2011/99, de autoria do Senhor Deputado Artur Bruno, subscrito pelos Senhores Deputados João Alfredo e Tomaz Brandão, aprovado em Plenário, comunicamos o registro em Ata dos trabalhos desta Casa, de voto de congratulação a V. S.ª, por ter sido agraciado com o troféu HQMix, prêmio em reconhecimento à qualidade do álbum 'Lampião'. Atenciosamente."
Deputado Marcos Cals, Primeiro-Secretário (Assembleia Legislativa do Estado do Ceará — set/99)

A **INTERPRETAÇÃO**, última etapa da sequência básica, passa por dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a construção do sentido do texto pelo encontro pessoal do leitor com a obra, assim, Cosson (2019, p.65) explana que "(...) acompanha a decifração palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem em seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura".

Após a leitura, o professor discutirá com os alunos sobre a importância desse tipo de comentário, o qual serve como incentivo para a leitura do livro. Diante do exposto, pedirá aos alunos, apoiando-se no texto já produzido por eles, que façam comentários para futuros leitores do livro "Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos", de Luyse Costa. Como forma de colaborar com a comunicação nos meios digitais, as sugestões podem ser publicadas em uma página que esteja vendendo o livro. Em tal caso, é importante apresentar os cuidados que devem ser tomados no uso das redes sociais.

Sugerimos a leitura do Marco Civil da Internet. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20112014/2014/lei/l12965.htm

Por fim, seguindo o registro da primeira sequência, os alunos podem expor seus comentários no site, o qual deve ser criado pelo professor para guiar e registrar as atividades de literatura da turma.





SEQUÊNCIA 3

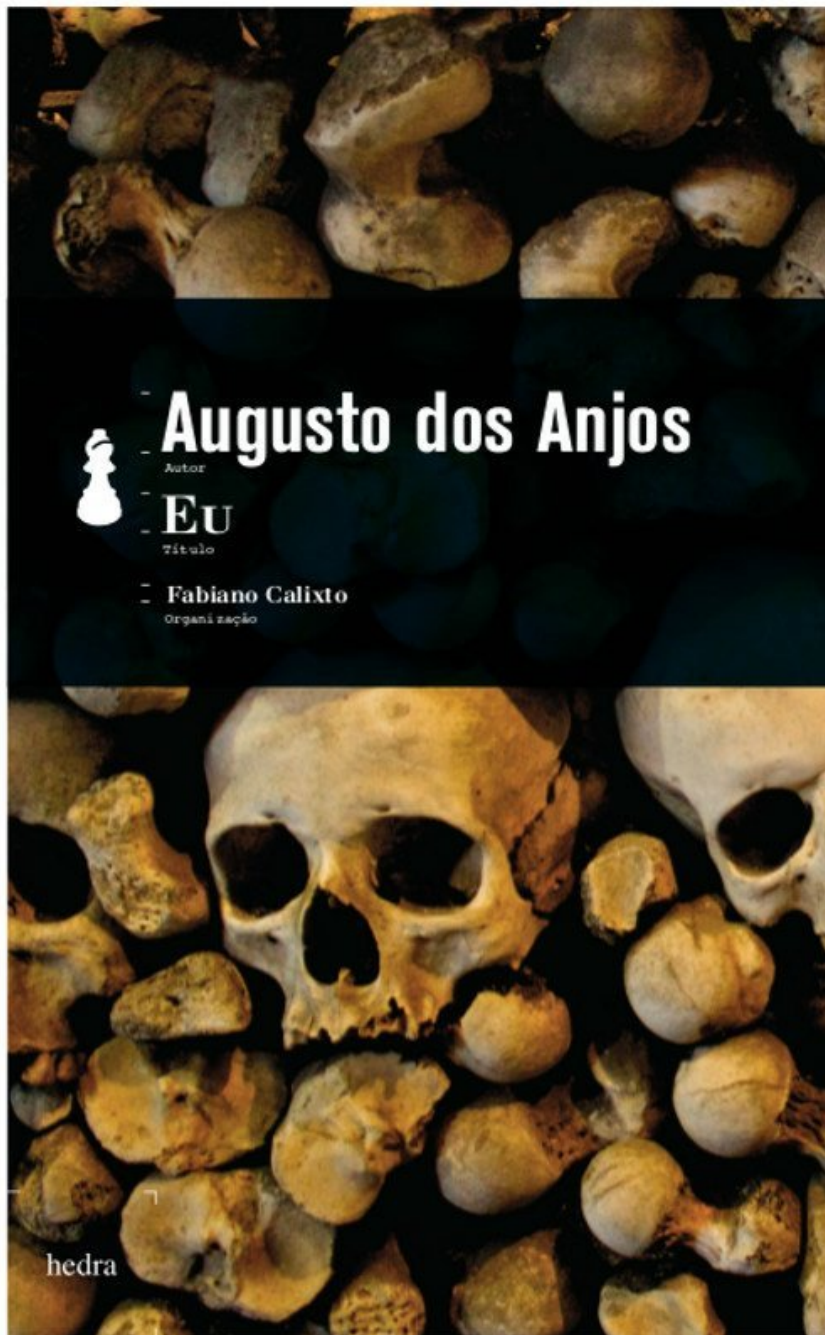


Imagem: <https://www.hedra.com.br/shop/product/9788577152841-eu-augusto-dos-anjos-editora-hedra-poe012000-1058>

SOBRE A OBRA

No presente trabalho, sugerimos um ensino significativo de literatura por meio do “Projeto Jovem Leitor” – 9º ano. Diante de tal proposta, nesta sequência, optamos por levar o aluno a ter o contato com o primeiro clássico, para assim, estabelecer a progressão do seu letramento literário. Uma vez que, nas sequências anteriores, foram exploradas duas histórias em quadrinhos, as quais são preferíveis pelo público infantojuvenil, em razão de abarcar uma linguagem mais acessível e formato mais atrativo, de modo geral. Diante disso, as atividades aqui postas, buscam intermediar uma conciliação para ampliar, gradativamente, o repertório literário do aluno, de forma que contribua na construção de um leitor autônomo.

RESUMO

Publicado em 1912, *Eu* seria o único livro de Augusto dos Anjos. Os 58 poemas aqui reunidos causaram enorme estranhamento no ambiente literário do início do século XX e permanecem ainda hoje como exemplares de uma poesia bastante insólita. Frutos de uma singular aliança entre tendências literárias e filosóficas do período, os poemas de *Eu* são tributários do cientificismo positivista do século XIX, do formalismo parnasiano, do misticismo simbolista – vazado pelas doutrinas espirituais do Oriente, que o poeta empresta de Schopenhauer, junto do pessimismo a respeito das coisas humanas – e das ideias do Naturalismo, que reduzem o homem a seus aspectos biológicos e temperamentais. Anti-idealista, corrosiva e impiedosa na consideração dos destinos humanos, a poesia de Augusto dos Anjos, considerada doentia por muitos de seus contemporâneos, sobreviveu ao século XX muito melhor do que a de autores celeberrimos durante a vida do poeta, como Olavo Bilac e Raimundo Correa.

Disponível em:
<https://www.hedra.com.br/shop/product/9788577152841-eu-augusto-dos-anjos-editora-hedra_poe012000-1058> acesso em 04 mar. 2021.

1º passo: Motivação

Nesta etapa, julgamos conveniente iniciar a motivação a partir de uma ligação pré-estabelecida com as outras duas sequências, assim sugerimos a leitura da tirinha "Augusto & Eu", de Val Fonseca, inspirada em Augusto dos Anjos.

O professor iniciará a sequência promovendo a leitura e a discussão da tirinha Augusto & Eu. Perguntar se conhecem as personagens da tira, sobre o cenário, o que se passa no primeiro quadro e se concordam com o que caveira diz no último quadro. Nesse momento, o professor pode estimular o aluno a refletir/ levantar hipóteses do porquê o homem está sendo comparado ao verme.



Imagem referente ao material trabalhado nesta sequência

Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/->

[SGadHxesUYE/U7qHfimYLil/AAAAAAAAABmE/P_FYtQLpfP8/s1600/AeEU+09.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-SGadHxesUYE/U7qHfimYLil/AAAAAAAAABmE/P_FYtQLpfP8/s1600/AeEU+09.jpg) Acesso em: 03 de mar. 2021.

Pedir aos alunos que pesquisem a função do verme no ecossistema. Após a realização da pesquisa, peça que eles expliquem o motivo da comparação. Relembre que, na obra "Anayde Beiriz – Uma Biografia em Quadrinhos", o pássaro representa a liberdade almejada por Anayde. Dessa forma, confronte as comparações: pássaro/mulher e verme/homem. Pergunte a eles qual causa mais estranheza.

A **MOTIVAÇÃO**, a primeira parte da sequência básica do letramento literário, segundo é descrita por Cosson (2019), é a preparação do aluno para entrar no texto literário. Assim, o professor, como agente mediador dessa prática, tem que fazer uso de mecanismos que estimulem o aluno, para favorecer o processo da leitura como um todo.

2º passo: Introdução

Nessa etapa, o professor deve apresentar o escritor Augusto dos Anjos e destacar sua importância no cenário da literatura brasileira. A obra de Augusto dos Anjos continua influenciando gerações; a título de exemplo, temos a tirinha apresentada na motivação. Caso o professor considere oportuno, apresente o Memorial de Augusto dos Anjos, um espaço cultural, na cidade de Sapé-PB, criado para enaltecer a grandiosidade desse escritor paraibano.



Imagem referente ao material trabalhado nesta sequência

Fonte:
<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/memorial-augusto-dos-anjos/> Acesso em: 03 de mar. 2021.

O autor publicou uma única obra intitulada "Eu" em 1912, porém o livro apresenta inúmeras edições. A obra, que faz parte do "Projeto Jovem Leitor" – 9º ano, foi organizada pelo poeta Fabiano Calixto. Na introdução, o professor deve enfatizar os elementos que considerem importantes para a abordagem da obra, elementos que também despertem a curiosidade do aluno para a leitura, assim, junto com os alunos devem explorar os elementos paratextuais.

A **INTRODUÇÃO**, segundo passo da sequência, é momento de apresentação do texto e do autor aos leitores; neste momento, é suficiente mencionar informações básicas sobre o autor, de preferência que estejam ligadas ao texto que será lido. Outro passo importante é justificar a escolha da obra.

BIOGRAFIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Augusto dos Anjos nasceu em Pau d'Arco, Paraíba, no dia 20 de Abril de 1884. Filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Recebeu do pai, formado em Direito, as primeiras instruções. No ano de 1900 ingressou no Liceu Paraibano, e nessa mesma época compôs seu primeiro soneto, "Saudade".



No ano de 1903, iniciou seus estudos na Faculdade de Direito do Recife, retornando em 1907 para João Pessoa, onde em 1908 começou a lecionar Literatura Brasileira.

Casou-se, em 1910, com Ester Fialho, e neste mesmo ano, como consequência de alguns desentendimentos com o governador, foi afastado de seu cargo. Mudou-se, após isso, para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor de Geografia do Colégio Pedro II.

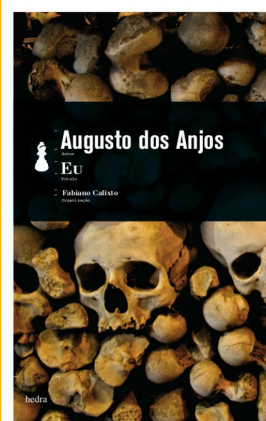
Durante a vida, Augusto publicou vários poemas em jornais e periódicos. Em 1912 publicou seu único volume de poesias, que recebeu o nome de "Eu". Esta obra chocou críticos da época, por conter vocabulário agressivo e dramaticidade angustiante, chegando a conter termos considerados antipoéticos. Sofreu reedição tempos depois, e recebeu o nome de "Eu, e Outros Poemas".

Augusto dos Anjos foi considerado um dos mais importantes poetas do Pré-Modernismo, e com sua poesia antilírica e mórbida preparou o terreno para a renovação modernista.

No ano de 1914, transferiu-se para Minas Gerais, onde foi nomeado Diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, localizado na cidade e Leopoldina.

Depois de contrair fortíssima gripe, foi acometido por uma pneumonia, falecendo no dia 12 de novembro de 1914.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/escritores/augusto-dos-anjos/> acesso em: 04 mar. 2021.



Capa do livro

3º passo: Leitura

Ouvir com os alunos a declamação do poema "Psicologia de um Vencido", como um meio de observar a sonoridade do poema e estimular a leitura poética; encontra-se em: https://tvcultura.com.br/videos/60822_psicologia-de-um-vencido.html.

Em seguida, os alunos devem realizar a leitura de forma silenciosa, diretamente do livro. Segundo Solé (1998, p.32) "O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos." Dessa forma, a interação entre o autor e o leitor é fundamental. O professor prosseguirá com a terceira leitura do poema. Após essa ação, deve pedir aos alunos para tecerem suas impressões sobre o poema lido.

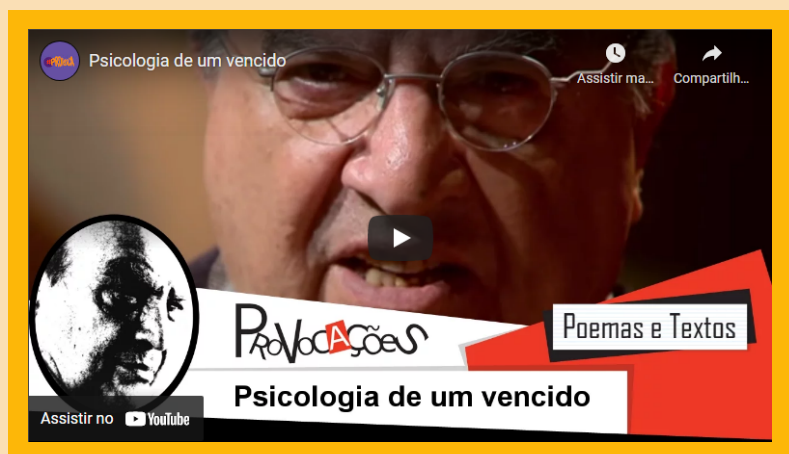


Imagem referente ao programa de entrevistas Provocações, exibido na TV Cultura, trabalhado nesta sequência

Fonte: TV Cultura, duração 1'07. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/60822_psicologia-de-um-vencido.html. Acesso em: 01 abr. 2021.

A **LEITURA** consiste no acompanhamento da leitura, na qual deve ser feita fora da sala de aula, caso o texto seja extenso. Ao designar a leitura de uma obra, é sugerido que o professor negocie o tempo necessário para a sua leitura completa, o qual não deve ser longo, para que não perca o foco da atividade.

Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

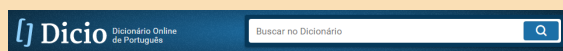
Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia,
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário de ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida, em geral, declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

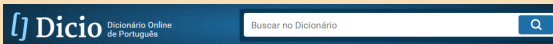
(ANJOS, 2013, p. 72)

Orientar os alunos a pesquisarem as palavras desconhecidas, o que pode ser feito por meio do dicionário online, disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Se o professor preferir, apresente os significados de algumas palavras, antes de pedir a impressão deles:



Hipocondríaco

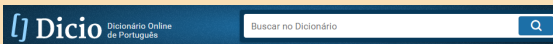
Significado de Hipocondríaco: substantivo masculino. Sujeito que possui hipocondria, patologia mental de quem se preocupa excessivamente com o próprio estado de saúde sem razão aparente para isso.



Carbono

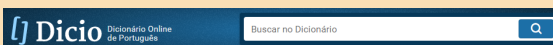
Significado de Carbono: substantivo masculino. Corpo simples (C), que se encontra, mais ou menos puro, na natureza, seja cristalizado (diamante, grafita), seja amorfo (carvão de pedra, hulha, antracito, linhita).

Carbono 14, isótopo radiativo do carbono, que se forma na atmosfera, sob a ação das radiações solares: o teor de carbono 14 permite fixar a idade de um fóssil. (Var.: carbônio.) O carbono é infusível, bom condutor de calor e de eletricidade, combustível e redutor. Forma inúmeros compostos, cujo estudo constitui a química orgânica. Entra na composição de quase todos os tecidos animais e vegetais.



Amoníaco

Significado de Amoníaco: substantivo masculino. Gás de odor muito picante e sabor cáustico, formado pela combinação de nitrogênio e de hidrogênio (NH₃): o amoníaco é utilizado como agente refrigerante, bem como para a produção de explosivos e de adubos.



Rutilância

Significado de Rutilância: substantivo feminino. Estado ou qualidade do que é rutilante; brilho, esplendor, rutilação.



Repugnância

Significado de Repugnância: substantivo feminino Característica do que repugna. Sentimento que denota repulsa; sensação de asco ou aversão. Falta de compatibilidade; antipatia. Grande relutância em se comportar de determinado modo.

Ânsia

Significado de Ânsia: substantivo feminino Sensação de aperto na região torácica ou peitoral; aflição. Angústia causada por um sentimento de expectativa ou de incerteza. Desejo excessivo; anseio: ânsia de sucesso. Reunião das sensações ou acontecimentos anteriores à morte; agonia.

Análoga

Significado de Análoga: adjetivo. De teor semelhante, parecido: análise análoga ao livro. Que se pauta em analogias; em que há correspondência: profissões análogas. Que se estabelece por comparações: obras literárias análogas. [Biologia] Capaz de desenvolver ou desempenhar as mesmas funções, quando comparado com outro(s) de origem e estrutura distintas.

Espera-se que os alunos estranhem a linguagem e reconheçam um tom mórbido presente no poema. Para ampliar a visão sobre as imagens que o poema faculta, o professor deve fazer perguntas que estimulem a concepção do aluno sobre o poema. É importante que o professor estude com antecedência os conteúdos que serão abordados.

As atividades propostas nos Intervalos caminham para propiciar uma experiência literária a partir da percepção das metáforas poéticas em um poema, em uma história em quadrinhos e em uma letra de música. Refletindo sobre os usos criativos da linguagem na construção do texto.

4º passo: Leitura - Intervalo 1

Para dar prosseguimento a atividade, deve ser apresentado o conceito de poesia, enfatizando que um dos recursos da linguagem poética é criar objetos para a imaginação visual. O conceito de poesia está ligado ao belo, a sensações e a forma de sintetizar emoções. A partir disso, proponha aos alunos uma comparação entre o livro "Anayde Beiriz - Uma Biografia em Quadrinhos" e o poema "Psicologia de um Vencido".

O professor introduzirá a comparação entre as duas obras evidenciando os títulos, durante a discussão, apontará a diferença de uma biografia e uma autobiografia instigando o aluno a tecer comentários. Os alunos devem refletir se o poema "Psicologia de um Vencido" tem traços de uma biografia.

Segundo Paula Diniz (2014, pp. 24-25), na página 10 da história em quadrinhos, vemos uma composição artística que descreve a pessoa de Anayde e de forma sucinta sua vida e seu desfecho, numa bela composição de poesia, desenhos e cores." A partir disso, peça aos alunos que estabeleçam uma comparação entre a página 10 da história em quadrinhos com o poema "Psicologia de um Vencido". Oriente aos alunos a compararem a linguagem usada, os sentimentos que provocam, o tema, dentre outros aspectos.

Os dois textos falam de morte, de vida, sentimentos de pessimismo e melancolia. O quadrinho apresenta uma linguagem mais suave que contrasta com a do poema, este soa mais agressivo. Cabe frisar, como esclarece Cosson (2019), que não existe uma única interpretação, porém nem toda interpretação é aceitável. Os limites da interpretação devem ser buscados na coerência da leitura que se realizou com os alunos, e devem levar em conta seu objetivo.



Imagem referente às ilustrações dos quadrinhos Anayde Beiriz - Uma Biografia em Quadrinhos, p. 10 (trabalhado na sequência)
 Fonte: Digitalizado pela autora.



5º passo: Leitura - Intervalo 2

O professor retomará a tirinha apresentada na motivação, pedirá aos alunos para explorarem a referência feita ao poema "Psicologia de um Vencido".



Imagem referente à ilustração publicada no blog, trabalhado nesta sequência

Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/-](http://4.bp.blogspot.com/-<SGadHxesUYE/U7qHfimYLil/AAAAAAAAABmE/P_FYtQLpfP8/s1600/AeEU+09.jpg)

[<SGadHxesUYE/U7qHfimYLil/AAAAAAAAABmE/P_FYtQLpfP8/s1600/AeEU+09.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-<SGadHxesUYE/U7qHfimYLil/AAAAAAAAABmE/P_FYtQLpfP8/s1600/AeEU+09.jpg)

Acesso em: 03 de mar. 2021.

Em seguida, escute a música "Saia de Mim", de Arnaldo Antunes, disponível em: <https://www.vagalume.com.br/titas/saia-de-mim.html>. Ressaltar que as palavras incomuns empregadas nos versos manifestam uma forte influência do poeta Augustos dos Anjos. Estimular os alunos a levantarem hipóteses da intenção do autor ao fazer uso dessa abordagem. Os versos da música "Saia de mim", do grupo Titãs, apresentam uma linguagem que tem nitidamente a intenção de chocar e subverter valores sociais regidos por uma tendência politicamente correta.

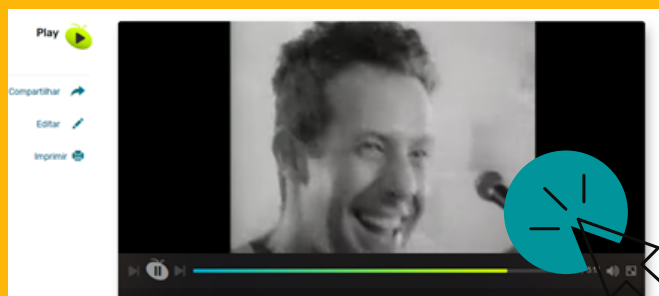


Imagem referente ao site Vagalume, trabalhado nesta sequência

Fonte: Vagalume, duração 3'17.

Disponível em:

[https://www.vagalume.com.br/titas/](https://www.vagalume.com.br/titas/saia-de-mim.html)

[saia-de-mim.html](https://www.vagalume.com.br/titas/saia-de-mim.html). Acesso em: 29

mar. 2021.



Saia de mim

Arnaldo Antunes/ Titãs

saia de mim como suor
tudo que eu sei de cor
saia de mim como excreto
tudo que está correto
saia de mim
saia de mim
saia de mim como um peido
tudo que for perfeito
saia de mim como um grito
tudo que eu acredito
tudo que eu não esqueça
tudo que for certeza
saia de mim vomitado
expelido, exorcizado
tudo que está estagnado
saia de mim como escarro
espirro, pus, porra, sarro
sangue, lágrima, catarro
saia de mim a verdade
saia de mim a verdade
saia de mim a verdade

Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/titas/saia-de-mim.html>. Acesso em: 29 mar. 2021.

A repressão da sociedade e seus padrões ditados são assuntos enfatizados em muitas obras, como as que vimos no decorrer das atividades. Dessa forma, oportuniza aos alunos refletirem sobre o uso da literatura como uma expressão de cunho social, de comprometimento. Sob essa perspectiva, apresente aos alunos o seguinte texto:



Imagem, trabalhado nesta sequência, com a personagem Anésia

Disponível em:
<http://www.willtirando.com.br/category/anesia/>
Acesso em: 29 mar. 2021.

A situação descrita no texto, certamente, é uma realidade vivida por muitos alunos. Solicite que eles, inspirados na música, manifestem o que acham dos padrões impostos pelo Instagram.

6º passo: Interpretação

Na interpretação, propomos um sarau poético on-line a partir da obra "Eu", de Augusto do Anjos. Em um primeiro momento, o professor deve apresentar a ideia aos alunos e explicar como funciona um sarau. Depois, apresentar todos os passos do sarau. É necessário que o professor negocie com seus alunos o cronograma para o desenvolvimento das atividades; as interações entre o professor e os alunos podem ser feitas pelo *WhatsApp*, por meio de envio de vídeo e *podcast*. Sugerimos os seguintes passos:

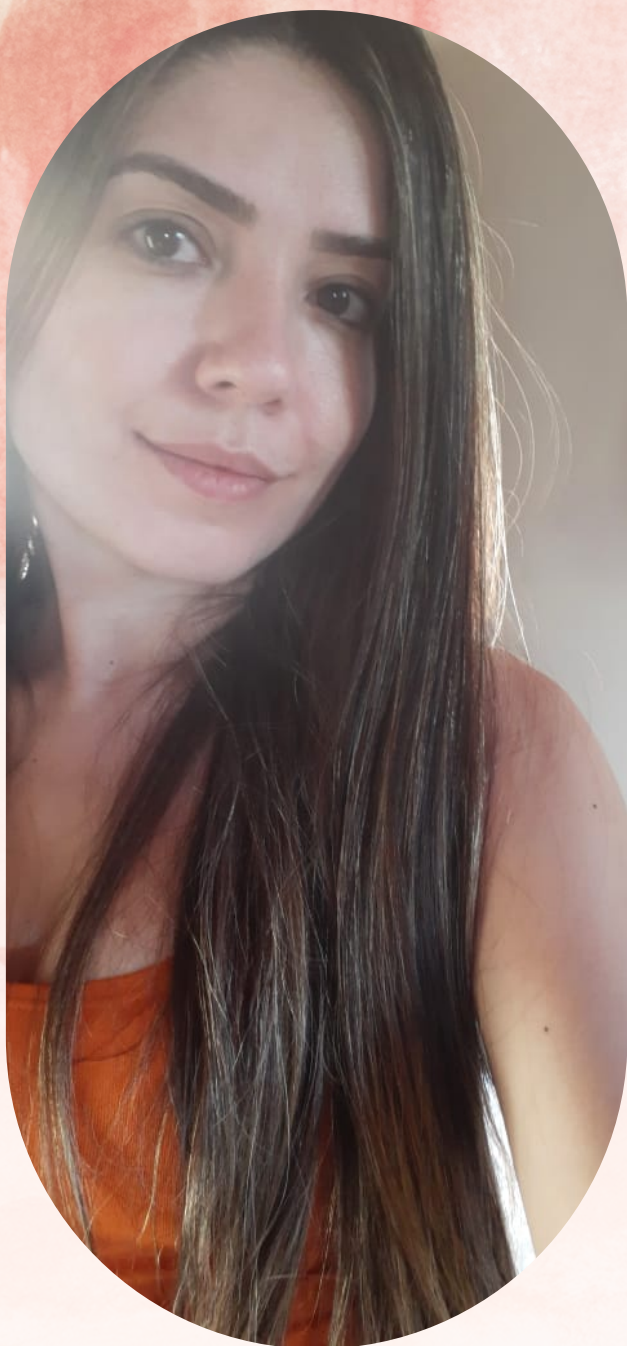
- 1 - escolha do poema pelos alunos;
- 2 - exibir um vídeo de alguém experiente declamando um poema de Augusto do Anjos (existem vários vídeos disponíveis na internet);
- 3 - gravação do vídeo dos alunos declamando o poema;
- 4 - divulgação do evento;
- 5 - postagens dos vídeos.

Durante o processo, algum aluno pode não se sentir confortável em realizar a declamação do poema, o que deve ser respeitado. Contudo, o professor deve incentivá-lo a participar de outra forma no sarau, como, por exemplo, na produção do convite do evento, na divulgação do evento, auxiliando na publicação dos vídeos, entre outras atividades que estão presentes do desenvolvimento do sarau.

Os vídeos podem ser publicados no *blog* da turma, criados no início das atividades literárias, ou podem ser publicados no *Instagram*, no *Facebook*, *WhatsApp*, ou no *YouTube*, para isso, é necessário o consentimento dos responsáveis pelos alunos.

Por fim, acreditamos que esse evento é uma forma de aprimorar a experiência literária do aluno e de propiciar o seu protagonismo, ao colocá-lo como criador artístico. Também é um meio de proporcionar uma aproximação com o clássico, que poderá gerar interesse e uma maior número de leitores de obras clássicas

A **INTERPRETAÇÃO**, última etapa da sequência básica, passa por dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a construção do sentido do texto pelo encontro pessoal do leitor com a obra, assim, Cosson (2019, p.65) explana que "(...) acompanha a decifração palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem em seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura".



Yeda Angelina Vieira Canuto

Mestranda em Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS), pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP), Campus Cajazeiras – PB (2021). Graduada em Direito pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (2011). Especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade Kurios (FAK) (2016). No momento, atua como professora efetiva na rede estadual da Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do presente estudo, constatou-se a importância do contato do aluno com o texto literário na escola, por meio de metodologias que auxiliem o professor a utilizarem os materiais de forma mais sistematizada. Dessa forma, havia uma necessidade de trabalhar com práticas pedagógicas no “Projeto Jovem Leitor”, programa do governo da Paraíba, implementado no ano de 2017, que contribuíssem para a formação do leitor de literatura.

Diante disso, realizou-se uma análise, para auxiliar o professor na prática pedagógica, do “Projeto Jovem Leitor” em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais, com vista a ampliar a competência literária dos estudantes mediante o letramento literário. No decorrer da pesquisa, verificou-se que tais práticas favorecem o desenvolvimento do leitor de literatura na escola.

Ao longo da história, o ensino de literatura na escola, de forma recorrente, assumiu um papel coadjuvante, como dar vez para o ensino da língua ou para transmitir a moralidade determinada pelo Estado. Em outros momentos, a sua prática na escola assume um caráter transmissivista ou ainda fragmentado, sendo trabalhado de forma descontextualizada. Destaca-se que, tais situações, caracterizam a realidade de muitas escolas brasileiras.

Diante disso, fica evidente a necessidade de realizar, na escola, um ensino de literatura significativo, em que o aluno disponha de forma integral do texto literário, em que a leitura não seja apenas um processo de decodificação, e sim, um processo no qual ele possa ser o protagonista, apropriando-se da obra literária de forma crítica.

Para que isso ocorra, é de suma importância o papel do professor, como mediador desse processo, ao usar métodos que proporcionem o letramento literário do aluno. Assim, é preciso observar as especificidades do leitor, como a cultura em que está inserido, o grau de letramento literário, para uma possível progressão, ao passo que faça uso de textos significativos ao destinatário.

Em vista disso, constatou-se que os principais documentos, que regem a educação no Brasil, dão notoriedade ao valor da literatura, como a BNCC (2017), documento responsável por nortear a elaboração dos currículos educacionais da educação básica. Em seu texto a BNCC (2017) discorre sobre o caráter humanizador, transformador e mobilizador da literatura, porém, ressalta que, para que isso se concretize, há necessidade de garantir a formação desse leitor, ainda em consonância

com os princípios do letramento literário; sugere práticas de literatura com o universo digital, uma forma significativa de letramento literário.

Assim, as políticas educacionais projetam meios para a criação de um ensino de qualidade, mas para desenvolver essa função, de forma eficaz, as escolas devem dispor de recursos pedagógicos suficientes. Por isso, a importância dos programas que são lançados, como o “Projeto Jovem Leitor”. Contudo, nota-se que ainda existem lacunas no ensino de literatura em face desse programa.

Como foi exposto no tópico 2.3, falta um suporte por parte do governo para incentivar a continuação do programa. Já que houve em 2017, uma formação com os professores que iriam aplicar o programa, ação muito positiva, porém tal ação só ocorreu no ano de 2017.

Conforme pode-se constatar, sobre as questões do letramento literário discutidas pelos pesquisadores da área, a simples leitura do texto literário não é suficiente para desenvolver a competência literária do aluno na escola, sendo necessário o uso de estratégias em seu ensino. Assim, é preciso coordenar um processo que ligue a obra e o aluno, em que este tenha sua necessidade de leitor suprida perante a sociedade. Um leitor autônomo, que se posicione diante do texto em suas várias dimensões, como a estética, cultura, política e ideológica. Nesse sentido, Cosson (2020) determina que o processo de letramento literário deve começar com a leitura do texto literário e terminar com o seu compartilhamento.

Com base nos estudos e com o resultado da pesquisa, é proposta uma intervenção que possa servir de suporte pedagógico para o professor trabalhar em sala de aula o letramento literário. A proposta é destinada para o 9º ano do Ensino Fundamental II, contudo, espera-se que sirva de base para o desenvolvimento do trabalho com as demais maletas. A sequência, sugerida aqui, denomina-se sequência básica e foi inspirada nos estudos de Cosson (2019). Cabe ressaltar que se parte de um material pré-selecionado, porém visto pelo viés positivo, diante da falta de material pedagógico, assim alocam-se alternativas para o aprimoramento do ensino de literatura na escola.

Diante do atual cenário que a educação brasileira vivencia, devido às circunstâncias resultantes da pandemia provocada pela COVID-19, este trabalho tem a intenção de lançar um olhar para os desafios que os docentes enfrentam em suas práticas, assim, as sequências, aqui propostas, estão adaptadas para serem aplicadas no ensino remoto.

Por fim, este trabalho visou contribuir para o aperfeiçoamento do uso do “Projeto Jovem Leitor” na formação de leitores proficientes, mediante a metodologia do letramento literário. Em vista disso, tem a intenção de incentivar o professor a ater uma visão sobre a relevância do letramento literário, a partir das discussões levantadas e do material desenvolvido, para que assim, não limite a sua prática em materiais prontos ou que estão na moda, muitas vezes desconexos com o público a quem é destinado, uma vez que os professores são peças fundamentais na construção do ensino e, conseqüentemente, na formação de leitores. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa ser eficaz em sua prática na sala de aula, contribuindo em um ensino significativo de literatura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia.; VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira de.; VILLALTA, Luiz Carlos. SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ANJOS, Augusto dos; organização Fabiano Calixto. **Eu**. São Paulo: Hedra, 2012.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 02 de maio de 2020
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNDL**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pndl> Acesso em 19 de abril de 2021.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>. Acesso em 02 abr. 2020.
- CEREJA. William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSTA, Luyse. **Anayde Beiriz – uma biografia em quadrinhos**. João Pessoa: Mundial Edições, 2016.
- DINIZ, Paloma. LUYSE COSTA E O RESGATE DA HISTÓRIA ATRAVÉS DOS QUADRINHOS. **IMAGINÁRIO!** v.6, p. 9 – 31. junho de 2014
<https://silo.tips/download/luyse-costa-e-o-resgate-da-historia-atraves-dos-quadrinhos>

FIDELIZ, Ana Claudia e S. A formação leitora do jovem e o consumo dos livros em série. **Em aberto**, v. 32, n.105, maio/ago.2019, pp.175-88. Disponível <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4216>> Acesso em 05 de janeiro de 2020.

Governo realiza formação do Projeto Jovem Leitor para professores de língua portuguesa. PBAGOA, 2017. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

JAHN, Livia Petry. Klévisson Viana e a Poesia de Cordel do Século XXI: Mass Media e Folkcomunicação. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.º 41, p. 113-130. dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/26074/15249>. Acesso em 19 de abril de 2021.

JOUVE, Vicent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAM, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**2005. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf>. Acesso em: 04 de março 2020.

KLEIMAM, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOCK, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. 13ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2018.

KOCK, Ingedore Villaça & ELIAS. **Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?** *Deserendo*, v. 5, n. 1, jan./jun. 2009, pp. 9-20. Disponível em: <<http://www.seer.upf.br/index.php/rd/article/view/924>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

PARAÍBA. **A Proposta Curricular do Estado da Paraíba (PCEP)**. Governo do Estado da Paraíba. 2019. Disponível em <http://www.undimepb.org.br/noticias/1084-proposta-curricular-do-estado-da-paraiba-versao-digital.html>. Acesso em 05 de maio de 2020.

Paraíba faz educação. Disponível em: <https://paraibafazeduacao.com.br/projetos/projeto-jovem-leitor/> Acesso em 19 de abril de 2021.

PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO (PB). Diário Oficial da União. **TERMO DE RATIFICAÇÃO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO REGISTRO CGE N. 17-01402-1/2017 “Projeto Jovem Leitor”**. João Pessoa, 27 de dezembro de 2017. LICITAÇÕES: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, Paraíba: DOU, ano 2017, n. 16.527, p. 28, 30 dez. 2017. Disponível em: <http://cge.pb.gov.br/gati/Uploads/doe/2017/12-Dezembro/30-Diario%20Oficial%2030-12-2017%20TOTAL.pdf> Acesso em 19 de abril de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.17-48.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian Vincent. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University press, 1984.

VIANA, Klévisson. **Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida**. São Paulo: Hedra, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global; Campinas: ALB – Associação da Leitura do Brasil, 2008.

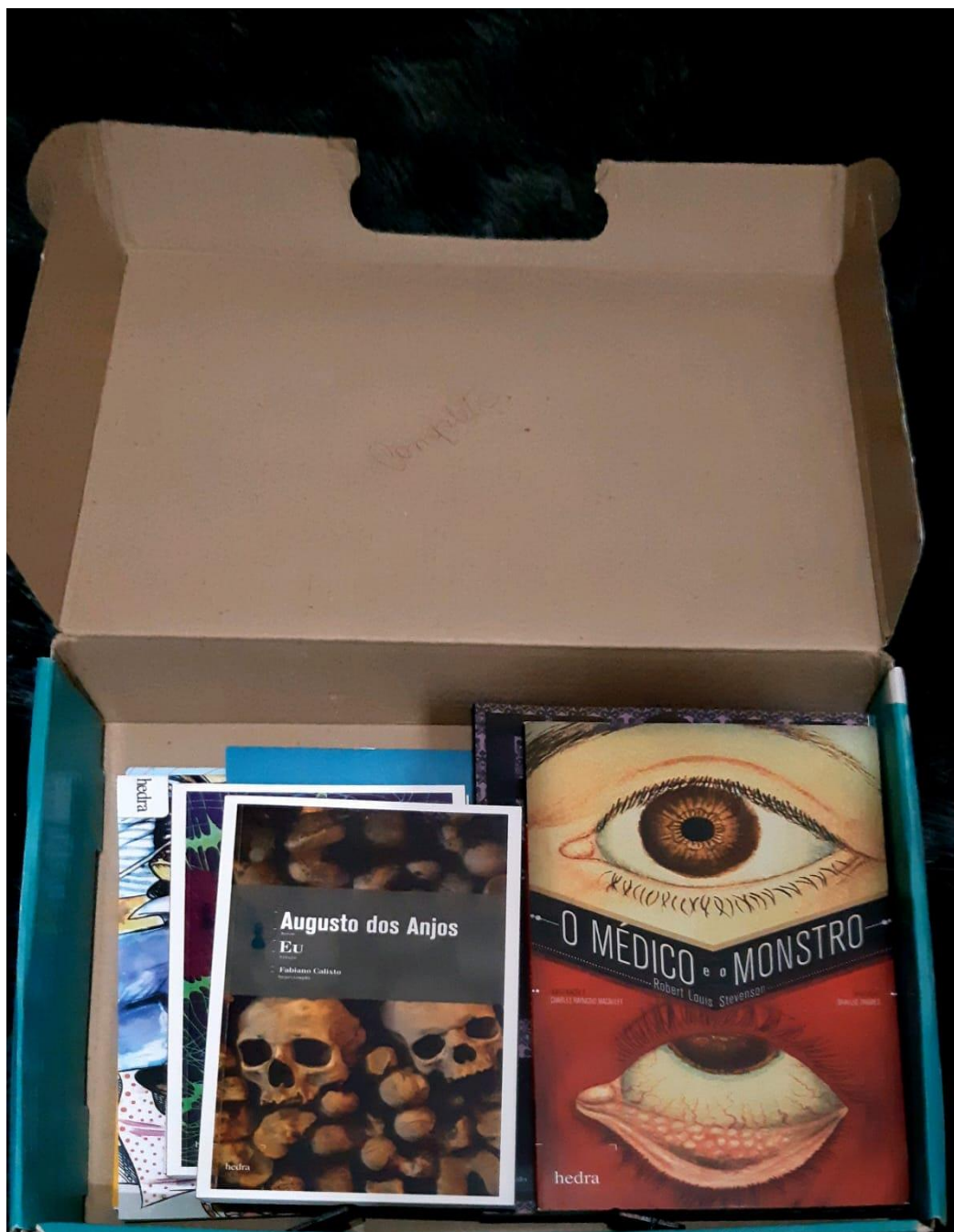
ANEXOS

ANEXO A – MALETA DO “PROJETO JOVEM LEITOR” (6º ANO)

ANEXO B – MALETA DO “PROJETO JOVEM LEITOR” (7º ANO)

ANEXO C – MALETA DO “PROJETO JOVEM LEITOR” (8º ANO)

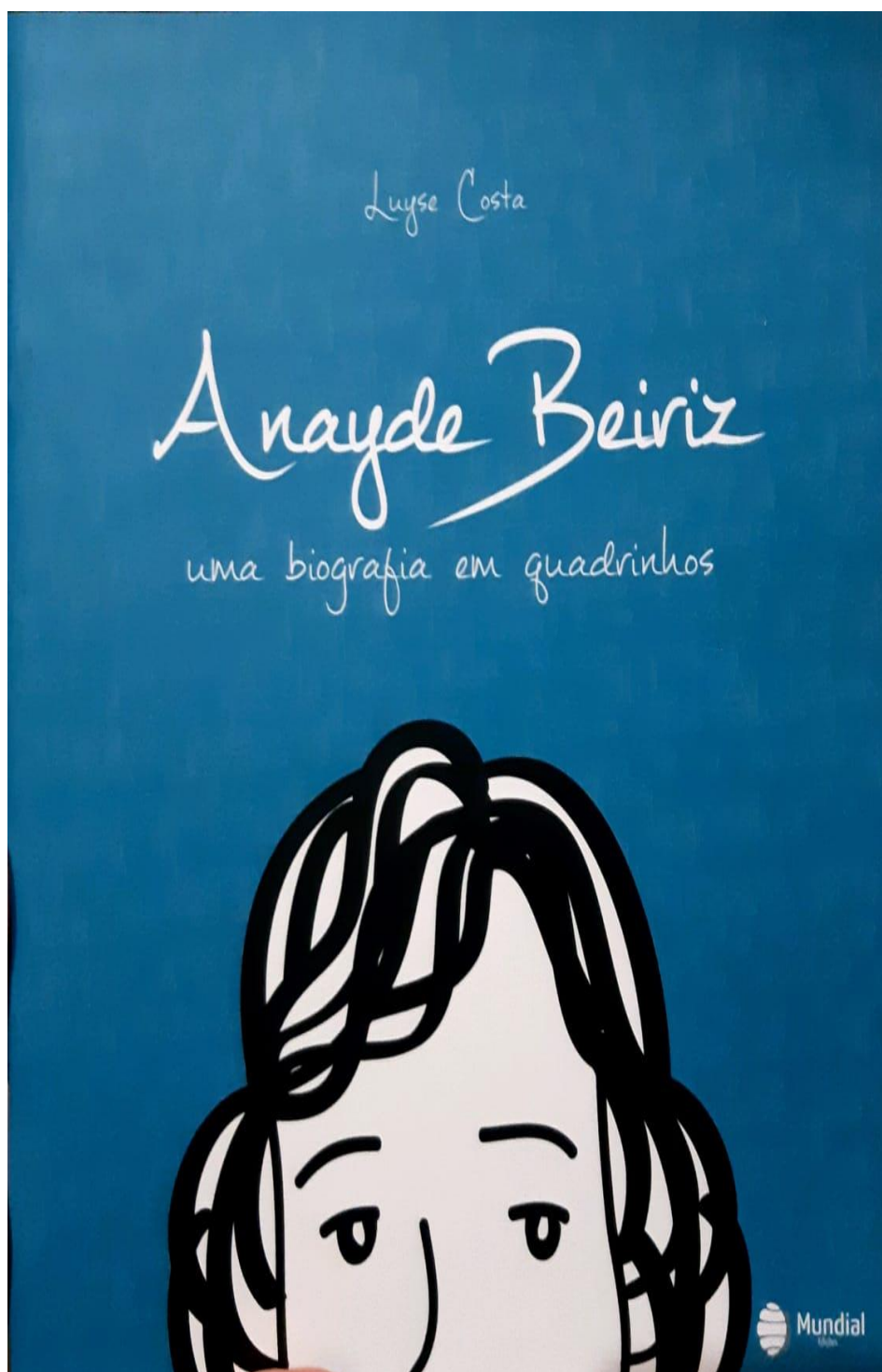
ANEXO D – MALETA DO “PROJETO JOVEM LEITOR” (9º ANO)

ANEXO E – OBRAS LITERÁRIAS CONTIDAS NA MALETA DO 9º ANO:

ANEXO F – LIVRO USADO NA PRIMEIRA SEQUÊNCIA



ANEXO G – LIVRO USADO NA SEGUNDA SEQUÊNCIA



ANEXO H – LIVRO USADO NA TERCEIRA SEQUÊNCIA

